

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

REVISTA

1977

DO INSTITUTO

HISTÓRICO E

GEOGRÁFICO

DE GOIÁS

6

# **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIAS**

— Fundado em 1933 e considerado de utilidade pública pelo decreto-lei nº 2.593 de 21 de novembro de 1939.

## **DIRETORIA**

Presidente: Prof. Colemar Natal e Silva

1º Vice-Presidente: Prof. Basileu Toledo França

2º Vice-Presidente: Prof. José Lopes Rodrigues

3º Vice-Presidente: Prof. Modesto Gomes

Secretário Geral: Prof. Luiz Gonzaga de Faria

Tesoureiro: Prof. Augusto da Paixão Fleury Curado

Orador Oficial: Dr. Altamiro de Moura Pacheco

---

### **ENDEREÇO:**

Rua 82, nº 455 — Centro

Caixa Postal 1.002

74.010 — Goiânia — Estado de Goiás — BRASIL

**REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

**Nº 6**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Ano 5

Nº 6 — Dezembro 1977

(Nova Fase)

Golânia.

irreg.

981 (05)



**REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

**Nº 6**

**DEZEMBRO — 1977**

# **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIAS**

**Edição organizada por  
Basileu Toledo França**

**Colaboradores: todos os sócios do Instituto Histórico e  
Geográfico de Goiás**

**Aceitamos permuta com publicações de cunho cultural  
Só publicamos colaboração quando solicitada.**

**Rua 82 nº 455 — Centro  
Caixa Postal 1.002  
(74.010) Goiânia — Goiás — Brasil**

## ÍNDICE

ECOS DA SEMANA DA PÁTRIA Colemar Natal e Silva	11
ANTONIO PIRENEUS 1879-1936) Humberto Crispim Borges	17
ESTILÍSTICA (enfoque estrutural) Moema de Castro e Silva Olival	21
CONJUNTURA ECONÔMICA, ADMINISTRATIVA E POLÍ- TICA DE GOIÁS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÈC XIX Maria Augusta de Moraes Sant'Ana	27
ATA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DOS PROFESSO- RAS BRÁULIO DO NASCIMENTO E VICENTE SALLES	39
GOIÁS E A INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO Vicente Sales	43
AMERICANO DO BRASIL E O CANCIONEIRO Bráulio do Nascimento	49
INSTITUTO HISTÓRICO DA POSSE A NERTAN MACEDO	63
DISCURSO DE NERTAN MACEDO	71
CANTO SEGUNDO DE QUE CONTÉM A HISTÓRIA DE TASSO, SOFRÔNIA E OLINDO	81
ATIVIDADES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFI- CO DE GOIÁS Maria da Glória Scartezini	95
LITERATURA ORAL Basileu Toledo França	109
A POESIA DE GOIÁS I Traços característicos da Poesia de Goiás	115
O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES DE GOIÁS Lena Castello Branco Ferreira Costa	129
VIAGEM ATRAVÉS DE GOIÁS E MATO GROSSO EM 1972 Carlos Francisco Moura	165

## ÉCOS DA SEMANA DA PÁTRIA

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, executando o seu programa cultural e cívico, de acordo com os dispositivos dos estatutos que o regem, realiza hoje comemoração à data nacional de aniversário do nascimento de LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, Duque de Caxias.

Bem sabemos que há nomes símbolos: sintetizam a Pátria, significam glória, encerram como que a voz de uma nacionalidade no breve concerto de sua pronúncia.

Revivem a História, muitas vezes encarnam a política contemporânea, evocam a tradição e significam o orgulho nacional excedendo o âmbito de uma nacionalidade, passam a representar, mesmo internacionalmente, um patrimônio de bravura epatriotismo como motivo superior de renome.

LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA — é um desses nomes símbolos. Padrão de honra, civismo e coragem a serviço da Pátria, evocar seu nome, mais de que glorificar um herói, é pôr em destaque uma fase longa, fecunda e dignificante da vida brasileira, nessas horas difíceis em que só a bravura indomável, a visão ao mesmo tempo clara, precisa e desassombrada, dignifica o passado, decide o presente e garante o futuro.

Se a psicologia individual ensina que o sofrimento eleva, purifica e engrandece o homem, não menos certo é que a psicologia social nos aponta, como verdade comprovada, a observação de que, também na vida coletiva, os momentos de provação cívica retemperam a fibra das nacionalidades.

Ela, como os homens que vivem no ócio, no conforto, no comodismo entorpecente da vida fácil, ficam com ânimo fraco e amolentado e muitas vezes se deixam entibiar e vencer pela falta dessa vontade férrea que sabe sobrepujar, remover, destruir obstáculos sérios e graves.

Quando nuvens negras toldam o horizonte de uma pátria, quando sopram mais forte os ventos que vêm de longe agitar o pavilhão nacional, quando surge um desses motivos capazes de estremecer toda uma nacionalidade, a base da salvação está mais no ânimo intrépido, resoluto, destemido, do que no próprio aparelhamento material que deve ser manejado pelos homens, na luta.

Conhecem-se exércitos que, admirável e fortemente municiados, não triunfaram, pela falta da chama sagrada que deveria manter acesas as suas lutas.

É cousa de que todos nós devemos estar certos a de que se a vontade individual faz prodígios quando se dispõe a alcançar um objetivo superior, sem medir sacrifícios de quaisquer ordens, a vontade coletiva é invencível quando norteadada pelo motivo supremo da salvação nacional.

Na bravura, no desassombro, na coragem e na exata compreensão dos deveres de seus filhos, mais de que em qualquer outra cousa, repousa a garantia da própria soberania de um povo.

É por isso, Senhores, que nenhum momento se faz mais oportuno, certo e justo para a Pátria brasileira comemorar, lembrar, enaltecendo, revivendo, a glória dos filhos que simbolizam a dignidade da raça.

Nem será demais que essa glória seja cantada através de tantas comemorações seguidas e que a história dessas vidas seja assaz repetida para que todos melhor a ouçam, a compreendam e gravem-na de memória.

É agradável, fácil e convidativo relembrar a vida e a obra de brasileiros como Duque de Caxias.

Dentre a quase centena de escritores e conferencistas que historiaram a sua trajetória, o que se vê, ao lê-los estudá-los, é que sobram inspiração para todos.

Dentre esses biógrafos ilustres apraz-me citar apenas dois, dos mais eminentes e brilhantes: O Arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia e o General Souza Doca, ex-Presidente da Federação das Academias de Letras Brasileiras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul que, embora rápidos como meteoros, em sua passagem, pelo meio intelectual goiano, aqui deixaram traços cheios de luz e de esplendor de sua intelectualidade.

Os versos do eminentíssimo Arcebispo encerram, só por si, um poema de glória, quando diz:

Em teu nome, ó Caxias, se encerra  
todo o ideal do Brasil militar:  
uma espada tão brava na guerra,  
quão fecunda na paz, a brilhar.

Tu que foste, qual fiel condestável  
do dever e da lei o campeão,  
Sê o indígite sacro e inviolável  
que hoje inspira e protege a nação.

“E Caxias que, como Agrícola, segundo Tácito, “nada rejeitava por temor, procedendo, em tudo com equanimidade de energia e prudência”, venceu sem precipitação, venceu pelo raciocínio, venceu como sempre vencera: matematicamente, isto é, depois de encontrar em sua imaginação fecunda e pronta, a incógnita da vitória.

“Ali estava, atraindo a convergência de todos os olhares e o entusiasmo respeitoso de todos os bravos, “o grande herói tranquilo”, o deus Marte que, metamorfoseado em Vulcano, forjara os raios da bravura humana que fulminaram os heróicos soldados de Cabalero e de Serrano — e contemplava com admiração orgulhosa os heróis que ele inflamara e sobreviviam tendo, ao mesmo tempo, a alma ajoelhada ante os despojos dos bravos que sucumbiram na luta.”

Era bem a imagem da Pátria glorificada e dolorida.

Sintetizando o Brasil, na sua bravura, na sua gratidão, no seu amor à paz, nos seus anseios de grandeza, na consagração das virtudes que constituem o Belo e o Bem é que devemos ver, sempre, o grande Duque imortal, porque esse mestre admirável de civismo, pelas suas missões de brasilidade, esse exemplo edificante de bondade manifestado em todos os atos de sua vida, foi o protetor da unidade nacional e, portanto, da grandeza do Brasil.

A vida de LIMA E SILVA é um desdobrar contínuo de páginas gloriosas, de atos, gestos dignos de menção detalhada.

Encarada em seu conjunto, porém, ela apresenta um singular aspecto de harmonia, através de todos os fatos que o dirigiram sempre, invariavelmente à meta visada e alcançada com um esplendor incomparável: o bem estar da Pátria brasileira.

No entanto, sem descer ao estudo e à menção de cada um desses múltiplos aspectos, parece-nos oportuno repetir o conceito seguro do grande Visconde de Taunay à beira do túmulo de nosso herói:

“Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior essa individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza.”

Se a evocação desses nomes tutelares era oportuna nos tempos de maior tranquilidade e paz, ela se faz inspiradora e relevante nos momentos em que a humanidade vive inquieta e a civilização atual, ela própria, gera uma série de problemas complexos, cuja solução vinca a frente dos estadistas de hoje.

Que se desdobre, em panoramas sucessivos, ante a consciência nacional, a vida e a obra de bravos dessa estirpe de Caxias, cuja ação benfazeja se fez patrimônio comum.

Lá ds alturas consteladas onde paira o seu espírito condoreiro que ilumina toda a vastidão de nossa Pátria, de norte a sul, de leste a oeste, evocamos a glória do seu passado e o calor do seu exemplo.

Qual se fora nas horas incertas da gigantesca batalha de Iitororó, quando “os generais caíam espadanando sangue, os comandantes morriam nos seus postos e os nossos soldados recuavam pisando mortos e feridos, arranca tua espada, Caxias, e inspira de novo ação e movimento, repetindo o que disseste aos que se lançaram sobre a ponte, mesmo depois do terceiro e perigoso rechaço de tua vanguarda: “Sigam-me os que forem brasileiros!”

Senhores, num rápido relance de todas as nossas lutas: a expulsão dos holandeses, as lutas da independência, a guerra do Paraguai, enfim, todas essas pugnas que são muitas, testando os sentimentos de patriotismo e brasilidade, vê-se que não podem ser esquecidos — devem ser evocados, revividos por nós.

Quem viveu alimentando sonhos de paz; quem fez da arbitragem um princípio de aplicação geral; quem nunca praticou guerras de conquista; quem tem a ventura suprema de ostentar uma política internacional que é um padrão de harmonia, cordialidade, respeito e tolerância, dentro e fora do continente, traz consigo a consciência pura dos povos serenos e verdadeiramente fortes.

Se a soberania nacional for, algum dia, ameaçada neste mundo conturbado em que vive a humanidade, pode o Brasil olhar com altivez e segurança para o passado, pode confiar no presente e estar certo de que o futuro garantirá a continuidade histórica da vida brasileira.

Ao feliz ensejo da evocação do exemplo desse guia incomparável, estará segura a nacionalidade.

Quem tem essa história, quem conta com esses vultos, quem tem essa fé inabalável no Direito e na Justiça, nada pode temer.

É certo esse slogan de hoje:

"Somos, na verdade, um País que caminha para a frente!"

**Prof. Colemar Natal e Silva**

Goiânia, 2 de setembro de 1976



# ANTÔNIO PIRENEUS DE SOUSA

(1879 — 1936)

Humberto Crispim Borges

## 1. NATURALIDADE — FILIAÇÃO.

Nasceu na cidade de Bonfim, aos 25 de agosto de 1879, filho de Antônio Bertoldo de Sousa e de Luisa Francisca da Silva. Avó paterna: Emerenciana Rodrigues de Moraes. Avós maternos: Francisco José da Silva e Ana Rodrigues de Moraes e Silva.

## 2. ESTUDOS.

- a. **Primário:** em sua cidade natal;
- b. **Secundário:** no Liceu de Goiás e na Escola Preparatória de Tática, de Rio Pardo — RS;
- c. **Superior:** na Escola Militar do Brasil;
- d. **Profissional:** na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

## 3. INGRESSO NA CARREIRA MILITAR

Voluntariamente, assentou praça a 9 de maio de 1898, com destino a Escola Preparatória de Tática, passando depois, em 1901, para a Escola Militar do Brasil, onde, por autorização do Ministério da Guerra (1903), sendo Antônio Bertoldo de Sousa, foi-lhe permitido assinar-se Antônio PIRENEUS de Sousa.

## 4. PROMOÇÕES.

Aspirante a Oficial — 9 de abril de 1906; 2º tenente — 19 de fevereiro de 1907; 1º tenente — 27 de janeiro de 1915; capitão — 14 de janeiro de 1920; major (merecimento) — 28 de julho de 1927; tenente-coronel (merecimento) — 7 de agosto de 1930; coronel (merecimento) — 29 de dezembro de 1932.

## 5. UNIDADES EM QUE SERVIU.

6º Batalhão de Artilharia de Posição; 5º Regimento de Artilharia de Campanha; 19º Batalhão de Caçadores; Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de MT — AM; 5º Regimento de Infantaria; 6º Batalhão de Engenharia; 15º Batalhão de Caçadores; Comissão de Limites entre o Brasil e o Peru; Expedição Científica Roosevelt-Rondon; 5º Batalhão de Engenharia; 4º Regimento de Infantaria; Ajudante de Ordens do Comando da Circunscrição do Paraná; 23º Batalhão de Infantaria; Departamento da Guerra; 6º Batalhão de Caçadores — Operações do Contestado — 3º Regimento de Infantaria; 27º Batalhão de Caçadores; Escola de Sargentos das Armas; 6º BC; 6º Regimento de Infantaria.

## 6. MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS EM QUE TOMOU PARTE.

Sedição da Escola Militar (1905) — Operações do Contestado (1917) — Luta contra os rebeldes do Paraná e Santa Catarina (1924) — Revolução de 1930 — Revolução Constitucionalista de S. Paulo. em 1932, quando, no comando do 6º BC, se bateu pela legalidade.

## 7. MEDALHA.

Recebeu em 1912, das mãos do coronel Cândido Mariano Rondon, uma medalha de prata, oferta dos matogrossenses residentes no Rio de Janeiro, em comemoração da travessia do sertão (Mato Grosso — Amazonas), em 1909.

## 8. COMISSÃO CIVIL.

Em 1933 fez parte da Comissão, nomeada pelo Interventor Federal de Goiás, para estudar o local apropriado à construção da futura Capital do Estado, recaindo a escolha sobre o município de Campinas.

## 9. CASAMENTO.

Foi casado com a senhora Lourdes de Sousa, sem sucesso.

## 10. FALECIMENTO.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1936.

## 11. REFERÊNCIAS ELOGIOSAS.

- a. Do Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães, no livro *Pelos Sertões do Brasil*:

“Duas palavras sobre o tenente Pireneus. — Este oficial serviu na Comissão Rondon de 1907 a 1916, a maior parte do tempo em pleno sertão de Mato Grosso; tomou parte em várias expedições perigosas e trabalhosas. Oficial destemido e enérgico, de notável resistência física, é além disso, um grande nadador e um mergulhador insigne. Conta-se a este propósito um episódio no rio Jaurú, afluente do alto-Paraguai, pela margem direita: havia naufragado ali uma chata da Comissão, carregada de fio galvanizado que, conduzido assim por via fluvial se destinava à construção da linha telegráfica de Cárceres a Mato Grosso. Chamaram-se, para o trabalho de salvamento, os principais mergulhadores conhecidos, desde o sargento até o último soldado, e nenhum deles conseguiu atingir o fundo do rio. Cada mergulhador levava na mão um cabo fino de corda forte, a cuja extremidade se fixara um gancho de ferro, destinado a representar o papel de anzol, naquela pescaria sui generis de rolos de arame com o peso de 50kg. cada um! Era urgente e indispensável salvar o arame porque não havia tempo de mandar vir outra porção do Rio de Janeiro e nem mesmo de ponto mais próximo, visto como Rondon tomara já o compromisso de inaugurar em data prefixada a linha de São Luís de Cárceres à antiga e abandonada capital de Mato Grosso. E o compromisso tomado, a palavra empenhada, por um chefe como Rondon é coisa muito séria! Além de correntoso, o Jaurú estava, no momento, muito chelo e, no local do desastre, era bastante profundo, conforme sondagens anteriores o revelavam. Pois bem, foi o tenente Pireneus que conseguiu mergulhar até o ponto em que se encontrava o arame no fundo do rio, e repetir a manobra tantas vezes quantas foi necessário, para salvar o material, o que representou também evitar-se à Nação um regular prejuízo...”

- b. Do comandante do 6º Batalhão de Caçadores, em 1926: "Capitão Antônio Pireneus de Sousa. — Ao desligar este oficial, faço-o com bastante pesar, já pelo afastamento de tão distinto camarada, já por ser este batalhão privado do carinho e zelo com que tratava tudo que lhe diz respeito.

A trajetória luminosa deixada nesta caserna pelo capitão Pireneus nunca se apagará. Trabalhador infatigável, disciplinado e leal, inteligente e resoluto, tenaz e bravo, são os seus característicos. A Linha de Tiro, com sua piscina e campo de instrução, são obras exclusivamente da sua força de vontade. Oficial extremamente operoso e consciencioso, sem pretenções a manter, tem sabido impor-se como verdadeiro apóstolo da instrução na qual julga, com acerto, pairar a força capaz de garantir e fortalecer as nossas instituições e a nossa Pátria e, nesse particular, a sua alma de militar brioso e educado expande com inteligência e impetuosidade, tal que não conhece dificuldades e impossíveis; em nome do batalhão agradeço a tão distinto camarada, felicitando a nova unidade que vai tê-lo em seu seio".

- c. Do general comandante da 4ª Divisão de Infantaria em 1932:

"Ten-Cel ANTÔNIO PIRENEUS DE SOUSA, o calmo e perseverante comandante do 6º BC, que à frente de sua brilhante unidade manteve bravamente todas as suas posições nos combates de 5 a 6 de agosto, apesar da grave ameaça que pesava sobre as nossas linhas; é chefe que sabe fazer o emprego racional de sua tropa, mantendo-a coesa e admiravelmente na mão em todas as situações."

## ESTILÍSTICA

### Enfoque estrutural

Trabalho realizado pela Prof<sup>a</sup> Moema de Castro e Silva Olival para o Curso de Cultura Goiana.

“Ninguém pode, sem preparação, inserir sua liberdade de escritor na opacidade da língua porque, através dela, toda a história se mantém completa e unida à maneira de uma natureza.” (1)

Língua, sistema, código, padrão coletivo que serve de veículo à comunicação linguística é a matéria-prima do escritor.

De sua habilidade em trabalhar esta matéria-prima, de suas possibilidades combinatórias no artesanato deste material bruto, teremos a “parole”, ou seja, a manifestação da língua no discurso que J. Mattoso Câmara Jr. define como “o fenômeno da enunciação linguística”. (2)

Será uma manifestação individual, portanto, caracteriza um sistema de possibilidades de estilo e de escritura.

Entendendo como Roland Barthes que o estilo seja “fenômeno de ordem germinativa, transmutação de um humor” (3), potencial necessário, produto de impulso e não de intenção, e, a escritura “ato de solidariedade histórica, produto de intenção e de escolha” (4) funcionando como critério de sinal e engajamento que nos permitem situar o nosso escritor num contexto social, histórico e cultural, levantaríamos um problema: como julgar um escritor frente à Língua e Estilo (objetos) e à Escritura (função)?

O caráter formal da língua reflete-se no fenômeno literário definido na sua dupla estruturação: linguística sistema semiótico primário) e estético-literária (sistema semiótico secundário — denominações de Hjelmslev) que se manifesta através da primeira.

---

1) Roland Barthes — “O Grau Zero da Escritura” — S. P. Ed. Cultrix — 1971, p. 20.

2) J. Mattoso Câmara Jr. — “Noções de Estilística” (súmulas) in revista *Littera* nº 2 — Grifo — 1971.

3) Roland Barthes — *op. cit.* p. 21

4) *Idem*, *Ibidem*.

A linguagem literária, sendo forma particular de comunicação com objetivos essencialmente estéticos, permite ao escritor amplo campo de criatividade, não somente ampliando o texto através da plurivocidade de signos conotativos, mas, ainda, no tocante ao manejo de sua estrutura primária, podendo submetê-la a uma série de experiências criadoras. Mas, qual a extensão dessa liberdade?

Como diferenciar a noção de "erro", da possibilidade de "deformação estilística"? Como repudiar a infração condenada e aceitar a infração abonada?

Vejam os que entidades repudiam ou que entidades abonam.

A teoria de Noam Chomsky (5) fornece valiosos subsídios. Partindo da divisão colateral à de Saussure (*langue* — *parole*), Noam Chomsky concebe o binômio: "**competence**" (o conhecimento que o locutor-auditor tem de sua língua) e a "**performance**" (emprego efetivo da língua em situações concretas).

A noção de "aceitável" não estaria presa, sempre, à noção de gramatical, uma vez que "aceitável" é um conceito, pertencendo ao estudo da "**performance**", enquanto que a gramática se ocupa da "**competence**".

Eugenio Coseriu, depois de observar que os conceitos de língua e fala são graus diferentes de formalização da mesma realidade objetiva, propõe uma divisão tripartida com base nos diferentes graus de abstração:

- 1 — Manifestação concreta — fala (discurso).
- 2 — Primeiro grau de abstração — normas.
- 3 — Segundo grau de abstração — sistema (língua) (6)

A norma seria o conjunto de realizações linguísticas constantes e repetidas, de caráter sócio-cultural, dependentes de vários fatores operantes na comunidade idiomática.

"La Norma, puede coincidir aparentemente con el sistema. (Cuando el sistema ofrece una única posibilidad.) Así como la realización individual puede coincidir con la norma. Pero esto no significa que pueda dejarse de distinguir los dos conceptos que se refieren a distintos planos de abstracción." (7)

Sendo um conjunto de realizações resultantes de imposi-

---

5) Noam Chomsky — "Aspects de la théorie syntaxique" — Paris — Ed. Seuil — 1971.

6) Eugenio Coseriu — "Teoría del Lenguaje y Lingüística General" — 2ª ed. — Madrid — Ed. Gredes S.A. — 1967.

7) Eugenio Coseriu — "Teoría del Lenguaje y Lingüística General" — 2ª ed. — Madrid — Ed. Gredes S.A. — 1967

ções sociais e culturais, a norma varia conforme a comunidade. O fato ocorre em relação aos níveis de fala. Assim, dentro de uma mesma comunidade linguística nacional, dentro de um mesmo sistema funcional, podem comprovar-se várias normas: “lenguaje familiar”, “lenguaje popular”, “lengua literária”, etc.

Impõe-se ao usuário que, tendo consciência do sistema, o utilizará, podendo, no entanto, obedecer-lhe ou não. Com a norma, rompem conscientemente os grandes criadores da língua utilizando, em seu mais alto grau, as possibilidades do sistema.

A atividade mental do indivíduo falante consiste, justamente na aplicação original do sistema dentro ou fora do permitido pela norma.

Ora, o sistema tem uma entidade que fiscaliza sua aplicação: a gramática, sendo a norma gramatical de natureza coletiva, tal como seu objeto.

Na língua escrita, ela seria responsável pela homogeneidade de procedimentos, tendo em vista os diferentes níveis de fala.

A língua literária, já vimos, é a superposição de duas estruturas: a linguística e a estético-literária; deve, primeiramente, prestar contas à norma gramatical, fiscalizadora do sistema. Em seguida, sua característica essencial — preocupação estética — tem de ser controlada por outra entidade: a norma estilística que será regulada por uma força geral, de época (história e cultura) e por uma força individual: o estilo.

O estilo pode ser definido, também, como um desvio da norma.

Mattoso Câmara Jr. nos esclarece que o traço estilístico, via de regra, se caracteriza por um desvio da norma gramatical vigente. (8)

E Michael Riffaterre (9) vê, no fato de estilo, uma ruptura ou “desvio” que se estabelece em relação a uma norma centrada na correção ou uso. Teríamos, então, duas posições: o desvio — infração de regras — perspectivas mais retórica, e o desvio — o raro, o não frequente — perspectiva mais linguística, sendo considerado fato de estilo tudo que se afastar do uso-norma.

“O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectual servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e de apelo, é, naturalmente, levado a

---

8) Mattoso Câmara Jr. — opus cit. — p. 91.

9) Michael Riffaterre — “Estilística Estrutural” — Ed. Cultrix Ltda. 1973.

“deformar” os fatos gramaticais, quando por eles aquelas funções não poderiam figurar.” (10)

Então o erro estaria representado pela infração da norma gramatical, mas com a seguinte característica: desprovido de finalidade estética, deslocado de um contexto em que seria pertinente em relação a alguma estrutura do sintagma narrativo, por ex.: se alguém escrevesse “Mim quer falar com você” ninguém duvidaria em apontar o erro.

Mas, quando Clarice Lispector, em “A Paixão Segundo G. H.”, abordando problemas existenciais, num existencialismo todo Kierkegardiano, realiza profunda análise do seu “eu”, e, tentando provar a afirmação individual através de um impasse no seu “modus vivendi”, escreve: “Eu não sou tu, mas mim és tu”. (p. 157), afirma a sua estrutura mental através da estrutura linguística.

Sentindo-se, ao mesmo tempo, sujeito e objeto, estabelece uma interdependência entre a existência e a linguagem. A sua construção linguística fará parte de um todo e será abonada pela norma estilística.

Redundando em efeito negativo, o erro infringiria a norma linguística sem abono da norma estético-literária, da norma estilística capaz de sancionar, em última instância, determinadas atitudes de criatividade dos autores.

Haveria um único problema: por ser estética, é subjetiva e relativa.

Pensamos que, neste momento, a característica histórica e social da Escritura é muito importante. Estará norteando o prazer estético.

Examinemos a poesia moderna: como entendê-la, sem nos deslocarmos da imagem da sintaxe tradicional?

“Na linguagem clássica são as relações que dirigem a palavra, levando-a logo para um sentido projetado; na poesia moderna, as relações são, apenas, extensão da palavra; é a Palavra que é a “morada”.

“Uma poesia objetiva, e o discurso se reduz a estações de palavras”. (11)

E as imposições de um mundo velozmente alterado em sua estrutura básica, a destruição dos valores tradicionais são elementos que nos condicionam a tipo de julgamento condescendente com iniciativas de ruptura, justificando a pluralidade

---

10) Mattoso Cymara Jr. — opus cit. — p. 93.

11) Roland Berthes — Opus cit. — p. 62.

das escrituras modernas que, por si, nortelam os critérios de avaliação.

Cria-se um impasse nas condições de julgamento.

O progresso dos estudos psico-pedagógicos nos ensina que devemos alimentar a criatividade e a desinibição. É preciso que o estudante lance as suas idéias, de maneira segura, confiante. Mas, sua mensagem será julgada pelo padrão de uma entidade fiscalizadora e "castradora": a gramática.

Muitas vezes, os textos usados no ginásio reproduzem traços de deformação estilística. Citados como exemplos, não seriam aceitos nos trabalhos escolares. Então, a conscientização da problemática acima exposta parece vital na docência da Língua Portuguesa.

Convém ajustar o trabalho a um ritmo de programação:

1º — alimentar a criatividade

2º — condicionar a mensagem obtida a padrões de uma norma linguística gramatical.

Treina-se os músculos que possibilitarão os saltos.

E o aluno perceberá que este passo é necessário; que, de sua segurança nesta área, estará dependente sua possibilidade de dominar a área superior, ou seja, a estético-literária.

Assim a conscientização de estrutura linguística não será julgada sob ângulo de coerção, mas de promessas futuras, de projeções futuras.

O escritor, sendo artesão, deve assegurar a autenticidade e legitimidade de sua matéria-prima: a língua.

#### BIBLIOGRAFIA GERAL:

- 1 — Câmara Júnior, J. Mattoso — "Noções de Estilística" in revista Littera — Grifo — nº 2 — 1971.
- 2 — Barthes, Roland — "O Grau Zero da Escritura" — S. P. Ed. Cultrix 1971.
- 3 — Coseriu, Eugenio — "Teori ad el Lenguaje y Linguística General" — 2ª ed. — Madrid — Ed. Gredos S.A. — 1971.
- 4 — Chomsky, Noam — "Aspects de la théorie syntaxique" — Paris — Ed. Seuil — 1971.
- 5 — Riffaterre, Michael — "Estilística Estrutural" — Ed. Cultrix — S.P. — 1971.



# CONJUNTURA ECONÔMICA, ADMINISTRATIVA E POLITICA DE GOIÁS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

**Maria Augusta de Sant'Ana Moraes**

## 1. Economia e administração

### 1.1. O desaparecimento do ouro.\*

Com a decadência da mineração nossos governos, que antes procuravam canalizar toda a mão de obra disponível da Capitania para as minas de ouro, passaram a promover e incentivar a agricultura, antes tida e havida como mister menos digno, conceito esse que se enraizou na mentalidade de nossos homens.

Vários foram os fatores que dificultaram ou impediram o rápido incremento da agricultura em Goiás:

— desprezo dos mineiros pelo trabalho agrícola, que viam na categoria do roceiro um "status" social inferior ao do mineiro;

— pequena rentabilidade;

— legislação fiscal inadequada — os dízimos, injustos na forma de pagamento e avaliação;

— dificuldade de transporte e deficiência de sistema viário;

— ausência de mercado consumidor — aqueles que poderiam comprar nossos produtos, como Minas e São Paulo, eram nosso próprios concorrentes.

Ao se fechar a cortina do século das luzes, desolador era o estado da Capitania de Goiás, onde a mineração já não representava atividade econômica significativa — produção aproximada em seis arrobas anuais e a agro-pecuária circunscrita à produção de consumo e ocorrendo o abandono da população que, em revoada buscava outras Províncias mais promissoras.

Em 1809, quando D. Francisco de Assis Mascarenhas transmitia o governo ao seu sucessor Fernando Delgado, decla-

---

\* Para esta caracterização sucinta da decadência da economia do ouro apolei-me, exclusivamente, no livro de Pe Palacin "Goiás 1722-1822 — conjuntura e estrutura de uma capitania de minas", Goiânia, DE, 1972.

rou, entre outras lamúrias, que durante a sua administração não fora possível edificar uma obra pública e nem ao menos reparar as já existentes.

## 1.2. Impulsos governamentais à agro-pecuária.

Como medida salvadora o Príncipe Regente passou a incentivar não só a agricultura como a pecuária, o comércio e a navegação dos rios regionais.

Com este propósito medidas governamentais foram tomadas afim de auxiliar o crescimento de Goiás, que, segundo Alencastre, já se delineava um cadáver. Tais como:

— isenção dos dízimos por espaço de dez anos aos lavradores que fundassem estabelecimentos agrícolas nas margens do Tocantins que, pela maior proximidade com centros comerciais, logrou alcançar certo impulso, formando-se pequenos núcleos de população;

— incentivos à navegação do Araguaia, por onde se escoaria a produção. Entre os anos de 1805—1808 viagens experimentais foram realizadas. Canoas e montarias carregadas de fardos de algodão, açúcar, fumo, couros, sola, aguardente, carne seca, goiabada, feijão, farinha arroz, trigo, desceram o grande rio, indo, lucrativamente, ter às praças do Pará. Infelizmente tal comércio, por motivos vários, entre eles o desinteresse do governo do Pará e a ausência de capital, fizeram da navegação, nos anos que se seguiram, letra morta;

— tentativa de se desenvolver a navegação dos rios do sul de Goiás que se comunicam com Minas e São Paulo, uma vez que as vias terrestres que demandavam a essas províncias eram precárias, longas e muito encareciam o comércio;

— revogação do alvará de 5 de janeiro de 1785, de caráter geral para o Brasil, que proibia e extinguiu as fábricas de manufaturas, seguido de incentivos à cultura do algodão e à criação de fábricas de tecer. Em 1818 fundou-se uma fábrica de tecidos na cidade de Goiás, que, como era de se prever, teve duração efêmera.

Falando em incentivos governamentais com objetivos de atenuar a decadência de Goiás nas primeiras décadas do século XIX, não se poderia deixar de citar os descobertos auríferos de Anicuns (1809), que trouxeram, para aqueles que eram obrigados a fornecerem 12 praças de serviços (escravos); na falta destes a sociedade ainda admitia o trabalho livre, mediante salário. O rendimento líquido de 20.947\$735 desta mineração foi no fim do primeiro ano (1809): registrando-se, no

entanto, logo em seguida, decadência gradativa. Ao cabo de três anos, a renda se somavam apenas 3:615,00, para depois desaparecer, surgindo, no local das minas, a povoação de Anicuns, pequena e acanhada.

A maioria dos mineiros que aqui permaneceu após a decadência do ouro, dedicou-se à indústria pastoril, ocupação econômica que, ao que parece, passou quase despercebida pela visão governamental. Na primeira década do século XIX registrou-se uma exportação de 15:358 rezes, representando um valor de 33:288,900. No sul uma rez era vendida por 4:800; no norte seu preço era de 1::500, por ser de inferior qualidade. As primeiras exportações consideráveis de gado vacum de Goiás datam do governo de Lino de Moraes (1827-1831).

A indústria agro-pastoril desenvolveu-se em Goiás graças às suas pastagens e por ser o único produto que se conduzia ao mercado consumidor. No transcorrer do século XIX a pecuária vai ser o ramo da receita que faz pesar sua balança, sem, no entanto, ser suficiente para equilibrar receita e despesa.

As consequências imediatas da decadência da economia aurífera foram: defasagem populacional, desaparecimento de centros urbanos e empobrecimento crescente da Província.

### 1.3. Aspectos administrativos dos últimos anos de Goiás-Colônia.

Desde tempos anteriores que os capitães-generais reclamavam por uma divisão da Capitania que viria facilitar a administração de tão extensa área e atenuar os desequilíbrios econômicos. No entanto somente, no ano de 1809, foi Goiás dividido em duas comarcas.

— a do sul, com sede em Goiás, compreendendo os julgados, de: Meia Ponte (Pirenópolis) Jaraguá; Santa Cruz, Santa Luzia, Pilar, Crixás e Desemboque:

— a do norte, com sede em São João das Duas Barras, compreendendo também os seguintes julgados: Porto Real, Natividade, São Félix, Cavalcante, Arraias, Traíra e Flores. Foi nomeado ouvidor para a nova comarca Joaquim Teotonio Segurado, com ordens para residir em Natividade até a construção da sede.

Na comarca do sul residia o **governador**, que era também capitão-general e que ainda acumulava os cargos de **regedor da justiça**, **presidente da junta da Real Fazenda** e **diretor geral dos estudos**. De um modo geral não era querido pelos

naturais da terra, embora todos a eles se curvassem. O capitão-general, apesar de ter pela frente as determinações e imposições do **Conselho Ultra Marinho**, era quase sempre senhor absoluto da situação política e administrativa da Capitania. Remanescente da aristocracia portuguesa, encontrava, quase sempre como seu adversário, o **ouvidor-mor**, que também era revestido de grandes poderes e que, em geral, pertencia a outra categoria social — burguesia portuguesa.

Outros cargos e funções administrativas: corregedor, provedor das capelas, defuntos e ausentes exercidos pelo ouvidor mor; e ainda o **juiz de fora**, crime e órfão.

Esses poderes se confundiam: o governador interferia na justiça e na fazenda; os ouvidores e juizes exerciam ao mesmo tempo o poder judiciário e o administrativo, bem como **sacerdotes** acudiam à jurisdição civil e leigos interferiam nos assuntos do clero. Tais circunstâncias geravam grande confusão nos poderes constituídos.

O Tribunal da Junta da Fazenda não só fiscalizava, como arrecadava. Compunha-se de um presidente que era o próprio **governador** e de quatro deputados: o juiz dos feitos que era o **ouvidor-mor**, o procurador da Fazenda, que era o juiz de fora, o tesoureiro geral e seu escrivão.

Como vimos, o governador, o ouvidor e o juiz de fora dominavam toda a super-estrutura da Capitania. O ouvidor de São João das Duas Barras exercia cumulativamente as funções de juiz de fora.

Outros cargos completavam o quadro administrativo, tais como funcionários da Casa de Fundição — pessoas de alta confiança do governo, professores. etc.

O governo português pela sua debilidade econômica revestiu, de poder militar os proprietários, ou seja, cabia a eles mobilizar seus bens semoventes (os escravos) dependentes e empregados para sua defesa. Essa população armada constituiu as Milícias, mais tarde (1796) chamadas 2ª linha.

Havia ainda as tropas pagas, que eram denominadas Ordenanças, extintas e substituídas em 1831 pela Criação da Guarda Nacional.

Necessário se faz citar ainda a Companhia dos Dragões e Companhia de Pedestes, dois regimentos de Cavalaria, um Regimento de Infantaria e ainda a Companhia dos Henriques.

Essa força era extremamente ineficaz. Campeavam nos territórios goianos crimes, quase sempre impunes. As poucas

cadeias eram, às vezes, invadidas, ora para libertar, ora para matar os presos, de acordo com o interesse dos mandatários locais, delineando-se o que na República se chamou **coronelismo**.

Ao se falar em instituições não se poderia deixar de ressaltar as Câmaras Municipais — seu poder e sua autoridade que muitas vezes se manifestaram contra as ordens dos governadores, reforçando o poder local. Eram constituídas pelo juiz, três vereadores — os importantes da localidade um escrivão, um procurador e um tesoureiro (às vezes). Era uma instituição classista, delas não participavam artifices, soldados, mercadores.

Aqui repousa, também, o fortalecimento do poder local e e proprietários de terra no Brasil.

#### 1.4. **Apice da crise de transição econômica**

A decadência da mineração afetou toda a vida da Capitania. Entre os aspectos negativos podemos citar: queda na arrecadação, no comércio e na população; decadência e desaparecimento de núcleos urbanos; as vilas ou cidades esvaziaram-se, com a retirada de seus habitantes para outras províncias mais próspera, ou com seu recuo para a zona rural. Formaram-se ilhas demográficas, apresentando um novo tipo de sociedade de economia fechada e de produção de subsistência. Várias foram as cidades de Goiás que se tornaram carcaças com suas casas abandonadas a se desfazerem com o tempo; o mato a crescer pelas ruas, tais como Ouro-Fino, Crixás, Palma, Cavalcante, Pilar e muitas outras.

De uma população antes radicada quase sempre nos pequenos centros urbanos, nasceu a ruralização da vida goiana onde condições de vida seriam tão precárias que escravos e proprietários quase se igualavam.

Nesse período de transição de **economia mineradora** de alta produção comercial, pré-capitalista, para a indústria pastoril, viveu Goiás, uma fase de **regressão econômica e social**, onde se registram aspectos estamentais ou seja, antes uma sociedade com vistas ao comércio internacional, agora apresentando características de uma época histórica que havia muito se fora.

Os viajantes do século XIX aludem a essa regressão sócio-econômica, onde os brancos produziam quase o essencial para sua manutenção, o que lhes faltava era adquirido pelo sistema de troca, e ainda em contactos sociais, assimilaram os costumes dos selvagens, abstendo-se muitas vezes do uso de

roupas, de moeda, do sal, das idéias religiosas, das uniões legítimas, etc.

Em 1823, Cunha Matos — para não só citar viajantes de mundo mais avançado — enviado para reconduzir o norte, que se sublevara à administração do sul, documenta a pobreza, a indolência e a decadência dos arraiais subversivos: “Cavalcante é quase nada... aqui falta tudo, a fome é terrível... dizem que em Arraias Conceição, Flores e Natividade ainda é pior” Forçoso é convir que eram esses os lugares mais prósperos do norte.

## **2. A INDEPENDÊNCIA EM GOIÁS E AS CRISES ADMINISTRATIVAS E POLÍTICAS**

2.1. ANTECEDENTES — Com a vinda da família real para o Brasil, sob a proteção britânica, D. João iniciou aqui uma política liberal. Assim, tivemos, premiados pelo convulsionalismo da Europa, abertura dos Portos, livre estabelecimento de fábricas e manufaturas, liberação dos gêneros não vedados, licença para se mascatear qualquer mercadoria desde que se pagasse imposto, o corte do pau-brasil, bem como a entrada e saída de navios nacionais e estrangeiros. Tais medidas, aliadas à elevação do Brasil à categoria de Reino, foram aos poucos afastando as disposições convencionais do pacto colonial. Contra o Brasil manifestaram-se as Cortes Portuguesas em 1820, por se sentirem lesadas em seus interesses econômicos e políticos desde 1808. Nasceu daí uma série de pressões e decretos portugueses contraditórios que se chocaram com os interesses administrativos e econômicos dos brasileiros, cujos efeitos foram a separação dos dois reinos.

Após a volta de D. João VI para Portugal (24 de abril de 1821), cumprindo uma exigência das Cortes de Lisboa, a elite política e econômica do Brasil passou a manifestar sua insatisfação pelas estruturas administrativas vigentes. Projetou-se essa insatisfação sob várias formas: uns optavam pela separação completa do Brasil, outros visavam a independência administrativa, mas com vínculos a Portugal, e outros radicalizaram-se buscando a forma de regime republicano, a exemplo do que ia pelo restante da América Latina.

Em Goiás a população rural permaneceu alheia às teorias e aos movimentos, o que não é de se estranhar, uma vez que Saint-Hilaire, em 1822, às vésperas da independência, admirou-se do desinteresse dos paulistas pelos acontecimentos ocorridos entre Portugal e Rio de Janeiro.

Aqui o reflexo dos acontecimentos políticos em prol da independência atingiu apenas a alguns elementos ligados à administração, ao exército, ao clero e a uma minoria de famílias ricas e poderosas, que aspiravam o poder político. O povo esteve sempre à margem desses acontecimentos. Foi apenas manipulado, sem compreender o sentido dos movimentos, em proveito do interesse, ora do governo, ora dos que se diziam revolucionários.

## 2.2. INSATISFAÇÃO ADMINISTRATIVA DA CAPITANIA DE GOIÁS

As crises políticas ocorridas em Goiás no período que antecede ao advento da Independência do Brasil, estão ligadas à aversão que a elite de letrados, natural da terra, nutria pelos capitães-generais, secundadas pela rivalidade, entre os cargos de governador e ouvidor.

A atuação dos capitães-generais, sob uma estrutura administrativa complexa e extravagante, onde os poderes muitas vezes se colidiam, tornou-se arbitrária e prepotente, cujo domínio em toda conjuntura política gerou no espírito da elite goiana uma ojeriza por eles, que, no entanto, não vinha à tona pela natural submissão dos governados aos governantes.

Grande foi a satisfação que se sentiu ao tomar conhecimento das inquietações políticas e sociais entre a Corte e o Rio de Janeiro, pois significava eclosão contra as estruturas administrativas vigentes.

A partir do dia 24 de abril de 1821, dia em que o correio trouxe a notícia dos fatos políticos, Goiás foi palco de inquietações revolucionárias. Um idealista, salvo melhor estudo, como o Pe. Luís Bartolomeu Marques e do soldado Nazaré, outras simples manifestações de desforras pessoais, como a do pseudo liberal Joaquim Teotônio Segurado, expoente da classe econômica dominante e que, na condição de ouvidor-mor não se entendia com o capitão-general.

Com vistas a amortecer o entusiasmo revolucionário que, no dizer de Alencastre, era popular, mas, que sabemos, limitava-se a um pequeno grupo consciente da Capitania, Manuel Inácio Sampalo, capitão-general, sempre disposto a servir a causa portuguesa, sob o sofisma de acreditar na regeneração da monarquia, agora em moldes constitucionais (à qual antes também servia), sem mesmo receber ordens, fez jurar a Constituição Portuguesa e escolher os representantes goianos para a Assembléia Constituinte, fazendo crer que a simples adoção

de uma Constituição, como num passe de magia, iria, em breve tempo, restaurar a mineração decadente, desenvolver a agropecuária e o comércio de Goiás.

Os eleitos à Constituinte Portuguesa foram: Joaquim Teotônio Segurado, elemento favorável à dualidade luso-brasileira, Luís Antônio da Silva e Souza, que não partiu para Corte, talvez por compreender o intuito do constitucionalismo português não ser outro, senão recolonizar o Brasil, e o suplente Antônio Plácido Moreira de Carvalho, residente no Maranhão. Em junho Goiás recebeu a notícia da volta de D. João VI a Portugal, dando forças ao grupo revolucionário goiano, que já se articulava traçando sua base de ação.

O chefe do movimento subversivo era Luís Bartolomeu Marques, mais tarde cognominado "apóstolo da liberdade goiana".

Logo após se certificar da implantação de governos provisórios em algumas capitâneas conflitadas, como Pará, Bahia, São Paulo, sentindo irreversível o movimento liberal ou democrata, assumiu posição ostensiva contra o capitão-general, pugnano pela sua demissão e escolha de uma junta governativa goiana de caráter regionalista.

Sampaio, liberal à moda portuguesa, alegando que dentro da ordem política seu governo já atendera às solicitações da metrópole, tais como: juramento à constituição Portuguesa, e eleição dos deputados, e que todo e qualquer outro procedimento seria ilegal, negou-se ordenar eleição da junta, que, na verdade, representaria quebra de seu poder e, obviamente, diminuição da autoridade portuguesa.

Em contra-partida os revolucionários tramaram uma conspiração cujo epílogo seria sua destituição. Seus planos foram denunciados, a ação embargada e presos alguns elementos implicados dentre eles Filipe Antônio Cardoso e o soldado Nazaré. Era apenas uma advertência, visto que as prisões não atingiram os principais chefes. Quais seriam os verdadeiros objetivos dessa conspiração? Apenas constituir uma junta governativa provisória, em substituição ao indesejável Sampaio? Acreditamos que sim. No entanto, Sampaio escreveu ao Ministro português, Carlos Frederico que, embora desconhecesse seu verdadeiro espírito, acreditava que em sua malhas se teciam a total separação do Reino-Unido.

Concomitante às prisões, uma proclamação do governo alertava o povo contra anarquias e desordens insufladas por pessoas mal intencionadas, bem como advertia pessoalmente

ao líder do movimento Pe. Marques. Tais medidas não foram suficientes para estancar a vertigem revolucionária, tornando-se eles apenas mais cautelosos. Pelo interior da capitania o veículo revolucionário eram as cartas, na capital, as visitas às famílias, esclarecendo-as e preparando-as para uma possível mudança política.

Após conhecerem o pensamento do governo central, que não se opunha à criação de governos provisórios (dec. de 18 de abril de 1821), passaram novamente a um movimento aberto, exaltando os ânimos, buscando adesões e visando o enfraquecimento de Sampaio.

Alencastre relata que o capitão-general usou mais uma vez de sua autoridade despótica. No intuito de embarcar os passos dos insurretos, induziu a Câmara a encaminhar-lhe uma propositura tendenciosa, na qual solicitava o esquecimento dos fatos revolucionários, e, assim, criar clima favorável à tomada de posição.

Paralelamente, era um grupo popular manipulado por seus agentes, buscando homenagear o governador e protestar contra os anarquistas. Nestes moldes Sampaio fez nascer a idéia de banir da capital os revoltosos.

Assim, Pe. Luís afastou-se 50 léguas da capital. Francis Xavier de Barros foi comandar S. Maria, Pe. José Cardoso de Mendonça retirou-se para suas fazendas em Formosa e Duro, Felipe Antônio Cardoso recolheu-se em Arraias e Pe. Lucas comprometeu-se em abandonar a Capitania.

Afastados aqueles que poderiam influir na eleição de uma junta governativa leal à sua autoridade, foram as eleições convocadas com esse fim para o dia 30 de dezembro de 1821, sagrando-se Sampaio seu presidente, para logo depois, ao encontrar resistência à sua autoridade, demitir-se (8 de janeiro de 1822).

A junta que sucedeu à demissão de Sampaio, era inquestionavelmente devota à autoridade portuguesa, embora representasse o alicerce de Goiás liberal e independente.

### 2.3. O MOVIMENTO SEPARATISTA NO NORTE —

Dispersados os revolucionários pelo norte, era natural que levassem consigo o gérmen da revolução, que medraria em terreno fértil, uma vez que os habitantes daquela região sempre se ressentiram da autoridade do governo do sul, cujos benefícios, se é que haviam, não chegavam até lá.

Na hipótese de que o movimento fracassasse na capital,

fazia parte do plano de ação proclamar um governo provisório no norte, onde teriam como baluarte o vigário de Cavalcante, Pe. Francisco Coelho Matos.

No dia 14 de setembro de 1821, instalou-se em Cavalcante um governo provisório, não sob a liderança do vigário, que recuou, mas, sob a liderança do ouvidor Joaquim Teotônio Segurado, representante da classe dominante e de grande prestígio na região. Teotônio, na vanguarda revolucionária, teria desvirtuado o movimento esboçado no sul? Acreditamos que não. Teotônio era dualista. Esse movimento representou apenas ameaça à integridade regional e desagregação de um povo de fracos laços.

Através das proclamações do governo de Palma, datadas dos dias 15, 17 e 24 de setembro, concluímos que o movimento Insinuava-se contra a autoridade "monstruosa" do capitão-general, favorável à separação do norte de Goiás e obediente à Corte de Lisboa. Em nenhuma destas proclamações projetam-se os temidos Ideais nacionalistas aludidos por Sampaio.

José Bernardino, emissário do governo revolucionário, ao Rio regressou a Natividade com um ofício de José Bonifácio, datado de 23 de junho de 1823, declarando o contrário às leis do Império, que proibiam multiplicidade de governo em uma só Província, recomendando sua união com o sul. Desaparecia, assim, a última esperança dos separatistas. Mais uma vez o desejo de um grupo era amordaçado pelo governo constituído.

A unificação processou-se pacificamente, segundo declaração da Junta governativa do Sul, mas o Ideal separatista do Norte continuaria vivo no transcorrer do século XIX e vamos encontrá-lo ainda hoje nas salas de aulas, entre os estudantes do norte de Goiás.

### **CONCLUSÃO:**

1 — Apesar dos incentivos governamentais a agricultura, esta não substituiu satisfatoriamente a economia aurífera

2 — A indústria pastoril, a longo prazo, foi a economia substitutiva;

3 — A administração portuguesa era confusa e Ineficaz e gerou, em parte o fortalecimento do poder local;

4 — A grande maioria da população goiana permaneceu alheia ao movimento da Independência;

5 — As crises políticas eclodidas tinham aqui mesmo

suas raízes e refletiam a aversão pela autoridade portuguesa e aspiração ao poder pela elite da terra;

6 — O movimento separatista do norte era também de caráter regional e se manifestou contra a autoridade do capitão general e não contra a autoridade portuguesa.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — Alencastre, José Martins Pereira de, — **Anais da Província de Goiás**, R.I.H.G.B., t.28, Rio de Janeiro, 1865
- 2 — Lacerda, Regina, — **Os Antecedentes e a Repercussão da Independência em Goiás**, Oriente, Goiânia, 1970
- 3 — Mattos, Raymundo José da Cunha, — **Coreografia Histórica da Província de Goyaz**, R.I.H.G.B., t. 38, Rio de Janeiro, 1874
- 4 — Palacin, Luís, — **Goiás — 1722 — 1822 — Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas** —, DEC, Goiânia, 1972
- 5 — Sales, Gilka Vasconcelos Ferreira de, — **A Sociedade Goiana nas três primeiras décadas do século XIX** — mimeografado
- 6 — Souza, Pe. Luís Antônio da Silva, — **O descobrimento da Capitania de Goyaz** Pub. U.F.G., Goiânia, 1967.



## **ATA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DOS PROFESSORES**

**BRÁULIO DO NASCIMENTO E VICENTE SALLES, REALIZADA  
NA SEDE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
GOIÁS, NO DIA 27 DE MAIO DE 1977**

Aos vinte e sete dias do mês de maio de 1977, na Sala de Reuniões da sede do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, realizou-se a Sessão Solene de Posse dos Professores BRÁULIO DO NASCIMENTO e VICENTE SALLES, cujos currículos foram unanimemente aprovados pela Comissão de Admissão de Sócios do Instituto, composta pelos membros: Dr. Altamiro de Moura Pacheco, Prof. Basileu Toledo França e Prof. Ático Frota V. Boas da Motta. Às 20 horas o Presidente, Prof. Colemar Natal e Silva, declarou aberta a sessão e convidou para compor a mesa: Dr. Jaci Fernandes, representante do Sr. Prefeito Municipal, Deputado Francisco de Freitas Castro; Prof. Aldair da Silveira Aires, Superintendente p/ Assuntos Culturais da Secretaria da Educação e Cultura e representante do Sr. Secretário da Educação, Deputado José Alves de Assis; Dr. Jamil Issy, representante do Reitor da Universidade Federal de Goiás, Prof. Paulo de Bastos Perillo; Profª Belkiss S. Carneiro de Mendonça, Diretora do Instituto de Artes de Goiás e representante da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás; Dr. Reginaldo Stival Pereira, representante da Secretária Municipal de Educação, Profª Nair Stival Pereira; Desor. João Canelo Machado, representante do Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, Desor. Geraldo Majella F. Ferreira; Dr. Juarez Távora Azerêdo Coutinho, representante dos Juízes Substitutos de 2ª Instância; Dra. M. da Glória S. de Azerêdo Coutinho, representante do Instituto dos Advogados de Goiás. A sessão contava com a presença de professores, escritores, representantes da Academia Goiana de Letras, da Campanha Regional de Defesa do Folclore, membros do Instituto Histórico, do Instituto dos Advogados, do Museu Arqueológico da U.F.G., jornalistas e demais convidados. O Presidente solicitou que uma comissão formada pelos Profs. Basileu T. França e Ático F. V. Boas da Motta, introduzisse no recinto os empossandos. Prosseguindo, o Presidente disse estar no programa do Instituto fazer intercâmbio com os demais Estados, dizendo que a

Associação escolhe e acolhe, sempre, aqueles que podem trazer o que o Estado de cada um tem de melhor na sua história. E finalizou, dizendo que o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás recebe, de braços abertos, os empossandos, contando com o nível de cooperação que vai deles receber. A seguir o Presidente solicitou ao Prof. Basileu Toledo França que fizesse a saudação ao Prof. Bráulio Nascimento. O Prof. Basileu, discorrendo sobre o currículo do empossando, disse ser ele uma figura nacionalmente conhecida através das obras de grande valor que tem editadas e conhecido por todos os que se interessam e estudam o nosso folclore. Citou os dados mais importantes da vida do Prof. Bráulio, destacando os seus trabalhos como jornalista e como folclorista. Mencionou grande parte de sua extensa bibliografia, dando ênfase à sua especialidade em estudar o romanceiro popular. Falou, ainda, sobre seus trabalhos de crítica literária e traduções de obras estrangeiras, enaltecendo o brilho de sua inteligência e a dinâmica de sua vida de grande pesquisador. E terminou dando as boas vindas, a esta Casa e ao Estado de Goiás. Dando seguimento o Presidente solicitou ao Prof. José Mendonça Telles, também membro do Instituto, que fizesse a saudação ao Prof. Vicente Salles. O Prof. Mendonça Telles foi muito feliz em sua saudação, iniciando-a com um retrospecto sobre as crises que abalam a Humanidade, em todos os princípios da Ética, da Moral e até da Religião; dos problemas gerados pela explosão populacional que, por sua vez, geram os problemas da fome e do meio-ambiente. Discorrendo sobre o currículo do Prof. Vicente Salles, o Prof. Mendonça Teles mencionou ser ele um homem simples, apesar da grande importância que tem dentro de nossa literatura, dizendo que "saudar um homem cuja vida é um livro de idéias-força a serviço da cultura brasileira, é muita honra para quem entrou ontem nesta Casa e passou a conviver com as mais ilustres inteligências deste Estado". Disse ser o Prof. Vicente Salles, nascido no interior do Estado do Pará, bacharelado em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, em 1961, ligando-se à vida administrativa do Ministério da Educação e Cultura muito cedo, e onde, junto à Campanha de Defesa do Folclore, ocupou vários cargos de assessoria. Citou seus trabalhos publicados na Revista Brasileira do Folclore, na Revista Brasileira de Cultura, nos Cadernos Brasileiros, no Correio da Manhã, etc. Destacou seu trabalho "O Negro no Pará", estudo sócio-antropológico que se constitui modelo no gênero. Terminou, dizendo: é "orgulhosamente que recebemos, nesta Casa, o Dr. VICENTE SAL-

LES como o mais novo Sócio Correspondente", dizendo ter a certeza de que, nesse encontro de idéias, todos hão de somar esforços a fim de que "o Humanismo venha novamente a prevalecer, evitando, destarte, o aniquilamento do Homem pelo império progressivo da tecnologia". Foi muito aplaudida a saudação do Prof. Mendonça Telles. Em seguida o Presidente solicitou que todos ficassem de pé, lendo o compromisso, segundo o Estatuto, que os empossandos iam repetindo. A Secretária-Executiva leu, então, o Termo de Posse de cada um, que foram assinados pelo Presidente, pelos empossandos e por, ela, em substituição ao Secretário-Geral que se encontrava ausente. Em continuidade foi dada a palavra ao já empossado Prof. Bráulio do Nascimento, que fez belíssima oração, falando sobre seu Patrono — Americano do Brasil: "Americano do Brasil e o Cancioneiro". Falou, em seguimento, o Prof. Vicente Salles, sobre o tema "Goiás e a Integração da Amazônia no Espaço Geográfico Brasileiro", ressaltando a figura de seu Patrono — Inácio Moura. Ambas as orações, serão transcritas na Revista do Instituto, motivo pelo qual deixamos de fazer referência no texto da Ata. O Presidente falou do valor do intercâmbio instituído pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás para que possamos chegar a outras fontes da cultura. "Cuidamos de carrear as manifestações e subsídios, que só eles trarão a verdadeira integração cultural do País". Houve muitos aplausos e cumprimentos aos empossados e aos oradores que os saudaram. E, como nada mais houvesse a tratar, o Presidente declarou encerrada a presente Sessão Solene de Posse, da qual eu, M. da Glória Scartezini de Azerêdo Coutinho, nomeada secretária "ad-hoc", lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelos presentes.



## GOIÁS E A INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Discurso proferido por Vicente Salles, ao ensejo de sua posse, como Membro Correspondente, do I. H. G. de Goiás, em 27-5-77.

Os contrastes por ventura vislumbrados no estudo dos aspectos da Geografia Física ou da Geografia Econômica do Brasil Central em relação à Amazônia não podem sugerir apenas idéias contrastantes no mesmo estudo comparativo através da Geografia Humana. A simetria metodológica não conduz necessariamente a conclusões simétricas. História e Cultura, que resultam da experiência humana, combinam fatores que se situam no espaço e dele os homens procuram tirar proveito, seja para a própria sobrevivência, seja para desencadear processos econômicos impulsionados pelos interesses mercantis desta ou daquela natureza.

A visualização do espaço físico brasileiro mostra que a atual divisão política dos Estados resultou basicamente do aproveitamento de acidentes geográficos naturais, predominantemente os rios, que em sua grande maioria facilitaram a ocupação e o povoamento de vasto território. Acertos posteriores estabeleceram sobre territórios contestados limites derivados de coordenadas puramente cartográficas. A divisão política convencionalizada não corresponde exatamente à divisão natural, quando tratamos das grandes regiões, definidas por certo grau de homogeneidade ecológica. Por outro lado, tanto, a divisão política quanto a natural não podem servir de parâmetros para uma tentativa de divisão do país em **áreas culturais**, como demonstram as propostas de Joaquim Ribeiro e de Manuel Dié-gues Júnior. (1)

Esta consideração preliminar justifica a preocupação com que tentamos abordar o tema da integração da Amazônia ao espaço geográfico brasileiro e nele ressaltar a importância medidora da cultura. Por sua localização, pelo estabelecimento nesta área de populações que inevitavelmente se relacionaram com as populações das grandes áreas vizinhas e circundantes, o Brasil Central e especificamente Goiás, se nos afi-

gura como um polo **sui-generis** no processo de formação da nossa cultura. Área de convergência e de expansão.

Embora tenhamos as propostas de **áreas culturais** e já possamos iniciar o desdobramento de estudos particulares do Atlas Cultural brasileiro, particularizando outros aspectos, como o linguístico, o etnográfico e o folclórico, ainda não se discutiu a necessidade da colocação de estudos normativos com direção precisa para a Geografia Cultural. Ao contrário da Geopolítica, ainda não temos a Geocultura ou a Geofolclorística. Mas os passos iniciais já foram dados com a elaboração de algumas cartas e com as propostas de definição de nossas áreas culturais (2).

Não obstante a inexistência de estudos autônomos indicadores da reciprocidade e/ou da interdependência das áreas culturais conhecidas e perfeitamente delimitáveis, pode-se levantar algumas questões a partir da rica bibliografia subsidiária existente. Essa tentativa é o que propomos, nesta ligeira comunicação, por ventura **pré-texto** para sondagem exploratória mais profunda, posteriormente.

Na literatura regional amazônica um dos indicadores dessa análise encontra-se fartamente ilustrado, por exemplo, mediante a reunião de coletas esparsas da poesia popular do vale do Tocantins. Observadores locais, assim como os viajantes, quase sempre deixaram-se atrair por este assunto. A coleta mais abundante encontra-se porém num certo tipo de literatura de "cenas da vida popular". Aí, a bibliografia é farta. As melhores e mais copiosas observações estão nos ensaios de José Veríssimo (1857-1916), Juvenal Tavares (1850-1907), Inácio Moura (1857-1921), Pompília Jucá (1870-1942) e outros autores mais recentes, já com posição definida no campo dos estudos de folclore, como Hosannah de Oliveira (1854-1923), sem esquecer a contribuição de viajantes.

Inácio Moura alonga o interesse pela pesquisa num livro despretensioso e que, não obstante, é farto de informações sobre a poesia do vale do Tocantins — **De Belém a S. João do Araguaya valle do Tocantins** (3). Publicado em 1910, a viagem e coleta do material realizaram-se todavia em 1896. Algumas observações desse cronista são extremamente valiosas, pois inspiram a tese de que a poesia do vale do Tocantins é aquela que desceu com os bandeirantes de São Paulo, distinguindo-se portanto dos versos sertanejos de Sergipe e Bahia, conforme as coleções de Romero e Melo Morais Filho ou as poesias originais de Juvenal Galeno: "O berço... da musa sertaneja do Tocantins deve ter sido a antiga Piratininga, o que se harmoni-

za com o cunho de certo tom heróico e aventureiro de muitas quadras; em outras, já o lazer do habitante do rio sobrepujou a fanfarronada do cigano e poetizou a namorada, que é sempre morena e de cabelos negros, ao contrário das louras damas das canções populares do sul". Transcreve exemplos e indica outras observações que, em parte, se opõem à análise da poesia popular do nordeste feita por Luís da Câmara Cascudo (4). Afirma Inácio Moura que não é a música que acompanha a poesia; antes, é esta que enche com palavras de bom feito e de imagens vivas os acordes cadenciados da viola. Não há ritmos nem a metrificacão regular da poética. A prosódia sacrifica a sintaxe" (5). Quer isto dizer que aí a poesia se submete às regras da música. Continua: "O poeta sertanejo é um repentista que mais se distingue, quando canta, ao desafio com outro, quadra por quadra, rimando as palavras com o som com que são elas ali pronunciadas. A ignorância é substituída pelo sentimentalismo, e o auditório, formado pela roda dos circunstantes, aplaude o repentista, que compõe versos mais apropriados à ocasião".

As observações de Inácio Moura são absolutamente corretas e estão bem fundamentadas com vários exemplos. O desafio, tão comum no Nordeste, assim como o repente e/ou o improvisado, também aparecem em outras regiões, na Amazônia como no Brasil Central. (6)

Atraente contudo é a tese que daí podemos tirar; a integração da Amazônia ao planalto central cultural, decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos. A calha do Tocantins se bifurca e se estendem a montante duas outras calhas — Tocantins e Araguaia — que representam a forma de cunha encravada na Amazônia. Logo a cobertura vegetal desse território mesopotâmico se transforma, aparecendo a sucessão de matas e cerrados. As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia, apesar dos muitos obstáculos, estabeleceram desde os começos do século XVII, o relacionamento da Amazônia com o Brasil Central. Preadores de escravos partindo tanto da Piratininga, como de Belém e São Luiz, encontraram-se no Norte goiano (7). Caminhos naturais das bandeiras no período histórico da expansão dos paulistas, como das expedições de resgate e descimentos dos Índigenas, esses rios tornaram-se, com o tempo, a mais utilizada, certamente a única, via de acesso do planalto central ao porto de Belém. Através deles desciam outrora os "mineiros", designação genérica daqueles habitantes do planalto central que utilizavam esses rios no seu comércio e transporte de produtos nativos com os impor-

tados, tendo Belém como o principal porto de troca. Os mineiros, célebres na faixa ribeirinha, até bem pouco tempo, estão desaparecendo rapidamente em consequência da substituição das comunicações fluviais pela rodoviária, do barco pelo caminhão. (8)

No final do século passado, Inácio Moura, com extrema simplicidade, talvez apenas registrando o fato perceptível, forneceu-nos a chave para a compreensão de um fenômeno que permitiu, possivelmente, através da integração cultural, a manutenção da unidade nacional brasileira. Certamente, outras vias de comunicação fluvial possibilitaram o fluxo de bandeirantes e a penetração de missionários e de tropas de resgates partindo do sentido oposto ou foram utilizadas pelo comércio. Nenhuma porém apresenta peculiaridades tão marcantes como a do Tocantins-Araguaia. E se Inácio Moura percebeu o caráter peculiar da poesia, confirmado posteriormente por outros pesquisadores, principalmente aqueles que coletaram a poesia do norte goiano, a tese se torna fascinante com o estudo comparativo da linguagem. Como sugestão aos especialistas, fica a indicação do livro do escritor José A. Texeira — **Estudos de dialetologia portuguesa Linguagem de Goiás** (9) — através do qual a mais superficial comparação mostrará profundas aproximações entre os fenômenos linguísticos comuns no norte de Goiás e a Amazônia.

#### N O T A S

- 1 — RIBEIRO, Joaquim, **Introdução ao estudo do folk-lore brasileiro**, Rio de Janeiro, Ed. Alba, s.d.  
DIEGUES Júnior, Manuel, "Regiões culturais para estudo do folclore brasileiro", **In Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, 10(28): 204-214, set.-dez. 1970.
- 2 — Algumas cartas já foram divulgadas, abrangendo aspectos do folclore nos Estados de São Paulo, Alagoas, Paraíba, Pará, Goiás etc. Cartas temáticas encontram-se em trabalhos de alguns folcloristas. Quanto ao folclore lúdico, há uma tentativa de apresentação cartográfica dos dez principais folguedos tradicionais no Brasil inserida no **Atlas Cultural** editado pelo Conselho Federal de Cultura. Presentemente, mediante convênios com Universidades, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro está promovendo amplo inquérito para a elaboração do **Atlas Folclórico do Brasil**.
- 3 — Rio de Janeiro, Garnier, 1910, 310 p.
- 4 — Em **Vaqueiros e cantadores** (Porto Alegre, Livr. do Globo, 1939) afirma Luís da Câmara Cascudo que o cantor nordestino não se preocupa com o desenho melódico, mas apenas com a cadência do verso, o ritmo, que é tudo. A única obrigação do poeta é respeitar o ritmo do verso, "Case-se este com qualquer música, tudo o mais estará bem. O sertanejo não nota o desafinado. Nota a arritmia".

5 — MOURA, Ignácio, *op. cit.*, p. 286-7.

6 — Assim como os gêneros, muitos textos encontram-se, com variantes, em regiões diversas, João Hosannah de Oliveira registrou, no Pará, cantados por dois retirantes cearenses em desafio ao som de viola:

“E, quando o primeiro repentista perguntava:

Da palma nasce o palmito,  
do palmito nasce a palma;  
quero que você me diga  
quem entrou no Céu sem alma?

“o segundo replicava imediatamente:

Do palmito nasce a palma,  
da palma nasce o palmito;  
quem entrou no Céu sem alma  
foi a Cruz de Jesus Cristo”.

(Cf. **Lendas e factos de minha terra**. Petrópolis, Centro da Boa Imprensa, 1922, p. 42-3). Não se trata, é claro, de repente. Os cantadores diziam versos memorizados, conhecidos no nordeste e também no Brasil Central. A versão goiana, recolhida por Americano do Brasil (Cf. **Cancioneiro de trovas do Brasil Central**. S. Paulo, Monteiro Lobato, 1925), diz:

— A palmeira dá palmito,  
Do palmito nasce a palma,  
Quero que você me diga  
Quem entrou no céu sem alma.

— Da palmeira nasce a palma,  
Da palma nasce o palmito,  
Quem entrou no céu sem alma  
Foi a Cruz de Jesus Cristo,

Nota-se que a estrutura do verso quase não se alterou: mantém-se o mesmo agrupamento, formando trova septissilábica, as mesmas rimas e a anástrofe ou seja a inversão de termos pertencentes ao mesmo grupo sintático.

7 — O assunto tem sido tratado por vários historiadores. Merece referência especial, pela abordagem mais exaustiva, a tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo pela professora Dalísia Elizabeth Martins Doles sob o título **As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX**, edição mimeografada da Universidade Federal de Goiás, 1972, 286 p.

8 — São assim chamados certos viajantes do alto Tocantins, oriundos do Sul do Pará e do Maranhão, principalmente do Norte de Goiás. Fazem-se transportar em grandes batelões, denominados “balanos”, carregando produtos nativos para o mercado de Belém. A viagem de ida e volta durava alguns meses, em condições de navegabilidade difíceis e perigosas, principalmente pela travessia de corredeiras e numerosas trechos encachoeirados. No retorno, levavam do porto de Belém artigos variados para seus negócios no alto Tocantins. Antigamente, quando havia navegação a vapor regular no baixo Tocantins, as embarcações dos “mineiros” eram rebocadas até Itaquara, ou mais acima ainda e

com isto ganhavam tempo. Hoje, a estrada Belém-Brasília praticamente acabou com o tráfego fluvial dos "mineiros". Os "mineiros" eram temidos no baixo Tocantins, porque dados a brigas e valentias. O poeta popular Romualdo Ferreira dos Santos descreveu as peripécias dessas viagens no folheto **O Barqueiro do Tocantins**, publicado em Carolina, Maranhão, em 1921.

9 — S. Paulo, Ed. Anchieta, 1944.

## AMERICANO DO BRASIL E O CANCIONEIRO

Braullo do Nascimento

Inicialmente quero agradecer a indicação de meu nome para os quadros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, escolha que deve ser creditada à generosidade dos Membros desta Casa, muito mais do que aos méritos do escolhido. A minha vinda a Goiânia se reveste, portanto, de significado especial. É a primeira vez que venho a esta terra de tão grande importância para a vida política e cultural do país, onde se associam de maneira particularíssima, num continuum dinâmico, o passado, o presente e o futuro. Ao lado das tradições, das manifestações folclóricas goianas, que nos mostram o passado distante, temos a Cidade moderna, a Capital do país, centro de decisões históricas, monumento da criatividade, da capacidade realizadora do povo brasileiro. Do mesmo solo vermelho do Planalto Central, onde continuamos a ouvir o alegre, nostálgico e atual correr das cavalhadas, numa permanência que reafirma a força dos traços culturais, vimos surgir, corporificar-se um sonho, em poéticas formas de concreto e vidro, admiração e encantamento para todos que têm a felicidade de vir ao Planalto. Passado e presente, tradição e modernidade se unem, se fundem para nos antecipar a visão do futuro grandioso deste Estado, por onde se cruzam todas as linhas do destino de nosso povo.

É imensa, portanto, a emoção desta minha primeira vinda a Goiânia. Não é propriamente uma primeira vinda, mas um reencontro, um encontro do imaginário com o real. Através da ficção de seus escritores, da imaginação de seus poetas, da descrição e documentação de seus folcloristas, de seus historiadores, já conhecia de há muito as trilhas, os sertões e as veredas. Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Americano do Brasil, três nomes apenas entre dezenas que poderiam ser mencionados, compuseram o mapa afetivo, emocional que tantas vezes percorri e que dá verdadeiramente um sentido de reencontro a esta ocasião. Emocionado, vejo esta Cidade com

os olhos de ver, num prolongamento do que vira com os olhos de sonhar.

Aqui estou, sentindo-me da Casa, pela cordialidade, pela homenagem, pelas emoções.

Falarei sobre o **Americano do Brasil** e o **Cancioneiro**, particularmente sobre o **Cancioneiro**, obra clássica, de pesquisa folclórica, em boa hora reeditada, numa excelente edição crítica a cargo do Professor Basileu Toledo França.

Que representa o **Cancioneiro de Trovas do Brasil Central**? Um mapa da região, a mostrar os tesouros do cancionero e a indicar os caminhos para a continuidade das pesquisas, as sugestões e estímulos para os estudos, as interpretações, as análises comparativas, para detectar, para revelar e valorizar a criação espontânea do povo goiano, a sua contribuição específica na corrente tradicional do patrimônio comum da literatura oral.

Com o título modesto de **Cancioneiro de Trovas, Americano do Brasil**, demonstrando a humildade dos verdadeiros pesquisadores da cultura popular, nos apresenta um vasto repositório das manifestações folclóricas da região.

Não falarei do professor, do jornalista, do médico, do homem de estado, do poeta, do historiador, cujo perfil já foi cuidadosamente traçado, mas apenas do folclorista, que nos deixou uma obra segura de esquisa e informação.

O exame do **Cancioneiro**, por mais rápido que seja, revela o cuidado de **Americano do Brasil** no registro da literatura oral. A transcrição da linguagem popular, em suas formas espontâneas, os modismos, as corruptelas. O material recolhido constitui subsídios relevantes para os estudos dialetológicos e linguísticos, relativamente ao falar goiano.

A importância das manifestações folclóricas de sua terra levaram **Americano do Brasil** a um primeiro recenseamento das danças, incluído no mesmo volume do **Cancioneiro**. Entretanto, suas preferências eram visivelmente pelos cantos populares, preferência demonstrada não apenas no que foi reunido no **Cancioneiro**, como em trabalhos publicados na **Revista da Academia Brasileira de Letras** e na **Revista de Língua Portuguesa**. E poderemos avallar a riqueza de material que nos seria revelado no **Romanceiro**, que não chegou a publicar.

A coleta folclórica aperfeiçoou os seus métodos, os meios mecânicos de que hoje dispomos oferecem possibilidades e facilidades muito maiores do que possuíam os nossos primeiros pesquisadores. Entretanto, a intuição, a consciência da importância da documentação supriam as precariedades. A

descrição que Americano do Brasil nos faz das numerosas danças, que registrou, comprovam plenamente a afirmação. Apesentando-nos cerca de 27 danças, que considera um "resumido capítulo incompleto e sem atavios literários", figuram não apenas o resultado da coleta direta, mas também o que pôde apurar das danças não mais usuais, através de depoimentos, para que servissem como elemento de estudo. E o critério da coleta ele nos diz em poucas palavras: "Das danças da colônia e do Império salvou-se o que aí está: se é muito pouco ao menos é justo que até hoje ninguém apresentou maior e mais desenvolvida cópia. São estudos ligeiros e apenas informativos, mas lautamente descritos com simplicidade e tom verídico". E esse tom verídico é o que se depreende dos traços rápidos com que expõe a composição do grupo de dançantes, da coreografia, dos cantos. Como exemplo, a "Dor de Canela": Descreve Americano do Brasil:

"Formava-se um grande círculo de dançantes, compostos de homens, mulheres e de um ou dois violeiros".

"Um dos figurantes, quase sempre a moça mais bonita, ou o próprio violeiro, saía ao meio do círculo, dançando, requebrando, mancando como se tivesse uma perna magoada e cantando uma quadra improvisada ou de antemão preparada a que todos respondiam: — **Bravo sinhá!** no fim de cada verso. Terminado este, o dançante entregava uma flor, ou qualquer objeto à pessoa preferida para lhe suceder no meio da roda".

"Estes versos eram sempre alusivos às pessoas presentes ou aos usos e costumes da sociedade".

E seguem-se várias quadras, em que o humor inqênuo constitui o ingrediente principal. A descrição dos trajes é também rápida, mas suficiente para visualizar o feitio e colorido. Na Dança dos Velhos, escreve apenas o essencial: "É composta de nomes mascarados, de barbas brancas e moços vestidos de mulher; aqueles trajando blusa à marinheira, enfeitadas de galão, e calções de cor encarnada, da mesma cor da blusa; meias brancas e sapatos de tafetá ou de várias cores; e estes trazendo vestidos de escócia, cinto de fita azul, chapéu enfeitado, luvas, adereços vários".

Nas três primeiras partes, das quatro em que se divide o **Cancloneiro**, Americano do Brasil, procurou formal e tematicamente grupar o material coletado; Abecês, décimas, desafios, modas, compõem a primeira parte. A temática ocupa a segunda parte: A saúde, o amor e o casamento na poesia popular; O boi e a poesia popular; O humorismo; A cachaça. Inclui uma terceira parte as quadrinhas ou trovas — cerca de

356, que ele encerra, com o que qualifica de “duas jóias do folclore goiano”:

— A palmeira dá o palmito  
Do palmito nasce a palma,  
Quero que você me diga  
Quem entrou no céu sem alma.  
— Da palmeira nasce a palma,  
Da palma nasce o palmito,  
Quem entrou no céu sem alma  
Foi a Cruz de Jesus Cristo.

Entre as Décimas, merece referência especial a Décima da Mateira. É uma onça, durante muito tempo terror das fazendas, dos cães e caçadores. O romance filia-se ao ciclo de vaqueiros, em que Gustavo Barroso incluiu os romances sobre onças célebres, como a do Sitiá, do Cruxatú, coletadas no Ceará. A Mateira goiana, menos valdosa, que as cearenses, nos conta história mais longa e minudente, ao longo de 300 versos setissilábicos. Ainda que rapidamente cabe um confronto entre as onças, segundo a imagem criada pela poesia popular: A Onça do Sitiá, inicia a sua estória:

Eu sou a célebre onça,  
Maçaroca destemida,  
Que mais poldrinhos comeu  
Apesar de perseguida!

Estando perto da morte  
Vou contar a minha vida.  
Não foi em manhã de flores  
Que vim ao mundo — isso não!  
Nasci numa noite de horrores  
Ao pipocar do trovão.  
Minha mãe urrou com dores  
E ouviu-se em todo sertão

(Ao som da Viola, 1949, p. 259)

**A onça do Cruxatú:**

Sou a onça sussuarana  
Filha duma onça pintada  
Sou neta da maçaroca,  
Trouxe sina de enjeitada.  
Nasci no curral do Meio  
Onde fiz minha morada.

Cresci comendo cabritos  
E, por não achá-los mais,  
Desatei minha redinha  
Mudei-me pro Cosmo-Pais  
Onde fiz a minha furna  
Entre suspiros e ais.

(Ao som da Viola, 1949, p. 236)

E como narra sua vida a nossa Mateira goiana?

Antes que dê princípio  
A contar minha vida,  
É de acerto dizer  
Aonde fui nascida.  
Eu nasci numa fazenda  
Rica de capão e mata,  
A qual se me não engano  
É a Fazenda do Prata.

A seguir a Mateira nos conta os freqüentes sustos, as correiras em busca de lugar seguro, longe do faro dos cães e das balas dos caçadores. É um desfilar de desventuras que nos apresenta o poema:

Atravessei logo o mato  
Ou não sei se capoeira  
Acunhei por uma estrada,  
Esbarrei numa porteira.

Voltei daí para trás  
Mas, por dentro de uma roça,  
Esse dia com efeito  
tomei uma grande coça.

Fui daí tão espantada,  
Por me ver tão perseguida  
Que disse cá para mim  
Neste mundo estou perdida.

Sempre se escondendo, perseguida, sem sossego, a Mateira defronta-se constantemente com a morte. Vem ela correndo e topa com José Alves:

Quando eu avistei o homem  
Fiquei para não viver,  
Por ser ele um caçador velho  
Tive medo de morrer.  
Finalmente, a Mateira é morta  
Topei com seu Chico Ramos  
Bem na ponta do serrote,  
Aí despejou-me um tiro  
Que causou a minha morte.

Entretanto, ainda há tempo para o testamento para os seus inimigos:

Não tenho bens de fortuna,  
Também não possuindo nada,  
Deixo o meu infeliz corpo  
Para toda a cachorrada.

E finaliza num desprendimento verdadeiramente singular, perdoando todos:

E não possuindo mais nada  
Para deixar a ninguém,  
Perdôo a todos os cães  
Que me perdoaram também.

Que diferença das bravatas da Onça do Sitiá ao referir-se a um dos seus perseguidores:

Zé Machado blazonava  
Que vida eu só gozaria  
Enquanto lhe não comesse  
Um poldro de sua cria,  
Por birra, comi-lhe dois:  
Se mais tivesse eu comia!

(G. Barroso, *Ao Som da Viola*, p.260)

Gustavo Barroso conheceu pessoalmente — segundo nos conta — o velho José Machado, afamado caçador de onças. A Onça do Sitiá impiedosamente ridiculariza os seus inimigos:

Perto da casa do Vespo,  
Carneci que foi brinquedo!  
Ele nunca abriu a porta

E digo muito em segredo:  
Ou era por muito sono,  
Ou era por muito medo.

(Ao Som da Viola, p.260)

Um dia, naturalmente, haveria de ser atingida:

Hei de morrer de facada,  
Minha sina cumprirei;  
Já tenho idade avançada,  
Boa vida desfrutarei;  
Sobe a mais de nove contos  
Os prejuízos que dei.

Mas não perde a valentia e desafia o seu algoz João  
Seriema:

Do lado que não enxergo  
Seriema me furava.  
O Destemido mordía  
Do lado que eu coxeava;  
Mata-me, João Seriema!  
Se pudesse, te matava!

(Ao Som da Viola, p. 262)

E assim também a Onça Cruxatú:

Vitorino por malvado  
E também por ser brejeiro,  
Amarra um bode no mato  
E me espera um dia inteiro;  
Mas, quando o leva prá casa  
Vou tirá-lo do chiqueiro!

Esse tal Vitorino,  
Fazendo de mim desdém,  
Rebolou-me co'uma foíce,  
Sinal de não querer bem.  
Fiquei olhando pra ele,  
Balançando meu Sedém.  
José Pimenta, irmão dele,  
Homem é de laborão;  
Mas eu como suas cabras,  
Coma ele seu feijão.  
Essa pirraça lhe faço.  
Só por ter aquele irmão.

(Ao Som da Viola, p. 264)

A citação foi longa, porém se fazia necessária a comparação entre as onças, para que se pudesse observar o prisma da criação popular no relacionamento ou oposição homem/animal. No Ceará, a rivalidade de duas forças num confronto permanente, com vencedor conhecido de antemão. E daí o poeta popular — o poeta-legião, como denominava Menéndez Pidal — tomar o partido do animal, do mais fraco, dando-lhe dimensões amplas, por meio da ridicularização dos perseguidores, das bravatas, da astúcia. E não seria uma transposição do sentimento de vingança do fraco diante do mais forte?

Contrariamente, vemos a Mateira reconhecer a superioridade dos perseguidores, os recursos para vencê-la e procura escapar ou ludibriá-los para preservar a vida. Por outro lado, poder-se-ia inferir um sentimento maior de visão da realidade, de lógica existencial de senso crítico? Não cabe aqui aprofundar a pesquisa das causas, das posições divergentes reveladas nos três romances. A poesia tradicional — já observou Menéndez Pidal — adquire tonalidades regionais. Por que, em três romances de igual tema, os coletados por Gustavo Barroso no Nordeste diferem do coletado por Antônio Americano, no Brasil Central? E não apenas através das variantes, o que constitui uma característica da poesia tradicional, mas também e principalmente pela psicologia — se assim poderemos dizer. Por que naqueles romances se menospreza, se ridiculariza, se amesquinha o caçador, exaltando-se contrariamente o animal, dando-lhe superioridade num confronto embora provisório, enquanto não ocorre o mesmo no romance Goiano? Luís da Câmara Cascudo ao estudar os motivos da poesia tradicional do Nordeste, observou que “nenhum Vaqueiro mereceu ainda como nenhum caçador feliz, os louros de um ABC, ou de um romance. São citados com louvor e suas façanhas descritas fielmente. Mas a honra do personagem principal compete à Vítima. Esta, boi, onça, vaca ou touro, vem numa auréola de gabos, evocada a infância, as primeiras aventuras, os sucessos iniciais, os primeiros inimigos, as guerrilhas, a perseguição tenaz e a morte cruel. O cantador, mais das vezes anônimo, encarna o animal e por ele fala criticando os vencedores, apontando-lhes as falhas, as indecisões, as derrotas inconfessadas”. (Vaqueiros e Cantadores, 1939, p. 9-10).

Alongamo-nos no exame comparativo da “Décima da Mateira”, para reafirmar a importância da coleta de Americano do Brasil. Essa importância ressalta ainda mais nos romances do ciclo do boi. Não apenas pela quantidade de versões — cerca de dez, não igualada por nenhum outro pesquisador da

poesia popular — mas pela extensão e antiguidade dos textos recolhidos.

Já Sílvio Romero, fizera referência ao ciclo em nossa literatura oral. “No corpo de nossa poesia popular — diz ele — a ação do caboclo é mais sensível nas composições a que se pode dar o nome de romance de vaqueiros, como Rabicho da Geralda, Boi Espaço, Boi Prata, Vaca do Burel, etc. <sup>1</sup>

Gustavo Barroso, que fez o primeiro recenseamento dos romances de animais, afirma que não pôde incluir em seu livro “Ao Som da Viola”, de 1921, a coleta de Americano do Brasil publicada em 1925. Relaciona 13 versões e destaca a importância do ciclo dos vaqueiros:

É possivelmente este o mais típico dos ciclos sertanejos, porque diretamente criado no próprio meio. Embora não se furte a influências naturais provenientes das tradições das raças que se chocaram no povoamento e formação da sociedade sertaneja, descreve e representa a vida dos vaqueiros e fazendeiros, exprime os seus pensamentos e nos mostra as suas reações em face dos acontecimentos comuns ou extraordinários da terra em que habitam”. <sup>2</sup>

Americano do Brasil sentira igualmente o significado desses romances dedicando-lhes um capítulo especial em seu livro — “O Boi e a poesia popular” — incluindo as décimas do Bico Branco, do Boi Guerreiro, O Rabicho da Geralda, A Vaca Melindrosa, a Décima do Boi (versão do Boi Surubim), uma Décima em diálogo sobre os bois Rio Grande e Campo Formoso, do Boi Amarelo, Boi Pintado, Boi Chita e uma versão sem nome — o Boi.

Nesta vasta coleta, o próprio Americano do Brasil resalta, no prefácio do livro, o famoso romance do Rabicho da Geralda comparando a versão goiana, recolhida à margem do Rio Vermelho, com a cearense divulgada por José de Alencar em 1874. Diz ele: “As peripécias das duas versões se ajustam perfeitamente: a goiana tem, a meu ver, mais ênfase, o que é natural, tratando-se de uma região essencialmente pastoril e onde o arrojo dos vaqueiros cresce na imaginação popular. Tão extenso é na poesia dos sertões, corrente na boca do povo, o tema obrigatório da celebração, em rimas, das proezas do avalentado boi sertanejo, famoso na astúcia, na resistência orgânica e na carreira expedida, que este insignificante ensaio (qualificação que Americano injustamente dá ao seu livro) lhe dedica um capítulo inteiro, editando interessantes atos heróicos em que se glorificam vaqueiros famanazes, cabutengos, e capelões. Em reduto armentoso, não é de estra-

nhar que o boi melancólico ou vivaz, tanto preocupasse a imaginação popular, formando no estilo da décima um exemplar de força, a zombar, sobranceiro, dos estratagemas e das arrogâncias dos vaqueiros do Brasil Central". (p. 3-4).

A sua versão do Rabicho de Geralda mereceria um estudo à parte, em confronto não apenas com a de José de Alencar, mas com a cearense divulgada por Rodrigues de Carvalho, de 1792. <sup>3</sup>

Desde o início do romance, encontramos as semelhanças da versão goiana com a de 1972, que mostram a intensidade com que se fixou na memória popular.

Versão cearense:

Sou o Boi, liso, rabicho,  
Boi de fama conhecido,  
Minha Senhora Geralda  
Já me tinha por perdido.

Versão goiana:

Eu fui um lindo Rabicho,  
Rabicho desconhecido,  
Minha Senhora Geralda  
Já me tinha por perdido.

Versão cearense:

Onze anos morei eu  
Lá na Serra da Preguiça,  
Minha Senhora Geralda  
De mim não tinha notícia.

Versão goiana:

Em sete anos eu morei  
Lá na casa da preguiça,  
Minha Senhora Geralda  
De mim não tinha notícia.

E desse modo, seguem aparentadas as duas versões, com os mesmos vaqueiros José Lopes, Manuel Moreira, Xerém, etc.

Versão cearense:

Quando o caboclo me viu  
Saiu por ali aos topes,

Logo foi dar novas minhas  
Ao vaqueiro José Lopes.

Versão goiana:

O caboclo endemoniado  
Saiu de pulos e topes  
E foi levar novas minhas  
Ao amigo José Lopes.

Convém lembrar que a versão cearense é de 1972, segundo o historiador Antônio Bezerra de Menezes, o que representa uma distância de quase um século e meio da versão goiana do Rio Vermelho. Mais duas quadras:

Versão cearense:

Corra, corra, camarada,  
Puxe bem pela memória  
Que não vim da minha terra  
Para vir contar história.

Tinha um pau atravessado  
Na passagem dum riacho  
O cabra passou por cima  
E o cavalo por baixo .

Versão goiana:

Havia um pau derreado  
No atravessar de um riacho  
O cabra passou por cima  
O alazão passou por baixo.

Corra, corra boi de fama,  
Puxe bem pela memória,  
Quando vim de Pau Jaú  
Não vim cá contar história.

Posteriormente, em 1929, na Revista da Academia Brasileira de Letras, sob o pseudônimo de João Goiás, Americano do Brasil divulgará uma longa versão do Boi Espaço. Já se conheciam as versões de Sergipe e Ceará divulgadas por Sílvio Romero; e de Pernambuco, por Pereira das Costa. A de

Americano supera todas em extensão: 220 versos, contra 138 da sergipana e 181 da pernambucana. Vejamos o que diz da sua versão ouvida de dois cantadores das redondezas de São José do Tocantins: "Não tenciono reivindicar para Goiás o berço histórico ou lendário boi, ou da interessante décima; apenas afirmamos que o original goiano, se assim o quiserem, é mais entusiástico que o texto nortista. Em consciência, pode-se afirmar que o poemeto goiano, emigrou de Goiás para o Piauí, através da fronteira, sendo sabido que desde princípios do século XIX essa via estava aberta às caravanas do sertão piauiense". E mais adiante: "Em resumo: pensamos que a décima do Boi Espaço teve ali sua origem, divulgando-se para o norte do país. Não é de admirar a celebração da fama de bois **avaleitados** em uma localidade essencialmente armentosa como Goiás: muitas décimas há de bois, e qual delas mais cheias de peripécias, em que sobressaem os vaqueiros famosos, cortando em fogosos picarços o solo acidentado".

Realmente, como afirma Americano do Brasil o texto goiano do Boi Espaço é mais entusiástico que o de Sílvio Romero e Pereira da Costa. A própria composição do poema é diferente das demais: Vemos aí um trovador e dois vaqueiros narrando e exaltando as virtudes e proesas do Espaço, que conta apenas as suas desventuras, as perseguições, o sofrimento. Cabe aos vaqueiros o elogio do Boi, numa seqüência de versos, com minúcias. E esses depoimentos se alteram numa complementação de lembranças, compondo-se o painel heróico do Espaço. Os pontos de contactos imediatos com a versão sergipana referem-se à participação do boi; mas, ainda assim, com destinação diferente.

Versão sergipana:

Os cascos do Boi Espaço  
Deles fizeram canoa,  
Para passar Marotos  
Do Brasil para Lisboa.

Versão golana:

Do casco do Boi Espaço  
É para fazer **cuié**,  
Destinadas de presente  
Ao povo de São José.

Versão sergipana:

O sebo do Boi Espácio  
Dele fizeram sabão  
Para se lavar a roupa  
Da gente lá do sertão.

Versão goiana:

O sebo do Boi Espácio  
É para fazer sabão  
Para oferecer ao bom povo  
Da Vila de São João.

E concluiu o trovador; na versão goiana:

Foi morte muito sentida  
Esta do Boi tão valente,  
Choravam vacas e touros,  
E chorava toda a gente

Assim morreu o chibante  
Boi de tanta fidalguia  
Que de Espácio foi chamado  
Pela tanta valentia.

Acredito que são plenamente justas as reivindicações de Americano do Brasil. Uma análise pormenorizada — que não cabe fazer aqui — ressaltaria alguns traços comuns, certo parentesco do Boi Espácio com a Onça Mateira, de que já falamos. O tema é sobremodo atraente, uma sugestão para os estudiosos do folclore goiano. **O Cancioneiro de Trovas do Brasil Central**, é uma fonte inesgotável de material para análise, para revelações sobre a poética popular, sobre a contribuição goiana ao acervo imenso de nossa poesia tradicional.

## NOTAS:

- 1 — **Introdução à História da Literatura Brasileira**, Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882, vol. I, p. 65.
- 2 — **Ao Som da Viola**. Nova edição. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949, p. 259.
- 3 — **Cancioneiro do Norte** 3a. edição, Rio de Janeiro, (NL, 1967).



Entrevista de Nertan Macedo ao jornal **O Popular**, de 19 de outubro de 1976, a propósito de sua eleição para sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.



## **INSTITUTO HISTÓRICO DA POSSE A NERTAN MACEDO**

O escritor cearense Nertan Macedo tomou posse, às 21 horas de ontem, como membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. A solenidade, que contou com a presença do governador Irapuan da Costa Júnior, realizou-se no Auditório Gilson Alves de Souza. Ela foi presidida pelo Professor Colemar Natal e Silva, presidente do Instituto, com a mesa formada pelo governador Irapuan da Costa Júnior, vice-governador José Luiz Bittencourt, ministro Aquino Porto; Gonçalves Bezerra, representante do Ministro do Trabalho; deputado Juracy Teixeira, representante da Assembléia Legislativa e jornalista Jaime Câmara, diretor de J. Câmara & Irmãos.

O professor Colemar Natal e Silva, ao abrir os trabalhos, ressaltou as finalidades do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, suas metas e o processo de elaboração nos caminhos históricos do Estado. Em seguida, o professor Ático Vilas Boas da Mota saudou o escritor Nertan Macedo, o Ceará, suas obras poéticas, folclóricas e históricas, dando-lhe as boas vindas a Goiás como o mais novo membro do IHGG, e augurando-lhe sempre sucessos nos seus empreendimentos literários. O governador Irapuan da Costa Júnior, ao fazer uso da palavra, também enalteceu a personalidade de Nertan Macedo, situando-o como um dos mais fecundos historiadores de nossa época, confessando sua alegria em ter o seu nome vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e, conseqüentemente, a este Estado. A reunião foi prestigiada por numerosas autoridades, representantes do mundo intelectual e convidados especiais.

### **"GOIÁS NÃO ME DESCOBRIU GOIÁS ME CONQUISTOU"**

Entrevista concedida por Nertan Macedo, ao jornalista Olavo de Castro, de O Popular, em 19-10-76, a propósito de sua eleição para sócio-correspondente do IHGG.

OC — O escritor tem compromissos com a sua época e a sua região, ou é universal no que se refere ao tempo e ao espaço?

NM — O escritor tem, necessariamente, compromisso com seu tempo e seu espaço físico. Somos filhos dos nossos pais como somos filhos de uma terra. Um escritor regional pode ser também um escritor universal. Emily Bronte, por exemplo. A alma dos seus personagens é universal. Mas o seu grande romance, o Morro dos Ventos Uivantes, é profundamente regional — absolutamente indissociável da paisagem física do Yorkshire. De resto, o sonho de todo escritor é da dimensão universal ao pequeno mundo onde viveu as mais duradouras impressões da sua vida e do seu destino. Nem todos neste mundo de Deus podem ser Shakespeare. Que tanto podia colocar o seu Hamlet num frio castelo dinamarquês, seu Macheth no seu nevoente mundo de uma ilha britânica, e ao mesmo tempo cantar com a paixão latina o amor de Romeu e Julieta. Ninguém pode ser — sem ser gênio — inglês, italiano e nórdico ao mesmo tempo. Mas o escritor que, no tempo e no espaço, conquistar a universalidade será um escritor digno desse nome. No que me toca estou longe, muito longe, de ser um escritor universal. Mas procuro trabalhar com muito carinho e amor o que o sertão me deu e continua me dando: Lampião, Padre Cícero, Antonio Conselheiro, Sinhô Pereira e outros personagens intensamente vividos.

OC — Como você descobriu o Planalto Central como palco de onde extraiu temas e personagens de sua criação literária?

NM — Creio haver descoberto o Planalto com a minha vinda para Brasília, há pouco mais de dois anos. Eu seria exato confessando o seguinte: eu sabia, há muito, que Sinhô Pereira, o primeiro chefe de Lampião, juntamente com seu primo Luís Padre, há muitos anos haviam abandonado o cangaço no Nordeste e se mudado para Goiás. Perguntei a muitas pessoas, em minhas viagens pelo interior de Minas e Goiás, se conheciam Sinhô Pereira. Cheguei mesmo a pesquisar a existência de Sinhô em Paracatu, mas ninguém sabia de nada. Até que um dia, por pura casualidade, chegou ao meu gabinete de trabalho uma jovem universitária solicitando uma entrevista para um teste de Faculdade sobre comunicação. Conversamos e a conversa recaiu sobre cangaço, Nordeste e Lampião. Na animação da conversa a jovem soube que eu havia escrito alguma coisa sobre Lampião. Ofereci a ela um dos

meus livros sobre o grande cangaceiro. Ela fitou a capa admirada e me disse:

— Quem vai gostar desse livro é o meu avô Francisco.

— E quem é seu avô? — perguntei-lhe.

— Sinhô Pereira, de Vila Bela, em Pernambuco.

Dal para o encontro com Sinhô, no distrito de Laçoa Grande, em Presidente Olegário, Minas Gerais, foi um passo. Sinhô me contou, sem reservas, a sua vida aventureira e nômade e nasceu o meu livro "Sinhô Pereira, o comandante de Lampião", que se esgotou rapidamente. A vida de Sinhô e de Luís Padre, seu primo, se misturaram estranhamente à vida de um grande filho do norte goiano. Abílio Wolney. Terminado o livro sobre Sinhô fui curtir em Dianópolis, o antigo São José do Duro, na Serra Geral, confins da Bahia e Goiás, a esplêndida figura de Wolney. E aí escrevi o segundo livro, "Abílio Wolney, um coronel da Serra Geral". Choveram, daí pra frente, muitos depoimentos novos de gente que havia conhecido e privado com Abílio Wolney. Resultado: tenho material de sobra Wolney e Sinhô que daria um terceiro livro que ainda pretendo escrever. Eu gostaria que a televisão brasileira mandasse alguém filmar, em Laçoa Grande, o velho Sinhô Pereira, que ainda está vivo, forte, apesar de octogenário. Ele é o último dos grandes valentes que sacudiram o sertão nordestino, há cinquenta anos passados, com o troar do seu rifle e das suas andanças e escaramuças.

OC — Como Goiás o descobriu?

NM — Goiás não me descobriu. Goiás me conquistou. Pelo carinho dos amigos que fiz em Brasília e Goiânia Um Ático Vilasboas, que reputo um intelectual de maravilhosas qualidades, um escritor e pesquisador brilhante e vigoroso, além de um amigo fora de série. Um Basileu Toledo França, um aristocrata de alma e inteligência, sóbrio historiador, pesquisador criterioso e culto. Eu já conhecia alguma coisa de Bernardo Élis, mas não havia lido o seu melhor romance. O Tronco. Não o conheço pessoalmente, mas admiro a sua literatura. Não quero citar outros nomes para não me alongar nem omitir velhos e jovens valores que, em Goiânia, me cercaram com seu carinho e a sua hospitalidade. Há, em Goiás, uma vida intelectualmente intensa, rica e sugestiva. Mas Goiás ainda é um veio riquíssimo e inexplorado. Quem vai desfrutar da sua história fabulosamente virgem são os escritores que virão amanhã. Se Deus me desse vagares gostaria — e aí está uma sugestão — de escrever a vida de Santa Dica, que mereceu de

Jorge de Lima um bonito poema. Pouca gente no Brasil conhece essa estranha, inusitada mulher. Já conservei com uma nota dela e fiquei empolgado com as coisas que ela me contou sobre a avó. Por que ninguém se atreve a biografar a Santa Dica?

OC — Em que estágio se encontra o seu relacionamento com a cultura goiana e seus construtores atuais?

NM — O meu convívio com a cultura goiana tem sido contínuo, de dois anos para cá. Li, com muito agrado, o livro de memórias do meu venerando amigo, o senador Pedro Ludovico, que considero uma espécie de patriarca dessa terra amiga e acolhedora. Tive a satisfação, na mocidade de provar com jornalistas da têmpera e da bondade de Alfredo Nasser. Leio o que posso sobre Goiás, seu povo, sua história, sua literatura. E acompanho o movimento editorial de Goiânia, que não é pequeno, com o mais vivo interesse. Li todos os números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico. Já tive a honra de acompanhar o professor Acari Passos em suas pesquisas arqueológicas, ele é um dedicado e abalizado indianista, tanto quanto o seu colega da Universidade, o professor Juarez. Admiro o trabalho severo desse historiador eminente, que é o professor Colemar Natal e Silva. Gosta da poesia de Helvécio Goulart. De José Godoy Garcia. De Walder de Góis. Li, com fascinação, o "Cancioneiro de Trovas do Brasil Central", de Americano do Brasil, com notável introdução de Basileu Toledo França. Gostei da História na Imprensa Goiana, de Braz de Pina. Gosto de William Agel, bom escritor e bom diplomata. Enfim, leio tudo o que me cai nas mãos, sobre Goiás.

OC — Que significado tem para você a sua eleição para o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás?

NM — Confesso: minha eleição para o Instituto me deu a maior alegria. Também sou sócio correspondente do Instituto do Ceará. Sinto-me em casa no Instituto de Goiás. Pois não é uma casa, para quem ama a história da sua gente, do seu povo? Eu sou cearense, mas, sou, principalmente brasileiro. Portanto, sou goiano também...

OC — Que contribuição pretende oferecer, futuramente, à cultura goiana?

NM — Farei o que estiver ao meu alcance, agora e futuramente, para escrever alguma coisa sobre Goiás. Por enquanto, entretanto, dedico-me inteiramente ao discurso que terei de fazer no Instituto, na próxima 6ª feira, dia 22 do cor-

rente. Um tema me fascina, particularmente: o Araguaia. Que grande tema para um belo poema!

OC — Deponha sobre o panoama cultural do Centro-Oeste a sua atuação como integrante dele.

NM — Confio muito na inteligência goiana. Ela terá muito que oferecer ainda ao Brasil. E acho que a sua Universidade, tanto a Federal como a Católica, está preparando muita gente boa para o futuro. O panorama intelectual goiano é simplesmente e cada vez mais promissor. Cabe ao Governo do Estado atrair o que de bom existe no teatro, na música, na literatura, na ciência, alienado por aí. Goiânia, por exemplo, está a merecer um bom teatro. Fica a sugestão a quem de direito. Os escritores, os intelectuais, de um modo geral, devem participar ativamente da vida pública. Cada qual na sua área de vocação. Estou informado de que o Governador Irapuan não é insensível à cultura, o que me reconforta e muito.

OC — Dê os nomes mais significativos, no seu entender, que ajudam a dimensionar a cultura do Centro-Oeste.

NM — Já dei alguns nomes que considero exponenciais da cultura goiana. E me dispenso de fornecer outros a fim de não cair em omissões.

OC — Como você vê, sente Goiás e sua gente?

NM — Sinto Goiás e sua gente como uma soberba fonte de energia espiritual neste grande, imenso e adorável país que é o Brasil. Uma força latente, maravilhosa. Um celeiro para o desenvolvimento econômico. Uma promessa/ certeza nas coisas que dizem respeito ao espírito brasileiro. Pois é um pedaço profundamente brasileiro deste nosso país.

OC — Revele a melhor coisa que você viu ou sentiu, de Goiás.

NM — Vi e senti muitas coisas interessantes e boas na minha vivência goiana. Mas duas coisas me marcaram: o rio Araguaia, vendo o velho índio Savaru preparando peixe, com aquele cuidado e tranquilidade que só o homem primitivo ainda guarda. E mais: a visão da Serra Geral à noite, uma noite negra e profunda, estriada de pardos e amarelos no seu cair. Um sertão ainda puro como nos dias dos preadores de índio e fiscadores de ouro. Ah! eu sou um homem terrivelmente apegado à paisagem física do sertão!

OC — Qual a sua maior alegria como escritor?

NM — Tive já muitas alegrias como escritor. Mas acredito que a maior delas foi quando o palco do Teatro José de Alencar, em Fortaleza, abriu-se numa edterminada noite e vi

mais de duas dezenas de universitários a encenar, sob a direção de B. de Paiva, o meu "Rosário, Rifle e Punhal" (o romanceiro do Padre Cícero Romão Batista). Foi tão bela a representação que, ao ser chamado ao palco, no fim do espetáculo, as lágrimas vieram aos olhos e só pude balbuciar: "muito obrigado". Outras grandes emoções: ao ver as criancinhas do bairro de Santa Tereza, no Rio, em plena noite, ao ar livre, ao Largo do Rato, representando o meu "Cancioneiro de Lampião". E a representação maravilhosa dessa mesma peça pelo Teatro Universitário de Juiz de Fora, que a levou, por solicitação de Pascoal Carlos Magno, a grande parte do Nordeste, quando da execução do famoso Barco da Cultura. Agradeço a Deus os bons momentos que tenho vivido naquilo que amo realmente: a minha terra, a minha gente, que me fizeram escrever os meus livros.

## **A POSSE DE NERTAN MACEDO**

— Em seu discurso, ele chamou a atenção para a importância do Planalto Central no que representa como região de encontro dos brasileiros e traçando paralelos culturais, entre Goiás e o Nordeste onde nasceu, o escritor Nertan Macedo situou o papel do Estado na formação nacional.



“O sertão - o homízio”. Esta curta, seca definição, aprendida há tantos anos em Euclides da Cunha, tem soado aos meus ouvidos pelo tempo afora como a mais patética, sinfônica, autêntica, pura síntese do papel que, em nossa formação brasileira, exerceram ao longo de quatro séculos os vastos e desertos plainos interiores deste grande País.

### SENHORES:

Um cearense do Crato, que viu a luz primeira às brandas flutuações dos canaviais do seu longínquo vale do Cariri, encravado nas lindes dos **sertões de dentro** do Nordeste, vem longe, de tão longe, abrigar-se hoje à sombra ilustre deste Instituto Histórico, que anima em seu seio o que de mais egrégio, sóbrio e intelectualmente responsável/esplende na jovem cultura goiana — tão antiga e tão moderna — para repetir aqui uma imagem literária muitas vezes já mencionada.

Goiás é uma das primeiras, fortes, recônditas lembranças da minha infância.

Eu era menino, no Crato, quando ali chegavam as boiadas de zebu, tangidas daqui à minha província, através da Bahia do Piauí, a fim de racear o nosso rebanho, ainda muito dominado pelo “pé duro” dos tempos coloniais. Então, na pra-cinha da Sé da minha cidade natal, um simples campo em forma de quadro, coberto de capim, areia e algumas mangueiras, eu ouvia, com os olhos deslumbrados, a história desse gado e desses vaqueiros que haviam atravessado centenas de léguas e vinham de tão longe para revigorar a mais antiga e nobre atividade do sertanejo cearense — a pecuária — fundamento de toda a civilização coureira que a minha raça, o meu

pobre e grande povo plantou, para sempre, naqueles magros desertos, que Deus pincelou de cinza e azul e fez brilhar sobre eles um sol igual ao tão forte e belo como o que vejo nas manhãs e tardes deste Planalto Central.

Sol que é de Goiás e do Ceará. Que ilumina o meu coração nas horas de tristeza alegria e, também, de sonho e saudade. Sol todo meu, a retemperar minha alma e este corpo já um tanto cansado, mas não curvado, elas agruras e decepções da vida.

Eu diria: Goiás é um dos remotos da minha vida. E outra recordação aqui me obriga — e de que muito me orgulhava na meninice — era uma vaga alusão a uns meus parentes do lado paterno, os Alcântaras, que vinham vindo do Ceará e fincado raízes em Goiás (em Catalão, se não me engano), nunca mais retornando aos pagos natais. Assim uma reminiscência de infância e uma migração familiar ataçaram em meu espírito curiosidade e carinho or esta terra. E essa curiosidade e esse carinho não me têm abandonado, porém sido antes acrescidos, desde que vim morar em Brasília, como servidor público, há cerca de dois anos e meio.

Sou um enamorado da geografia goiana. Poucas porém, quase nenhuma, e assim confesso, ligações históricas pude estabelecer, nas minhas pesquisas, entre o Ceará e o vosso grande e rico Estado.

Goiás, ao sul, é, pelos seus rios tributários do rio Paranaíba, formador do Paraná, integrante da bacia platina. Confluentes no extremo, dois outros grandes rios gêmeos, o Araguaia e o Tocantins, fazem-no também integrante da bacia amazônica. Existe, aliás, uma diferença bem nítida entre o Goiás do Sul e do Norte. O Goiás sulino termina na Chapada dos Veadeiros, na Serra do Paranã, nas cabeceiras do Tocantins. É o mais rico, o mais densamente povoado, berço histórico do Estado, do Goiás antigo, com maior número de cidades. Campos, cerrados e formações matosas dão seus fáceis botânicos. Seus rios procuram o Paranaíba, o Paraná, o Prata.

Já o Goiás do Norte é marcado pelas terras que se estendem do bellissimo Araguaia, com quem tenho alguma intimidade, à Serra Geral de Goiás ou do Espigão Mestre, pela Chapada das Mangabeiras, e que o separa da Bahia e do Maranhão, tendo ao meio a espinha dorsal do Tocantins, este (como o Araguaia) com dificuldades do aproveitamento à navegação — devido às **corredeiras, itaipavas** do tupi: trechos altamente declinados desses rios águas escachoando entre pedras ou

mesmo por pedras d'água, cachoeiras numerosas; população esparsa, pouco densa, também poucas e pequenas cidades — o Goiás do Coronel Abilio Wolney e dos seus jagunços. Transmuda-se aí a fisionomia da paisagem vegetal. Passa-se dos cerrados aos cocais, os babaçuais, que o iguala ao Maranhão e parte do Piauí, pela presença maciça dessas palmeiras, cuja exploração extrativa é uma das suas riquezas.

O que fraterniza na verdade Goiás com os sertões nordestinos, tanto ao Norte como ao Sul, é o pastoreio.

O início do povoamento pelo sul coube ao bandeirismo paulista. Aos dois Bartolomeu Bueno, pai e filho, um dos quais, segundo o lenda, e a fim de forçar os índios a dizer onde encontravam pepitas de ouro, queimou um pouco de aguardente — e os selvagens assombrados logo ficaram intimidados, julgando que ele poderia da mesma maneira queimar a água dos rios — lenda a que se liga o apelido de Anhanguera. Pertencia à Capitania Geral em 1744, com capital na antiga Vila Boa, o simplesmente Goiás de hoje, elevado à cidade juntamente com Cuiabá, em 1818. Foram as duas últimas cidades criadas no Brasil pelo colonizador português, antes de 1822, da separação de Portugal, tendo sido governadas por altos e emproados fidalgos lusitanos. De um deles, que figura na nobiliarquia brasileira, com o título de Marquês de São João da Palma, consta ter ficado numerosa descendência bastarda em terras goianas. A informação é do Visconde de Taunay em seu livrinho intitulado **Goiás**.

Recordo agora um grande presidente de Goiás ao tempo da Guerra do Paraguai. Foi Ernesto Ferreira França, a quem se deve a organização de uma brigada goiana, que se uniu aqui aos mineiros e paulistas que marchavam para Mato Grosso, coluna esta que chegou até Laguna, poucas léguas a dentro do Paraguai e daí bateu em retirada, dando origem ao episódio militar de que se ocupou em livro famoso o mesmo Visconde, Alfredo d'Escagnolle Taunay, então jovem oficial de engenharia e participante da referida coluna.

Os bravos goianos incorporados ficaram, em consequência das perdas que sofreram, reduzidos ao 20º Batalhão de Infantaria, comandados por um valente e imperturbável baiano, o Major Joaquim Ferreira Paiva, que terminou seus dias de vida tranquilamente na poética cidade de Ilhéus, terra de Jorge Amado e sua Gabriela. E berço natal de Crispiniano Tavares, o iniciador do conto literário em Goiás, segundo pesquisas do nosso eminente colega Basileu Toledo França.

Seria bom chamar a atenção para o significado do Planalto Central, no que ele representa de **encontro dos brasileiros**, talvez o exemplo mais marcante a ser apontado no contexto nacional. E ressaltar a presença de troncos familiares portugueses que aqui também vieram frutificar: os Távoras e os Frotas. Gostaria de chamar a atenção para a figura de José Manuel Antunes da Frota, cirurgião-mor, o primeiro a escrever uma Memória Estatística de Goiás (parte publicada em **O Patriota de Lisboa**), ligado ao mesmo tronco genealógico dos Frotas de Sobral (e seus primos que estão arrolados como os primeiros povoadores de Meia-Ponte (hoje Pirenópolis)).

O mesmo se diga da presença da literatura cearense, traduzida, sobretudo, na figura de José de Alencar, acentuando a influência que a produção alencarina exerceu sobre várias gerações goianas. Bastaria atentar para o levantamento bibliográfico do antigo Gabinete Literário de Goiás, já realiado, o que testemunha o grande prestígio de que desfrutou o autor de **Ubirajara**, não somente durante o período romântico, mas pelas décadas a fora, numa demonstração convincente do quanto se apreciou e se aprecia ainda o que em tão boa hora nos transmitiu a sensibilidade nordestina, através de seus porta-vozes, ou seja, os seus escritores.

Aqui gostaria de rememorar um cearense: Lourenço Alves de Castro Feitosa. Filho dos sertões dos Inhamuns, de uma das mais poderosas famílias patriarcais da minha terra, era acadêmico de Direito no Recife quando rebentou a Guerra do Paraguai. Empolgado pela vibrante propaganda de Castro Alves, alistou-se como voluntário. Dizem que sem o consentimento paterno. Lourenço, pelos azares da vida militar, acabou incorporado ao 17º Corpo de Voluntários da Pátria, um batalhão de mineiros. O jovem acadêmico muito se distinguiu na campanha do Paraguai, ascendendo a alferes e a tenente-commissionado. Jogado nesse batalhão de mineiros, o estudante aventureiro seguiu até a Vila das Dores do Rio Verde, a antiga Vila das Abóboras, hoje a importante cidade de Rio Verde, capital regional do sudoeste. Dali foi incumbido de seguir para Cuiabá, o que o impediu de tomar parte na Retirada da Laguna. É ele o único dos meus conterrâneos que se rastreia historicamente perto desse fato. Reza a tradição familiar dos Feitosa que Lourenço, ao retornar à casa paterna, nos Inhamuns, levou uma surra do pai, a despeito das suas façanhas, por haver se alistado e feito a guerra sem o consentimento prévio do velho patriarca. Deliciosas colsas do tempo...

E, curioso destino: essa coluna vinha de São Paulo, sob o comando do Coronel Manoel Pedro Drago. Em Uberaba uniu-se à brigada mineira, que vinha de Ouro Preto, sob o comando do Coronel José Antonio da Fonseca Galvão, de troncos rio-grandense do norte, pernambucano e alagoano. José Antônio era tio de Deodoro da Fonseca, irmão do pai do Proclamador da República. Sabem mais quem era esse mesmo José Antônio? Está nos curiosos registros do grande historiador e polemista cearense, João Brígido, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar no Instituto Cultural do Cariri, sediado na minha cidade do Crato e que há anos edita regularmente uma das melhores revistas culturais do sertão brasileiro — a revista Itaytera.

Era esse mesmo José Antonio o famoso major Pastorinho, que 40 anos antes, em 1824, prendera Frei Caneca e outros rebeldes da Confederação do Equador, remetendo-os para o Recife, onde foram suplicados.

Quando Drago se retirou, José Antonio comandou a coluna e foi morrer em Mato Grosso, na travessia do Pantanal, junto ao Rio Negro. Seus filhos, ambos oficiais — generais do Exército Imperial, foram o Barão do Rio Apa e o Visconde de Maracaju. Este, o último ministro da Guerra do Império, a quem Deodoro saudou corretamente, ao entrar na sala do Ministério, no dia 15 de novembro de 1889, com estas breves e amáveis palavras: "Como vai, primo Rufino?" — Naquela sala estava reunido o último gabinete de Pedro II, o gabinete Ouro Preto.

Taunay é quem nos revela ainda outro nordestino, um riograndense do norte, cujo destino se ligaria também a Goiás. Falo de Antônio Florencio Pereira do Lago, que, banhado de elogios pelo visconde-escritor-soldado, vai, depois da Guerra do Paraguai, explorar o Tocantins e o Araguaia. Traçou o visconde a biografia desse seu colega e companheiro de armas. Publicou o excelente relatório de sua exploração dos rios mencionados, considerando-o tão notável neste campo quanto o de Couto de Magalhães, que desceu o Araguaia quando exercia a presidência de Goiás. A proteção do Visconde do Rio Branco, em 1872, fez de Antonio Florencio, aos 29 anos de idade e moço capitão de engenharia, deputado geral por Goiás. O fato é narrado por Taunay, em suas memórias, dizendo da emoção de Antonio Florencio no dia em que tomou posse do mandato. Foi após a missa de praxe, rezada naquele tempo, a chamada missão do Espírito Santo, velha tradição herdada das Monarquias européias com que se abriam as Côr-

tes, os Estados Gerais, as Dietas das Monarquias Católicas, extinta depois do cataclismo revolucionário de 1789.

Permitam-me, nesta altura, uma palavra sobre o Instituto do Ceará — o Instituto Histórico Geográfico Antropológico do Ceará — ao qual tenho a honra de pertencer, na qualidade de sócio correspondente. Faço-o com o simples intuito de torná-lo melhor conhecido deste plenário ilustre, que me acolhe tão distintamente. Foi fundado — 12 foram os seus fundadores — em 1887. É a chamada Casa do Barão de Studart. Do notável erudito Guilherme Studart, filho de um inglês e uma cearense, barão pela Santa Sé, e que foi o maior escavador de documentos na história regional de todo Brasil. Sua herança à posteridade cearense: 30 mil documentos, que a família deixou estragar, e dos quais o Instituto do Ceará logrou salvar 6 mil. O Instituto do Ceará, irmão deste de Goiás, publica ininterruptamente, desde 1887, notável revista, cujo índice foi paciente e beneditinamente organizado por esse brilhante e severo historiador brasileiro, meu amigo José Honório Rodrigues. Dentro de 13 anos, a Revista do Instituto do Ceará completará 100 anos. Minha província natal é, assim, a que tem a sua história mais bem profundada no Brasil, sob todos os aspectos: política, militar, administrativa e econômica, etc.

Consintam-me outra breve palavra sobre a Academia Cearense de Letras, com suas 40 vagas, e da qual sou titular da número 7, cujo patrono é Clóvis Bevilacqua. Fundada a 15 de agosto de 1894, é a mais antiga do País, anterior mesmo à Academia Brasileira de Letras, com uma revista que já está com inúmeros tomos.

Recordo por um único sentimento: torná-las mais próximas do vosso conhecimento, do coração e da inteligência dos meus novos companheiros, aqueles que se constituem no corpo privilegiado do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. E a todos aqui sou grato pelo meu ingresso neste austero, honorável recinto, onde se aprende a cultuar o passado, estudar o presente e ajudar o futuro do Brasil.

Não poderia ser o contrário. Porque bom e generoso é o brasileiro de Goiás. Goiás, coração geográfico do Brasil. Goiás sertão, Goiás homizio. Chão que acolheu e tornou cidadãos reconciliados com a sociedade, cangaceiros temíveis como Sinhô Pereira e Luís Padre, que fizeram arder o Pajeu selvagem ao clarão dos seus bacamartes, nas primeiras décadas deste século, ao lado da figura lendária e sinistra de Virgulino Lampião.

Amo este Goiás. Com seus planaltos azulados e seus nascentes, luares e poentes inesquecíveis. Amo esta terra que fez retornar, moído de saudade muitas lágrimas amargas, e já bem velhinho, das suas andanças por outros rincões distantes o Coronel Abílio Wolney, **haiduque** da Serra Geral, para morrer em paz na sua bem amada Dianópolis, o antigo e bravo São José do Duro.

Euclides da Cunha tinha razão: "o sertão é o homízio". E Goiás é o homízio do meu coração profundamente agradecido.

Muito obrigado.



**CANTO SEGUNDO**  
de  
que contém a história  
de  
**TASSO,**  
**SOFRÔNIA E OLINDO.**

(Trazido, oitava por oitava, do original italiano, pelo padre Luiz Antônio da Silva e Souza, natural de Minas Novas, e oferecido ao excelentíssimo D. Francisco de Assis Mascarenhas, hoje Marquez de S. João da Palma, e então capitão general de Goiás.)

**1**  
A tempo, em que o Tirano apronta a guerra,  
Ante ele se apresenta Ismeno um dia,  
Ismeno, que animado desenterra  
O cadáver, que jaz na campa fria:  
Ismeno, que a Plutão assusta e aterra  
No seu trono, dos filtros co'a magia:  
Que a seu mando fatal, quando pretende,  
As Fúrias infernais desata e prende.

**2**  
Este, que foi Crisião e é Maometano  
As cerimônias sabe antes ouvidas,  
E mil vezes em uso ímpio e profano  
Confunde as duas Leis mal percebidas:  
Da gruta, onde se esconde ao trato humano,  
Sai a exercer as artes fementidas:  
O que é pior, aconselhar pretende  
Ao cruel Rei, que a seu conselho atende.

**3**  
"Senhor, lhe diz, já vem, já vem chegando  
"A formidável, vitoriosa armada:  
"Do céu, da terra auxílios esperando  
"Prossigamos na empresa meditada:  
"Bom Rei, bom Capitão desempenhando

"Teu dever, tua glória é dilatada:

"Se seguir teu exemplo se procura,

"Aqui os teus rivais têm sepultura.

#### 4

"No mal, que te ameaça, trazer venho

"O socorro, que está da minha parte:

"A prudência, que dão as cãs, eu tenho,

"Tenho todo o poder da infernal arte:

"Os anjos, que das nuvens no despenho

"Cairão, forçarei para ajudar-te:

"Das traças, dos encantos, que medito,

"Antes que tudo a ordem te repito.

#### 5

"No templo dos Cristãos existe oculto

"Um subterrâneo altar, que é consagrado

"À que mãe intitula o povo inculto,

"Do Deus nascido, morto e sepultado:

"Sem cessar arde um cfrio ao sacro vulto,

"Que é do véu, que o rodeia, resguardado;

"Em torno ao simulacro os votos pendem,

"que os crédulos devotos lhe suspendem.

#### 6

"Ora, esta imagem deles respeitada

"Por que própria mão roubada quero

"Dentro em tua Mesquita colocada:

"Tais encantos depois fazer espero,

"Que enquanto ela estiver ali guardada,

"Ilesas estas portas considero,

"E pelos meus mistérios e conjuros,

"Ficarão sempre intactos os teus muros."

#### 7

Disse e persuadiu: logo impaciente

Ao templo corre o Rei acelerado

Violenta os sacerdotes, imprudente,

E o casto simulacro foi roubado:

Coloca-se em lugar menos decente,

Onde ímpio culto irrita o céu sagrado;

Põe-se na ara profana a imagem pura,

Mil blasfêmias o Mago então murmura.

8

Porém mal ressurgio o novo dia  
Observando de um lado e de outro lado  
O ministro do templo, que o vigia,  
Viu o sacro depósito roubado:  
A pressa corre ao Rei, que se angustia  
Mostrando o rosto tristemente irado,  
Supondo nesta ação em seu conceito,  
Que algum Cristão o roubo lhe tem feito.

9

Ou fosse que isto obrasse mão piedosa,  
Ou que o céu, a que ofende a gente Insana,  
Quisesse separar de uma ara odiosa  
Aquela, que é dos anjos soberana:  
A fama ainda fica duvidosa,  
Se mão celeste o fez, se força humana:  
Inda que mais piedoso se imagina,  
Que esta mudança foi obra divina.

10

Casas e templos inquirir ordena  
O Rei com importuna diligência;  
Destina ao roubador terrível pena,  
E prêmio ao que acusar tanta imprudência.  
O Mago, a que temor também condena,  
Em vão emprega a força da ciência,  
Que o céu, ou seja ou não participante,  
Encobre tudo a Ismeno delirante.

11

E vendo então o Rei, que em vão se cansa,  
Ser crime dos fiéis logo presume:  
Conjura-se contra eles, não descança,  
Sentindo aceso na alma infernal lume:  
Ultrapado se julga, quer vingança,  
Solta o freio à paixão, que é de costume  
"Não ficarão Impunes, diz ralvoso,  
"Morrendo todos, morre o criminoso."

12

Contanto que o réu morra, o inocente  
Pereça muito embora. Mas que digo?  
Inocente! Qual é da infame gente

Que se deve julgar de nós amigo?  
Bem que do crime novo algum se isente,  
É justo pague agora o crime antigo:  
Ferro e fogo trouxe, amigos, logo  
Esta nação acabe e ferro e fogo.

**13**

Assim a turba fala e em continente  
Aos fiéis é notória esta desgraça,  
Que se confundem vendo já pendente  
Duro ferro, que as vidas ameaça:  
Sem que a defesa, e a fuga tente,  
Espera que o furor se satisfaça  
Quando neste momento atribulado  
Um socorro lhe chega inopinado.

**14**

Uma donzela então perfeita havia  
De alma sublime e rara gentileza,  
Que só com a modéstia se atavia  
E que os outros encantos menospreza:  
Que entre os muros da estância, em que vivia,  
Esconde os atrativos da beleza,  
Ocultando-se às vistas, aos louvores,  
E furtando-se às setas dos amores.

**15**

Mas como uma beleza se defende,  
Que atrai a vista, os corações cativa,  
Amor não o consente, antes pretende  
Num mancebo acender a chama ativa:  
Amor é cego, é Argos: ora estende  
A vista ao longe, e ora a vista esquiva,  
Toda a cautela vence e tem ciência  
De penetrar o asilo da inocência.

**16**

Este Olindo se diz, Sofrônia aquela  
Na mesma pátria e lei dele criada:  
Ele tão modesto é, quanto a vê bela,  
Ama assaz, pouco espera, e pede nada:  
Ele amor nem encobre, nem revela:  
Ela vive sem vê-lo sossegada:  
Assim serve este amante desgraçado,  
Ou não visto, ou bem mal recompensado.

**17**

Então se escuta a voz formidolosa,  
Que a mortandade próxima anuncia;  
Sofrônia tão honesta, quão briosa  
Quer seu povo livrar da tirania;  
Virginal pejo a prende receosa,  
Seu valor ao projeto a desafia,  
E triunfa o valor esclarecido  
Ficando ao mesmo tempo ao pejo unido.

**18**

Ao campo a virgem sai e os seus descobre:  
Nem oculta, nem mostra que é formosa:  
A vista inclina, um denso véu a cobre  
De uma maneira esquiva e generosa:  
Só se vê no seu rosto um garbo nobre,  
É do acaso? Ou é de arte industriosa?  
Céu, natureza, amor, da sua parte  
Aos seus descuidos dão a força d'arte.

**19**

Por entre o povo, que contempla, atento  
Indiferente vai, chega ao Tirano:  
Nem por lhe ver o rosto truculento  
Suspende o passo nem receia o dano:  
"Perdoa ao povo, diz neste momento,  
"Senhor, suspende o teu furor isano:  
"Minha mão entregar-te já pretende  
"O que buscas cruel, o que te ofende."

**20**

Ao repentino assalto da beleza,  
Que a vista fere a um tempo honesta e altiva,  
Confuso fica o Rei, deixa a braveza,  
Modera o rosto, que o furor aviva:  
Na alma ele, ela no rosto sem fereza:  
Ele ama, porque a julga nada esquiva;  
Porém as graças fogem dos rigores,  
E só ternuras nutrem os amores.

**21**

Quer fosse de prazer, quer de ternura  
O coração do ímpio se vê preso;  
"Nada me ocultes, diz, e está segura,

“Que esse povo, que estimas fica ileso:  
“Aqui tens, lhe diz ela, a quem procura  
“Para o suplício o teu furor aceso:  
“Esta mão, que aqui vês, foi a culpada,  
“Eu somente ser devo a castigada.

## 22

Assim quer libertar da crueldade  
O seu povo e sofrer todo o castigo:  
(Generosa mentira, que verdade  
Há tão bela, que iguale hoje, contigo!)  
Ao Tirano confunde a heroicidade,  
Não cobra logo o seu furor antigo:  
Quais foram do delito os companheiros  
Saber pretende, quais os conselheiros.

## 23

“Do projeto, que oculto nalma tinha,  
“A glória só me toca, lhe diz ela:  
“De outrem força e conselho não convinha:  
“Tudo deve ocultar sabia cautela:”  
“Logo em ti só recaia a fúria minha,  
Torna o Tirano, a quem o pasmo gela;  
“Sim, diz ela tranquila no perigo,  
“Foi minha a glória, meu seja o castigo.

## 24

Inquire ainda o Rei enfurecido,  
Aonde aquele roubo está guardado;  
Mas ela diz, que à cinzas reduzido  
Já fora pelos ventos espalhados  
Que com prazer o tinha assim remido  
De um sacrílego povo exasperado;  
Que se o roubo procura, em vão procura,  
Se quem o fez ser ela lhe assegura.

## 25

“Não fui na ação, que fiz, usurpadora,  
“Que é justiça cobrar o que é roubado:”  
Mal isto ouve o Tirano, na mesma hora  
Solta o freio ao rancor desatinado:  
Nem mais, virtude, graça encantadora,  
Vós podeis ver o ímpio subjugado:  
Pris em vão contra um peito assim sanhudo  
Os encantos de amor fazem escudo.

26

Sofrônia bela é presa e o Tirano  
Quer que no fogo morra atormentada;  
Nos braços põe cadeias, desumano,  
Do casto corpo a roupa lhe é tirada:  
Ela emudece e mostra um ar ufano,  
Bem que de idéias tristes perturbada,  
Do rosto vai fugindo a formosura  
Fica não palidez, mas neve pura.

27

Este ato heróico em toda a parte sôa:  
Em confusão o povo ali concorre;  
É certo o fato, incerta é a pessoa  
E vacilando Olindo também corre:  
Mal viu, que ímpias cadeias as mãos magôa,  
Da bela prisioneira, por quem morre,  
Vendo que a execução o algoz intenta,  
A multidão, que a cerca, violenta.

28

"Esta, diz ele ao Rei, não é culpada  
"Do crime, que se arroga por loucura:  
"Não empreende virgem delicada,  
"Não executa só tanta aventura.  
"Como enganou a guarda acautelada!  
"Como roubou no altar a imagem pura!  
"Diga se o fez. Eu fui o delinquente."  
Tanto ama aquela que ainda amor não sente.

29

Inda diz mais — "Por onde o ar e o dia  
"Na soberba Mesquita tem entrada,  
"No silêncio descí da noite fria  
"Pela abertura estreita e não tocada:  
"Da morte a honra, que me competia,  
"Em vão Sofrônia quer lhe seja dada:  
"Se eu cometi o crime, meus são logo  
"Estes ferros que a prendem, este fogo."

30

Sofrônia, que isto escuta brandamente  
Ergue o rosto e tão nobre esforço admira;  
"Que fazes, lhe diz, mísero inocente!

“Quem tal conselho ou tal furor te inspira?

“Julgas que só não sou suficiente

“Para sofrer do meu Tirano a ira?

“Eu tenho para a morte que já vejo,

“Sem teu exemplo coração sobejo.”

**31**

Assim fala ao amante, que brioso

Persiste no projeto concebido.

Que espetáculo heróico e generoso,

Onde amor, onde o esforço é combatido!

Onde a morte é coroa ao vitorioso,

Onde a vida é a pena do vencido!

Mas o Rei tanto mais se desatina,

Quanto mais ele e ela se crimina.

**32**

No desprezo da morte e do tormento

Julga o Rei seu decoro injuriado:

“De ambos se creia, diz, o atrevimento:

“Ambos tenham o prêmio desejado:”

Aos ministros acena e num momento

Na coluna um e outro é manietado:

Ao seu furor a idéia corresponde;

As costas une, o rosto ao rosto esconde.

**33**

Já se vê fumegar a pira ardente,

Que extinga tão heróicos sentimentos:

Quando o amante preso juntamente

Estas vozes soltou entre lamentos:

“São estas as prisões, em que eu contente

“Esperava gosar doces momentos!

“Acaso é esta a chama apetecida,

“Que devia abrasar-nos toda a vida!

**34**

“Outras chammas amor nos prometia,

“Outras prisões; mas estas quis a sorte,

“Que até agora cruel nos dividia,

“E que agora nos une em dura morte:

“Ah! pois deves sofrer a tirania,

“Se no leito não fui o teu consorte,

“Sobre a pira o serei. Sinto o teu fado,

“Não o meu; pois feliz morro a teu lado.

**35**

“E fico em meu tormento satisfeito,  
“E por certo feliz acabo a vida;  
“Se ao expirar, unidos peito a peito,  
“Foi minha alma em teus lábios recolhida:  
“Feliz se for na minha boca aceito  
“O teu suspiro extremo”... interrompida  
A voz lhe foi então da mágua forte  
E ela o aconselha desta sorte.

**36**

“Não te podem convir na fatal hora,  
“Oh! caro, tais idéias, tais lamentos:  
“Temos seguro prêmio: os erros chora,  
“A Deus dirige só teus pensamentos:  
“Suporta por aquele, que avigora  
“A nossa alma no meio dos tormentos:  
“Vê do Sol e do céu a formosura,  
“Que alívio a tanto mal nos assegura.”,

**37**

Nisto o povo pagão todo suspira,  
O fiel também geme ocultamente:  
Ao Rei no fundo da alma contra a ira  
Não sei que voz lhe fala e ele sente:  
Luta contra si mesmo e se retira  
Não cedendo ao estímulo pungente:  
Só tu Sofrônia, a dor comum, superas  
E chorada de todos não te alteras.

**38**

Neste instante fatal chega um guerreiro  
(Que o parece) de belo, alto semblante:  
Nas armas, nos vestidos estrangeiro,  
Que se crê de um país chega distante:  
O tigre, que sustenta lisongeiro,  
Como insígnia, no alto do turbante,  
Inculca ser Clorinda sempre ufana,  
E quem assim presume não se engana.

**39**

Esta, desde a primeira idade, altiva  
Cuidados e usos feminis despresa:  
Da agulha e fuso a mão soberba esquiva,

Aos labores de Arachnes não se avesa;  
Quer que entre as armas seu decoro viva:  
Aborrece os ornatos da moleza:  
Arma de ira o semblante, que defende,  
Que ainda armado e severo as almas rende.

**40**

A mão tem desde a infância costumada  
A dobrar o ginete bravo ao freio:  
Sabe a lança brandir, mover a espada,  
Foi a luta, a carreira seu recreio:  
Corre no monte e selva emaranhada,  
Onde feras cruéis a domar veio:  
Como homem aos leões primeiro aterra,  
Faz depois qual leão aos homens guerra.

**41**

Contra os Cristãos da Pérsia vem chegando,  
A quem mais de uma vez tem perseguido,  
Os campos de cadáveres juncando,  
Tendo as águas em sangue convertido,  
As vítimas ligadas encontrando,  
Que o furor tem à morte conduzido,  
O cavalo contém, saber querendo  
A causa de castigo tão horrendo.

**42**

Chega perto, (e o povo se retira,)  
A ver os dois, que prendem juntamente:  
Um dissimula a dor, outro suspira,  
Sem que o sexo mais frágil se lamente:  
Olindo chora, não que tema a ira,  
Chora sobre esta vítima inocente;  
Ela muda observa o céu sereno,  
Como quem já deixou quanto é terreno.

**43**

Clorinda se enternece e chora, enquanto  
Dos dois observa a cena, a que se abala:  
Mas o silêncio a move mais que o pranto,  
E mais se compadece de quem cala:  
Sem que muito a demore o seu espanto,  
Assim a um ancião, que encontra, fala:  
“Ah! dize-me quem são estes, que a sorte,  
“Ou que o crime conduz a cruel morte?”

44

Mal escuta esta trágica aventura,  
De que o velho deu clara inteligência,  
Pasma de ouvir e logo conjetura  
De ambos os prisioneiros a inocência:  
Libertá-los da morte já procura  
(Ou o rógó o consiga ou a violência)  
Depressa corre e faz conter a chama,  
Que já se apronta, e aos ministros clama.

45

“Que nenhum dentre vós empreenda duro  
“Dar à triste sentença cumprimento,  
“Sem que eu ao Rei procure, vos conjuro:  
“Nem será crime a falta de um momento.”  
Tudo obedece e admira o ar seguro,  
Com que fala, e gentil comportamento;  
Volta logo e veloz ao Rei caminha,  
Que a seu encontro ao mesmo tempo vinha.

46

“Clorinda eu sou, lhe diz (se tem chegado  
“O nome de Clorinda ao teu ouvido),  
“Que defender, Senhor, junto a teu lado,  
“A fé comum e o trono não duvido:  
“Manda e pronta me tens ao teu mandado,  
“Ou seja em livre campo ou muro erguido;  
“Não temo altas empresas e as pequenas  
“Não as despresarei, se tu me ordenas.”

47

“Que terra (o Rei lhe diz) tão apartada  
“Da Ásia está e de onde Febo gira,  
“Em que teu nome, virgem celebrada,  
“Sobre as asas da glória inda não gira?  
“E pois se ajunta a minha à tua espada,  
“Todo o temor, toda a incerteza tira:  
“Se grande armada em meu favor viera  
“Uma esperança igual eu não tivera.

48

“E quanto já Gofredo se demoral...  
“ tu queres aqui ser empregada?

“Conheço, que só digna de ti fora  
“Empresa memorável e arriscada:  
“General te nomeio desde agora,  
“E tu podes mandar a minha armada.”  
Clorinda este louvor agradecia,  
E depois respeitosa lhe dizia. —

**49**

“Pedir, sem merecer, prêmio, conheço  
“Não convém; mas é tal tua bondade,  
“Que em refém de serviços, que ofereço,  
“Destes presos suplico a liberdade:  
“Como graça e mercê isto te peço,  
“Sem lembrar do castigo a crueldade,  
“Nem do crime a incerteza e claro indício,  
“De sofrer a inocência este suplício.

**50**

“Bem que todos concordem firmemente,  
“Que dos Cristãos a imagem foi roubada,  
“A minha opinião é diferente,  
“Que sem razão não deve ser mudada:  
“À lei de Maomé não foi decente  
“Esta ação por Ismeno aconselhada:  
“Não convinha à mesquita sacro vulto,  
“Muitos menos de diferente culto.

**51**

“É pois esse prodígio, que admiramos,  
“Obra de Maomé: ele o tem feito,  
“Por condenar o insulto, que observamos,  
“E para regular nosso respeito:  
“As empresas de Ismeno, em que esperamos,  
“São inúteis e vãs, em meu conceito:  
“Só defende aos guerreiros forte espada,  
“Esta só lhe convém, só esta agrada.”

**52**

Disse e calou. O Rei bem que a piedade  
O coração dificilmente inclina,  
Anuir à razão e autoridade  
De tal intercessor logo imagina:  
“Devam-te (diz) a vida e liberdade:  
“A graça ou a injustiça o determina:

“Ou sejam inocentes ou culpados,  
“Absolvidos estão e perdoados.”

53

Das prisões ficam livres. Venturoso  
Por certo vem a ser de Olindo o fado,  
E mostra, que o amor, que é generoso  
Vem a ser cedo ou tarde compensado:  
Da pira ao leito vai e vê-se esposo  
O que era réu, o que era amante amado.  
Quis com ela morrer: e ela consente,  
Pois não morrem, que vivam juntamente.

---

Copiado por Bernardo Élis do Vol. II, Caderno 8<sup>a</sup>, pág.  
3 a 16, do “Parnaso Brasileiro”. de Januário da Cunha Barbosa.  
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 18 ed setembro de 1974.



# ATIVIDADES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

M. da Glória Scartezini de Azerêdo Coutinho  
Secretária-Executiva

Dando continuidade ao nosso propósito de deixar registradas, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, as atividades que vem desenvolvendo a Diretoria, Quadro de Sócios e demais pessoas que colaboram para que a Associação cumpra os seus objetivos, cabe-nos registrar, a partir do mês de outubro p/ p, ocasião em que foi publicado o último número da nossa Revista, o seguinte:

## 1. REUNIÕES: 3

Dia 13/12/76 — Assembléia Geral Extraordinária para, nos termos do Art. 54, nº 7, apreciar, discutir e deliberar sobre a construção do novo prédio da entidade.

Dia 3/3/77 — Reunião ordinária para tratar de assuntos diversos.

Dia 23/3/77 — Reunião especial da Comissão incumbida do planejamento de uma pesquisa de âmbito estadual para o COMITÊ INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA 2ª GUERRA MUNDIAL, sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

## 2. BIBLIOTECA:

O Instituto recebeu, para sua Biblioteca:

- Revistas do Inst. Hist. e Geográfico de São Paulo
- "General Curado" — Estudo biográfico — José Mendonça Teles — Goiânia
- Anals da Biblioteca Nacional — Biblioteca Nacional — R. de Janeiro.
- Boletim Bibliográfico da Biblioteco Nacional — Bib. Nacional — R. de Janeiro.
- "Antologia Cubatense" — Wilma Terezinha F. de Andrade — Cubatão, S.P.

- “El Libro Español” — Número extraordinário — Madrid, Espanha.
- Anais de História da Fac. de Filos., Ciências e Letras de Assis — Deptº de História da Faculdade de Filos., Ciências e Letras de Assis — Assis, S.P.
- “Notas Para a História do Ceará” — Dr. Guilherme Studart — Lisboa, Portugal.
- Revista Goiana de Jurisprudência — Tribunal de Justiça de Goiás — Goiânia.
- “As Democracias e a Nossa Democracia: Para onde Vamos?” — 2 vols. — Joaquim Francisco de Matos — Goiânia.
- Anuário de Divulgação Científica — Universidade Católica de Goiás — Goiânia.
- “Sombras dos Quilombos” — Martiniano José da Silva — Goiânia.
- Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro — Vols. 216 e 309 — I.H.G.B. — R. Janeiro.
- Revista do Inst. Hist. e Geog. de Minas Gerais — 2 vols. — B. Horizonte, M. Gerais.
- Revista do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo — I.H.G.S.P. — S. Paulo.
- Revista Brasileira de Estatística — IBGE — Rio de Janeiro, R.J.
- Revista Brasileira de Estudos Políticos — Unvi. de M. Gerais — B. Horizonte, M.G.
- “O Pátio do Colégio — História de uma Igreja e de uma Escola” — Dr. César Salgado — S. Paulo.
- Anuário de Divulgação Científica — Univ. Católica de Goiás — Goiânia.
- Revista da Pontifícia Univ. Católica de S. Paulo — U.C.S.P. — São Paulo.
- Dicionário Geographico do Município de Sta. Luzia — Gelmires Reis — Sta. Luzia, Go.
- “Apologia de Brasília” — José Dilermando Meireles — Brasília, D.F.
- Boletim do Inst. Hist. Geogr. e Etnográfico Paranaense — 3 vols. — Curitiba, Paraná.
- Revista da Academia Paraense de Letras — Ac. Par. de Letras — Belém, Pará.
- “Ibrantina Cardona” — Arruda Dantas — S. Paulo.
- Revista do Museu Paulista — U.S.P. — S. Paulo.

- Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro — Vols. 310 e 311 — IHGB — R. Janeiro.
- “Arqueologia” — Vol. 2 — U.S.P. — S. Paulo.
- “A Certidão de Nascimento do Brasil — A Carta de Pero Vaz Caminha — U.S.P. — S.P.
- Catálogo do Arq. Histórico do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo — IHGSP — S.P.
- “Anales” — Inst. Nac. de Antropologia e História — México.
- “Convergência” — Rev. do Acad. de Letras do Triângulo Mineiro — Uberaba — M.G.
- “Geographica — Homenaje a Manuel de Terán” — Inst. de Geogr. Aplicada del Patronato “Afonso de Herrera” — Madrid, Espanha.
- Rev. Brasileira de Filosofia — Vol. XXVI — Inst. Bras. de Filosofia — São Paulo.
- “O Processo Sintagmático na Obra Literária” — Moema de C. e Silva Olival — Goiânia.
- Periódicos Brasileiros de Cultura — Inst. Bras. de Biblioteca e Documentação — R. de Janeiro.
- Rev. do Arquivo Público Mineiro — Francisco de Assis Andrade — B. Horizonte, M.G.
- Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas — Vols. 3 e 5 — Inst. Nacional de Pesquisa da Amazônia — Belém, Pará.
- “A Contribuição do Museu Paranaense “Emílio Goeldi” à Meteorologia da Amazônia — Osvaldo Rodrigues da Cunha — Belém, Pará.
- “Aves de uma Vegetação Secundária na Foz do Amazonas” — Fernando C. Novaes — Belém, Pará.
- VII Reunião Brasileira de Antropologia — Inst. Nac. de Pesquisas da Amazônia — Belém Pará.
- “Léxico Estratigráfico da Região Norte do Brasil — Inst. Nac. de Pesq. da Amazônia.
- “Frutas Comestíveis da Amazônia — II” — Paulo B. Cavalcante — Belém, Pará.
- “Os Índios Gaviões do Oeste — Pacificação e Integração” — Expedito Arnaud — Belém, Pará.
- “Ornitologia do Território do Amapá — I” — Fernando C. Novaes — Belém, Pará.
- “O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário” — Museu Paranaense “Emílio Goeldi” — Belém, Pará.
- “Contribuição à Geologia da Folha de S. Luiz (SA-23) No

- Estado do Pará" — Benedicto Humberto Rodrigues Francisco e outros — Belém, Pará.
- "A Bacia dos Formadores do Xingu" — Annibal B. Neto — Belém, Pará.
  - "Pesquisas Helminológicas" — Lauro Travassos — Belém, Pará.
  - "Bibliografia e Índice da Geologia da Amazônia Legal Brasileira" — Pedro Loewenstein e outros — Belém, Pará.
  - Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais — Inst. Bras. de Bibliografia e Documentação — Belém, Pará.
  - Bibliografia Brasileira de Botânica — Vols. 1, 2 e 3 — Inst. Bras. de Bibliografia e Documentação — Belém, Pará.
  - Bibliografia Brasileira de Zoologia — Inst. Bras. de Bibliografia e Documentação — Belém, Pará.
  - Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica — Vol. 5 — Zoologia — Belém, Pará.
  - Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica — Vol. 3 — Limnologia — Belém, Pará.
  - Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica — Vol. 6 — Patologia — Belém, Pará.
  - "Natural Resources and Development" — Institute for Scientific Co-operation — Alemanha.
  - Rev. do Inst. Hist. e Geográfico Brasileiro — Vol. 311 — I.H.G.B. Rio de Janeiro.
  - "Impostos Interestaduais" — Vol. XXIII, Tomo II — Rui Barbosa — R. de Janeiro.
  - Revista "Construção" — vários números — Grupo Visão — S. Paulo.
  - Atualidades Veterinárias — vários números — Editora CQ Ltda. — São Paulo.
  - Revista "Shalom" — vários números — Ed. SHALOM Ltda. — S. Paulo.
  - Jornal dos Transportes — vários números — Min. dos Transportes — Brasília D.F.
  - Náutico Notícias — vários números — Náutico Atlético Cearense — Fortaleza, Ceará.
  - A Voz do Sudoeste — vários números — Catalão, Go.
  - Boletins do Museu do Índio — vários números — Rio de Janeiro.
  - Boletins do Museu Paraense "Emílio Goeldi" — vários números — Belém, Pará.
  - Revista "Ação" — Min. dos Transportes — Brasília — D.F.
  - Revista "Construção" — Ed. PINI Ltda. — S. Paulo.

- “Rev. Brasileira de Filosofia” — Public. p/ Inst. Brasileiro de Filosofia — Miguel Reale — S. Paulo.
- “Lorena e a Estrada da Independência” — Lorena — São Paulo.
- “VII Reunião Brasileira de Antropologia” — Museu Paraense “Emílio Goeldi”.
- “Études sur les lacs de l’Amazonie Central” — G. Marlier, Dr. Sc. — Inst. Nac. de Pesquisas da Amazônia — Manaus — Amazonas.
- “O Sacado” — Mário Ypiranga Monteiro — Manaus — Amazonas.
- Boletins nos. 65 e de 85 a 88 — Museu Emílio Goeldi — Belém — Pará.
- “Estrela do Planalto” — (Poemeto histórico) — Gelmires Reis — Luziânia — Go.
- “Luzianidades” — Gelmires Reis — Luziânia — Go.
- Jornal “A Voz do Planalto” — Ano I, nº 10 — Luziânia, Go.
- Do Arquivo Público Mineiro: Anno 1: 4 fascículos, 1896; Anno 2: 4 fasc., 1897; Anno 15: vol. 11, 1910; Anno 16; vol. 2, 1911; Anno 17: vol. 1, 1912; Anno 18: vol. 1, 1913; Anno 19: vol. 1, 1921; Anno 20: vol. 1, 1924; Anno 23: vol. 1, 1929; Anno 24: vols. 1 e 2, 1933; Anno 25: vols. 1 e 2, 1937; Anno 26: vol. 1, 1975.
- “Antologia Cubatense” — Wilma Terezinha F. de Andrade
- “A Exploração Científica dos Sambaquis de Cubatão” — Cubatão, S. Paulo.
- “Co-operation with the Third World” — Tubingen, 1976 — Alemanha.
- “History and Related Fields” — Kraus Periodicals Catalogue nº57 — Liechtenstein, Alemanha.

### 3. CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA:

- Solicitação da Diretoria do Col. “Nossa S<sup>a</sup> de Monte Claro”, de Jaraguá, para sua biblioteca, de números da Revista do I.H.G.G.
- Agradecimentos pelo convite para a conferência proferida pelo Prof. Colemar Natal e Silva sobre Duque de Caxias, a 2/9/76.
- Agradecimento de Frei Simão Dorvi O.P. pela indicação de seu nome para Sócio Correspondente do Instituto, assim como notícia “de que já foram tomadas as devidas provi-

- dências para a efetivação, da criação de um Departamento de História e Geografia integrante desse Instituto, sediado na cidade de Goiás”.
- Convite do Secretariado Regional Centroeste da C.N.B.B. para assistir o Auto de Natal levado a efeito na noite de 24-12-76 na Catedral Metropolitana e ensaiado pela Profª Clarice Dias.
  - Comunicação do Sócio Correspondente Gelmires Reis, de Luziânia, de que foi fundada, naquela cidade, com vasto programa de festividades, a Academia de Letras e Artes do Planalto.
  - Convite da Diretoria da Faculdade de Odontologia para transmissão do cargo do Presiente Professor João Batista Gonçalves ao seu sucessor Prof. Edison de Almeida e Silva.
  - Comunicação da Acad. Paraense de Letras de que passou a funcionar, em caráter definitivo, em sua nova sede, sob a presidência do Governador Aloysio da Costa Chaves.
  - Idem do Inst. Hist. e Geog. de M. Gerais de que tomou posse sua nova Diretoria, assim constituída: Pres — Prof. José G. de Faria; 1º Vice-Pres. Desor. Merolino Raimundo de Lima Correia; 2º Vice-Pres. Dr. Sílvio Gabriel Diniz; Sec-Geral Dr. Nelson de Figueiredo; 1º Sec. Dr. Ildelfonso Silveira de Carvalho; 2º Sec. Prof. Ivo Porto de Menezes; 1º Tes. Celso Falabella de Figueiredo Castro; 2º Tes. Prof. José de Castro Ribeiro; Bibliotecário Prof. Raul Tassino; Oradores Prof. Antônio Augusto de Mello Cançado e Prof. Antônio Camilo de Faria Elmin.
  - Solicitação da sede do Instituto p/ funcionar o Curso de “Treinamento p/ Pessoal em Administração de Material e Patrimônio”, da Diretoria da Unidade de Recursos Humanos da Sec. da Educação e Cultura.
  - Agradecimentos pelo convite para a posse do Sócio Correspondente Nertan Macedo.
  - Agradecimentos pelo convite para a homenagem póstuma a Inácio Xavier da Silva.
  - Convite da Univ. Federal de Goiás para o 3ª Concurso Nacional de Música do Estado de Goiás — Piano — a 5 de novembro de 1976.
  - Agradecimentos diversos pela remessa da Revista nº 5: Senado, Câmara Federal, Assembléia Legislativa Estadual, Tribunal de Justiça, Tribunal de Contas, Prefeituras Municipais, Secretarias do Governo, bibliotecas públicas e particulares (de escolas), autoridades, etc.

- Convite dos bacharelados de 1966 para as comemorações do 10º aniversário de formatura — Direito, U.C.Go.
- Idem da 1ª turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários da EAV-UFGO para as solenidades comemorativas do 10º aniversário de formatura.
- Solicitação da Diretoria da Unidade de Recursos Humanos da Sec. da Educação e Cultura para funcionar, nas dependências do Instituto, o Curso de "Treinamento de Pessoal em Administração Financeira".
- Comunicação da Academia Goiana de Letras de que foi aprovado, por unanimidade, proposta do Acadêmico Jaime Câmara, apresentando votos de aplausos ao I.H.G. de Goiás pelo "primor da edição da Revista nº 05 desse Instituto".
- Convite da Direção dos Diários Associados de Goiás para o coquetel em homenagem aos 23 anos da Coluna LBP, em 27 de novembro p/p.
- Convite da Alliance Française para a festa de encerramento do ano letivo de 1976.
- Expediente da Reitoria da Univ. Católica de Goiás designando o Prof. José Mendonça Teles seu representante na posse do Prof. Nertan Macedo.
- Comunicação do Deputado Federal Jarmund Nasser de que fez incluir no Orçamento da União para o exercício de 1977, subvenção de 10.000,00 a favor deste Instituto.
- Idem do Senador Lázaro Barbosa, também no valor de ... 10.000,00.
- Ibidem do Deputado Federal Siqueira Campos, no valor de 5.000,00.
- Convite do Secretariado Regional Centroeste do CNBB para assistir o AUTO DE NATAL a ser apresentado no dia .... 24-12-76, na Catedral Metropolitana de Goiânia, apresentando trabalho que teve a colaboração e coordenação da Profª Clarice Dias e oportunidade em que será feito o lançamento dos JOGRAIS DE GOIÁS.
- Comunicação do Deputado Federal Resende Monteiro da inclusão, no Orçamento da União para 1977, da quantia de 2.000,00 em favor do Instituto.
- Expediente do Jornalista Jaime Câmara agradecendo a comunicação feita pelo Instituto de que seu nome foi aprovado para compor o seu Quadro de Sócios Efetivos.
- Convite da Diretoria do Inst. Hist. e Geog. de M. Gerais

- para a sessão especial em homenagem ao Centenário de nascimento de Salomão de Vasconcelos.
- Solicitação da Diretoria da Unidade de Recursos Humanos, na Sec. da Educação e Cultura, para que possa funcionar, nas dependências do Instituto, o Curso de "Administração de Pessoal".
  - Correspondência do Dr. Néilson de Figueiredo, Secretário Geral do Inst. Hist. e Geogr. de M. Gerais e Delegado Reg. da Liga da Defesa Nacional de M. Gerais elogiando a publicação do nº 5 da Revista do IHGG e, principalmente, a matéria — Legalista e Revolucionário — de autoria do Prof. Waldir Luiz Costa.
  - Convite da Associação de Cultura Franco-Brasileira para receber o Sr. Embaixador da França, no dia 28-2-77.
  - Comunicação do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo de que, em sessão plenária extraordinária do dia 5-2-77, foi eleito Presidente daquele Instituto o Prof. Ernesto de Moraes Leme.
  - Idem da SODERNA — Soc. de Defesa dos Recursos Naturais, em que seu Presidente, Prof. José Ângelo Rizzo comunica a criação da mencionada Sociedade.
  - Solicitação da Diretoria da Unidade de Recursos Humanos, da Sec. da Educação e Cultura, para que funcione, nas dependências do Instituto, o Treinamento em Administração por Objetivos.
  - Convite da Academia Cristã de Letras para a sessão de posse do Acadêmico Geraldo Dutra de Moraes, no dia 17-3-77.

#### **4. CORRESPONDÊNCIA ENVIADA:**

- Congratulações ao Prof. Hélio Naves por sua nomeação e posse no cargo de Diretor-Geral do Serviço Nacional de Formação Profissional Rural.
- Agradecimentos à direção do Museu Paraense "Emílio Goeldi" pela remessa de suas publicações.
- Solicitação à Diretora da Unidade de Recursos Humanos da Sec. da Educação e Cultura para que Izabel Pimenta Ribeiro e M. da Glória Scartezini de A. Coutinho participem do curso ministrado na sede do Instituto: "Treinamento em Administração por Objetivos".
- Requerimento ao Inspetor Geral de Finanças do MEC para aprovação do Relatório de Atividades e Prestação de Contas do ano de 1976, apresentando, ainda, atestado de funcionamento.

- Congratulações à Sócia Prof<sup>a</sup> Nuncy Ribeiro de Araújo e Silva por sua nomeação e posse como Diretora da Faculdade de Educação da U.F.Go.
- Idem ao Prof. Salvador Jorge da Cunha Neto por sua nomeação e posse como Diretor da Escola de Agronomia e Veterinário da U.F.Go.
- Ibidem à Prof<sup>a</sup> Cáritas Teixeira de Souza por sua nomeação e posse no cargo de Diretora do Colégio de Aplicação da U.F.Go.
- Remessa, à Procuradoria e Serviços, de Carlos José Gueiros, R. de Janeiro, da documentação exigida para recebimento de uma verba de 35.000,00 consignada no Orçamento de 1977, das cotas dos Srs.: Senador Lázaro Barbosa (10.000,00); Deputados Federais: Jarmund Nasser . . . . . (10.000,00), Onísio Ludovico de Almeida (5.000,00), Siqueira Campos (5.000,00) e Juarez Bernardes (5.000,00).
- Congratulações à Revista SHALOM pela reportagem publicada — CULTURA BRASILEIRA: O Documento de Goiânia — nº 141, fevereiro/77.
- Remessa de expediente à Sec. da Educação e Cultura com documento de aprovação, pelo Tribunal de Contas do Estado, das despesas feitas pelo Instituto com o auxílio concedido pelo Estado, em 1976, de 25.000,00 e solicitação da liberação do auxílio referente a 1977.
- Convite ao Gal. Álvaro Félix de Souza para participar da Comissão de Estudos da 2ª Guerra Mundial.
- Correspondência aos jornais locais solicitando publicação do que foi ventilado na 1ª reunião da Comissão de Estudos da 2ª Guerra Mundial, realizada na sede do Instituto, a 22/3 último.
- Congratulações ao Jornalista Jaime Câmara por ser escolhido Membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.
- Idem ao Jornalista Alírio Afonso de Oliveira por sua eleição e posse como Presidente da Associação Goiana de Imprensa.
- Solicitação aos jornais para que convoquem, em nome do Instituto, os ex-Pracinhas goianos a comparecerem em sua sede a fim de darem sua colaboração para a Pesquisa iniciada.
- Agradecimentos ao Dr. Carlos Granado V. de Castro pela remessa, ao Instituto, do seu trabalho — "Contribuição de

Villa Boa de Goiaz à Numismática Brasileira" para publicação.

- Comunicação aos Srs. Sócios de que foi estipulada uma contribuição de 25,00 mensais ao Instituto para ajudar a fazer frente às suas despesas.
- Pêsames do IHGG à viúva do Dr. Inácio Xavier da Silva, um de seus mais antigos Sócios e grande colaborador.
- Convites enviados às autoridades e pessoas relacionadas com a família do Dr. Inácio Xavier da Silva para a sessão solene que o Instituto fará realizar no dia 12-10-76.
- Congratulações ao Superintendente de Assuntos Culturais da Sec. da Educação, Prof. Aldair da Silveira Aires, pela sua iniciativa em formar uma Biblioteca Depositária para resguardo de obras goianas de valor.
- Solicitação da Presidência do Instituto, ao Sr. Secretário da Educação e Cultura, da disposição de 2 funcionárias para preencherem as vagas de outras 2 que se transferiram.
- Votos de Júbilo ao Inst. Hist. e Geogr. de M. Gerais, através de seu Presidente, Prof. José Geraldo de Faria, pela investidura da nova Diretoria daquele Instituto.
- Expediente aos jornais locais solicitando publicação da notícia da posse de Nertan Macedo como Sócio Correspondente do I.H.G.G., a se realizar no dia 22-10-76.
- Idem, solicitando publicação da notícia da homenagem póstuma prestada ao Dr. Inácio Xavier da Silva.
- Congratulações à Diretora do Inst. de Educação de Golás, Prof<sup>a</sup> Alair Malta Segurado, pela inauguração, naquele estabelecimento de ensino,, da Estante do Escritor Goiano, com remessa de números da Revista do Instituto.
- Idem ao Prof. Amaury Menezes pela sua investidura na Presidência do Egrégio Conselho Estadual de Cultura.
- Ibidem à Prof<sup>a</sup> Maria Lucy Veiga Teixeira por sua eleição como Musicista do Ano.
- Votos de júbilo ao Jornalista Lourival Batista Pereira pelos 23 anos de colunismo.
- Idem ao Jornalista Luiz Otávio Soares pela comemoração dos 5 anos de sua coluna diária — Direito & Justiça.
- Congratulações ao Sr. José Agenor Lino e Silva pela remessa do boletim de atividades do Rotary Club de Goiânia, Distrito 453, com destacado trabalho do Sr. Sílvio Berto.
- Remessa das Revistas do Instituto ao Museu Paraense "Emílio Goeldi", de Belém do Pará.

- Agradecimento, ao Desor. Firmo Ferreira Gomes de Castro pela remessa da Revista de Jurisprudência, nº 7.
- Congratulações ao Deputado Adjair de Lima e Silva pela sua eleição como o Economista do Ano.
- Idem ao Dr. Wílton Honorato Rodrigues pela sua eleição para representar o Homem de Ação do Ano.
- Ibidem aos Srs. Promotores da Exposição de Pintura de Kleber Figueira — Proprietários da Loja 14 do Shopping Center Sul.
- Comunicação, a Frei Simão Dorvi O.P., de que, em Assembléia Geral do dia 13-12-76 foi o seu nome aprovado para Sócio Correspondente deste Instituto, elogiando ainda o seu bem organizado trabalho de pesquisa histórica, realizado em cerca de 40 anos de atividades.
- Idem ao Dr. Oscar Sabino Júnior, comunicando que seu nome foi aprovado para Sócio Efetivo do Instituto.
- Convite ao Dr. Joaquim Thomás par afazer parte do Quadro de Sócios do Instituto como Sócio Correspondente,, visto ter sido o seu nome aprovado pela Comissão de Admissão de Sócios.
- Expediente ao Sr. Secretário da Educação e Cultura no sentido de que sejam mantidas à disposição do I.H.G.G. as funcionárias Izabel Pimenta Ribeiro, M. da Glória S. de A. Coutinho e Aída Félix de Souza.
- Agradecimento ao convite formulado pela Superintendência de Assuntos Culturais, Editora Oriente, União Brasileira de Escritores — Seção de Goiás e Agrobanco para o coquetel de lançamento do livro — Dimensões do Efêmero — ensaios e notas literárias do escritor Ney Teles de Paula.
- Of. circ. 01-77 enviado aos Srs. Sócios solicitando a colaboração mais estreita dos mesmos; comunicando que a partir deste ano a contribuição mensal será de 50,00 para os Sócios que pertencem à Diretoria e de 25,00 para os demais Sócios; solicitando a remessa de matéria para a Revista nº 6; marcando a data de 3-3-77 para a 1ª reunião do corrente ano.
- Congratulações ao Prof. José Ângelo Rizzo pela comunicação que faz da criação da SODERNA — Sociedade de Defesa dos Recursos Naturais e pela sua investidura como presidente da mesma.
- Solicitação ao Dr. Olney Di Lorenzzi Nunes, Diretor do Diário Oficial do Estado, de uma assinatura gratuita para o Instituto.

- Votos de júbilo ao Doutor Ary Monteiro do Espírito Santo pela sua nomeação e posse como Diretor da Faculdade de Medicina da U.F.Go.
- Convocação aos membros da Comissão para as Pesquisas dos Trabalhos da 2ª Guerra Mundial — Dr. Reinaldo Baiocchi, Dr. Acary Brandão, Pe. Luiz Palacin, Prof. José Mendonça Teles, Profª Dalísia Martins Doles, Profª Marivone Matos Chaim, Prof. Basileu Toledo França e Profª M. da Glória S. de A. Coutinho para a reunião a ser realizada no dia 22-3 deste.
- Agradecimento ao Sr. Diretor do Diário Oficial do Estado pelo atendimento à solicitação feita para que fosse destinada ao Instituto uma assinatura grátis.
- Solicitação ao Dr. Sebastião Almeida Oliveira, de Tanabi, Est. de S. Paulo, de seu "curriculum vitae" a fim de que seja proposto seu nome para Sócio Correspondente do Instituto.
- Agradecimento, ao Deptº de Botânica do Inst. de Biologia da Universidade Católica de Goiás, do convite para o II Congresso Latinoamericano de Botânica a realizar-se em Goiânia e Brasília em janeiro de 1978.
- Agradecimento à Presidência da Academia Cristã de Letras pelo convite para a sessão de posse do Acadêmico Geraldo Dutra de Moraes, a se realizar no dia 17-03-77 em B. Horizonte.
- Congratulações pela posse do Prof. Ernesto de Moraes Leme na Presidência do Inst. Hist. e Geográfico de S. Paulo.
- Agradecimento, ao Grupo Visão, pela remessa de publicações durante todo o ano de 1976 e renovando o pedido de que continuem com as mesmas.
- Idem à Editora PINI Ltda pelas suas publicações enviadas ao I.H.G. Goiás.
- Expediente aos jornais locais dos assuntos debatidos em sua 1ª reunião de 1977, solicitando publicações.

## 5. ESCOLA GOIANA DE DICÇÃO

Criada em solenidade realizada no dia 5/7/76, com a presença de altas autoridades, professores e membros do I.H.G.G., pioneira no ramo, em Goiás, funcionando sob os auspícios do Instituto, em sua sede, sendo sua idealizadora e dirigente a Profª Clarice Dias, a Escola tem um programa básico: Introdução, Treinamento de Dicção-Declamação e Oratória, Técnicas empregadas e Observações importantes.

A Professora Clarice Dias criou, ainda, "Os jograis de Goiás", que apresentaram, em 24/12/76, na Catedral Metropolitana de Goiânia, um Auto de Natal, de autoria do Padre Alaor Pinto e cuja montagem e encenação teve o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

## 6. CRIAÇÃO DE NOVO DEPARTAMENTO

A 19/4/77, no Convento N. S. do Rosário, dos Padres Dominicanos, na cidade de Goiás, com a presença do Presid. do Instituto, Prof. Colemar Natal e Silva e da Comissão composta pelos membros designados: Profs. José Mendonça Teles, Basileu Toledo França, Ático Frota V. Boas da Motta, e M. da Glória Scartezini de Azerêdo Coutinho, foi entregue, solenemente, a Frei SIMÃO DORVI, pelo Presidente do Instituto, um documento pelo qual ficava ele investido na função de Diretor do Departamento de História e Geografia que, naquela ocasião, o Instituto instalava na Cidade de Goiás.

Foi tratado, com o Superior do Convento, Frei MARCOS LACERDA, a possibilidade de serem alugadas ao Instituto, naquele Convento, 3 salas para conterem o material angariado e já recuperado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ao preço de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) mensais.

Na oportunidade, por sugestão de Frei SIMÃO, ficou marcada a data do 250º aniversário do descobrimento de Goiás para a instalação solene do Departamento, com a presença do Plenário do Instituto Histórico e autoridades estaduais, federais e municipais, bem como convidados especiais e filhos ilustres da Cidade.

O Prefeito Municipal, Sr. DJALMA SAMPAIO atendeu, prontamente, à solicitação da Comissão, no sentido de apoiar, em benefício da cultura goiana, as atividades do Departamento recém criado.



## LITERATURA ORAL

**Basileu Toledo França**

O que é:

Esta denominação — literatura oral — surgiu em 1881, criada por Paul Sebillot, com o seu trabalho: "Literatura Oral da Alta Bretanha". Mas, somente em 1913, quando publicou "O Folclore", é que viria defini-la nestes termos:

"A literatura oral compreende o que, para o povo que não lê, substitui as produções literárias."

Duas fontes mantêm viva a literatura oral. Uma, exclusivamente oral, representada pela estória, canto popular e tradicional, danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, jogos infantis, cantigas de embalar, velhas xácaras e romances portugueses, músicas anônimas, aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc.

Outra fonte está na reimpressão de motivos literários dos séculos XIII a XVI, Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos Magno e os Doze Pares de França, além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, apresentando assuntos da época: guerras, política, sátira, estórias de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amores, incluindo a poetização de trechos de romances famosos, como "Escrava Isaura", "Romeu e Julieta" e outros.

Com ou sem fixação tipográfica isto constitui matéria da literatura oral. Feita para o canto, a declamação, a leitura em voz alta.

Todos os autos populares, danças dramáticas, louvações das lapinhas, cheganças, bumba-meu-boi, fandango, congos, reizados, são elementos vivos da literatura oral.

### O FOLCLÓRICO e o POPULAR

A literatura folclórica é inteiramente popular, mas nem tudo que é popular é folclórico. Afasta-a do folclórico a contemporaneidade. Falta-lhe a perspectiva do tempo.

São elementos indispensáveis para caracterizar o folclórico:

- 1 — antiguidade (tempo)
- 2 — persistência
- 3 — anonimato
- 4 — oralidade

A literatura oral tem interessado bastante as pesquisas para as origens novelísticas. E aqui vale a pena lembrar o exemplo das universidades americanas — citadas por Luis da Câmara Cascudo — e uma página do grande romancista William S. Maughan no livro "Pontos de Vista", quando estuda o conto como o mais antigo gênero literário:

"Para os homens é natural contar histórias e suponho que o conto foi criado na noite dos tempos, quando o caçador, para entreter os ócios dos seus companheiros, depois que haviam comido e bebido fartamente, narrava ao pé do fogo, na caverna, algum incidente fantástico de que ouvira falar. Até hoje, nas cidades do Oriente, topamos com o contador de histórias sentado na praça do mercado, envolvido por um grupo de sofregos ouvintes, e podemos escutar-lhes as narrativas que herdou de um passado imemorial."

Dessa forma oral e popular nasceu o atual conto literário que conhecemos. A "short-story" dos americanos.

## LITERATURA ESCRITA e LITERATURA ORAL

As histórias da literatura registram movimentos, grupos, idéias oficiais de escolas nascidas nas cidades, reações eruditas, momentos renovadores. Nada se segue aí: nomes ilustres, citações bibliográficas, análises psicológicas dos mestres e outros aspectos dessa importante atividade intelectual, que engrossam e enriquecem as bibliotecas.

A literatura oral é como se não existisse. Entretanto, ao lado daqueles clássicos, românticos, naturalistas, está presente outra literatura, antiquíssima, viva e sonora, graças à colaboração unânime do povo, em seus gêneros, espécies, finalidades.

Nunca foi possível evitar esta separação. São dois movimentos paralelos. E canto, dança, estória, lenda, jogos infantis — todo um equipamento intelectual, segundo Charlotte-

Sophie Burne, segue sua finalidade acompanhando o homem na busca da cultura oficial, ensinada nas faculdades.

A literatura que se conhece como oficial, pelas normas de obediência aos ritos modernos ou antigos, escolas e predileções individuais, representa "uma ação refletida e puramente intelectual."

A sua irmã mais velha — a oral — além de bem mais velha e popular, manifesta-se **falando, cantando, representando, dançando, no meio do povo**, nas fazendas, nas igrejas, em noites de novena, em festas tradicionais do ciclo do gado (nordeste), nos bailes das safras de açúcar (nordeste), nas salinas (nordeste), no norte-sul-leste e oeste do país, onde o povo entende letra e música.

## LITERATURA ORAL e RECREAÇÃO POPULAR

A literatura oral do Brasil reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição. De geração a geração. Dos mais velhos para os mais novos.

Não inclui apenas o **divertimento**, o folguedo infantil e adulto, mas também o culto exterior religioso, quando o povo colabora com a liturgia, ampliando ou modificando o cerimonial

## AS RAÇAS e a LITERATURA ORAL

A nossa literatura oral se compõe de elementos trazidos pelas **três raças** para a memória e uso do povo atual. Índios, portugueses e negros tinham seus cantos, suas danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantadores, uma grande admiração pelos homens que sabiam falar e autorar.

O indígena é um motivo a resolver, na sua difícil colocação dentro do quadro colonial. Só sabemos dele — sua vida, modos de agir, pensar, resolver, cantar, etc. — pelo que nos contam os catequistas do século XVI, arrolando pecados e pretendendo corrigí-los.

Do africano, até fins do século XIX, tínhamos ouvido muito pouco. O interesse e o cuidado em estudá-lo, de forma humana e científica, é quase dos nossos dias. Os documentos que registram seus bailes e festas são **memoriais** de crítica e sugestões para repressão de abusos. E com vários séculos de vida comum com os portugueses, seus mitos, crenças e superstições, fatalmente estariam marcados por essa influência.

O português deu a maior parcela de contribuição, como

é fácil de se compreender. Contribuição que espalhou pelas águas negras e indígenas — não como óleo da sabedoria própria — mas, onde havia a fidelidade a elementos árabes, negros, castelhanos, galegos e provençais.

Contudo, é preciso deixar claro que essa interpenetração de elementos das mais variadas origens, torna cada vez mais difícil o típico, o autoctora.

E essa discussão não tem fim.

## OS MAIS ANTIGOS DO GÊNERO

No dizer de Câmara Cascudo — em sua obra clássica — as fábulas são os mais antigos, intervindo animais com mentalidade humana, representando classes sociais, vícios para corrigir e virtudes louváveis.

Os episódios sentimentais viriam depois das tradições guerreiras, um processo que as gestas expuseram claramente. Os heróis amam e as noivas sofrem: contrariadas, raptadas, aprisionadas e perseguidas. O cavaleiro vai derrubando, um a um, os inimigos.

As estórias param e os contos obscenos são criações de civilizados.

Toda literatura oral se aclimata pela inclusão de elementos locais e a finalidade não é apenas distrair ou provocar sono nas crianças, mas doutrinar, formá-las, pondo ao alcance da mentalidade infantil e popular, por meio de apólogos, estórias rápidas, o corpo de ensinamentos religiosos e sociais que preside à organização do grupo.

Os temas satíricos são posteriores. Mesmo a concepção do cômico, do ridículo, do risível, passa por uma graduação através do tempo e do espaço. Cada povo tem o seu humor.

Já o conto obsceno, a anedota são o resultado de evolução mental — segundo os estudiosos do assunto — pois representam a libertação do grupo religioso, ausência do ensino catequista, renúncia à moral comum.

A inclusão da literatura oral como informação decisiva de psicologia coletiva demonstrou, não apenas antiguidade, mas humanidade dos temas e dos elementos que os compõem.

## O BRASILEIRO e a LITERATURA ORAL

Como filho de raças cantadeiras e dançarinas, o brasileiro possui aptidões naturais para essa atividade inseparável da sua alegria.

Os africanos trazem o ritmo no sangue e o próprio futebol brasileiro, onde os negros imperam, foi comparado por um sociólogo francês (Roger Bastide) à coreografia do balé.

Nossos avós indígenas receberam os portugueses em abril de 1500 dançando e cantando, e quando Diogo Dias fez um gaitero soprar o seu instrumento, nativos e brancos se confraternizaram dançando e cantando juntos.

Os portugueses, por seu lado, foram grandes bailadores, como podemos ver em seus escritores, desde o notável Gil Vicente, que dizia:

“Em Portugal vi eu já  
Em cada casa pandeiro,  
E gaita em cada palheiro.”

O canto e a dança no Brasil são águas dessas três fontes. Seria possível determinar os elementos exclusivamente africano, português e ameríndio?

Não é fácil. A documentação indígena foi perdida, em grande parte, na sua porcentagem mais séria e pura. A africana, imensa e complexa, dará oportunidade e disputas sem fim em busca do típico, essencial e característico. E, de resto, o nosso continente está, há vários séculos, aberto às influências de raças e elementos culturais, o que faz do Brasil, verdadeiramente, uma democracia étnica.



## A POESIA DE GOIAS

I

A. G. Ramos Jubé

### Traços característicos da poesia de Goiás:

- a) a poesia regional-telúrica.
- b) a poesia lírica-existencial.

A produção e o estudo da literatura no Brasil sempre oscilou entre os polos universalista e regionalista. Para o fim de definir-se uma poética característica de Goiás, é bastante pesquisar dados constantes nas obras até agora produzidas no plano regional, como temas, motivos e formas, como linguagem e estilo: aspectos geográficos (meio ambiente), antropológicos (língua, folclore), sociológicos (vida urbana e rural), psicológicos (índole individual e coletiva), a vida regional em suma (aspectos ecológicos). Será o resultado desse trabalho o estudo da contribuição típica do goiano ao grande mosaico cultural do país, contribuição artística, em termos de sensibilidade e expressão estética, identificada com a fisionomia particular da terra e do povo que a habita.

A literatura de Goiás, como forma artística que intenta exprimir os estados mentais do povo, a maneira típica de sentir, reagir e de expressar-se do homem goiano, há de revelar predominante caráter ecológico. O que nela existe de mais sensível é, ainda, um **sertanismo**, que chega a distingui-la, em prosa e em poesia, no conjunto das literaturas regionais, integrantes da literatura brasileira. Estado geograficamente situado na região centro-oeste, de economia baseada principalmente na atividade agrícola-pastoril, é verdade que tal característica não se qualifica como exclusivamente goiana, pois que abrange vasta região de extensos planaltos, dotados de pastagens naturais propícias ao criatório extensivo, cujas lides vão ao norte da Bahia, passam pelo Triângulo Mineiro e chegam até Mato Grosso, de onde partem os rebanhos rumo aos frigoríficos. Nas obras representativas dos escritores dessa região assinalam-se traços comuns, evidenciando idênticos componentes culturais, encontradiços em mineiros e goianos.

A literatura urbana é pouco definida, problematizando a investigação das matrizes regionais. Influenciada pelo cosmopolitismo das cidades, que evoluem como núcleos urbanos, tende a mundificar-se, graças à rapidez e viabilidade dos meios de comunicação. Há que ser pesquisada nos substratos culturais, nas formas próprias de viver e de exprimir-se, a particularidade regional.

A poesia regional goiana é, em geral, descritiva e paisagística, de feição idílica e pastoril. Utilizando-se das formas poéticas da tradição, evolui do final do Romantismo para o Parnasianismo e o Simbolismo; em Goiás o Romantismo revela duas fases, caracterizando a última por uma poesia que celebra sentimentalmente as belezas naturais da cidade de Goiás, ex-capital, a denominada "Poesia dos luares". Eclosão do sentimento nativista goiano, tal tendência manifesta-se acentuadamente no nosso Parnaso-Simbolismo, sendo Erico Curado, Hugo de Carvalho Ramos e Leo Lynce seus principais cultores, desembocando no Modernismo de 1942, com João Accioli, Cora Coralina, Bernardo Élis, José Godoy Garcia e José Décio Filho.

O poema "Pequizeiro da chapada", de Hugo de Carvalho Ramos, é típico modelo dessa poesia regional, que, entretanto, encontrou poucos seguidores. Espécie de **rondó** ou **triolé**, aparentada com as antigas **cantigas de mestria e refrão** (Dic. de Arte Poética, de Geir Campos), esse poema é, na realidade, um aproveitamento de formas espontâneas da canção sertaneja, a **moda de viola**, estruturada em duas rimas, que se encadeiam de estrofe a estrofe, com repetição, no final da estrofe ou estância, dos dois primeiros versos. Só mais tarde, em Afonso Félix de Sousa, a poesia regional-telúrica volta a ser procurada em sua forma original, no aproveitamento do gênero "abecê", de cunho popular e sertanejo. Está no livro "O Amoroso e a Terra", 1953.

Quanto à poesia lírica-existencial, de temática voltada para o canto amoroso, o sentimento de solidão e da morte, em virtude de sua orientação universalista-abstrata, torna-se problemático perquirir-lhe as origens regionais. Entretanto, servindo-se do modelo do poema "Só", muito popularizado em Goiás, de Félix de Bulhões, é possível contatar sua autenticidade ou sua peculiaridade estilística na forma repetitiva do estribilho, que enfatiza o sentimento de solidão, como meio expressivo próprio do autor, goiano de nascimento.

## II. O Romantismo goiano.

Data-se o surto do estilo romântico de Félix de Bulhões — Antônio Félix de Bulhões Jardim — (1845 — 1887), cuja atividade de poeta e jornalista desenvolve-se de meados do século passado até 1887. Intensa atividade jornalística favoreceu o nosso Romantismo. O grande poeta está presente na direção de três desses órgãos de imprensa. É ele o primeiro nome do Romantismo.

Época de lutas sociais e políticas, inspiradas nas idéias de liberdade e democracia, a poesia apresentava feição condoreira e hugoana, servindo de modelo a poesia de Castro Alves, a maior figura de estilo em nosso País. O poema servia às finalidades da oratória; prestava-se à declamação em voz alta; era inflamado, entusiasta, utilizando-se dos recursos próprios da retórica. Comparações e metáforas arrojadas, apóstrofes, hipérbolos contribuíam para dar-lhe uma elevação e uma tonalidade estentórea, enérgica.

Mas os nossos românticos tiveram consciência da superação do movimento e evidencia-se uma evolução, através dos indícios de revisão crítica a que submetiam seu trabalho, na adoção do alexandrino perfeito, na depuração do verso, com abandono do subjetivismo e sentimentalismo, como pela adoção de uma perspectiva mais realista no tratamento dos temas. Tal coexistência de traços estilísticos diversos num mesmo autor, e em autores do mesmo período, leva muitos estudiosos a asseverar a inexistência de uma escola ou estilo definido.

Disto resulta a instauração de uma segunda fase romântica em Goiás; trata-se da "poesia dos luares", anacrônica, pasadista, distinguindo-se pela exploração de motivos da natureza, e tem lugar no começo do século XX. Em face da preferência pelo motivo dos luares, em versos frequentemente compostos para serem musicados, e cantados em serenatas, a fase romântica ganha tal denominação. Estilisticamente, denuncia-se a tendência sentimentalista e pessimista, que caracteriza Casemiro de Abreu e Álvares de Azevedo: o mal de amor, as canções do exílio, a natureza, sentimentalmente celebrada, em versos formalmente descuidados, que exibem abundância de clichês e adjetivos estereotipados, em contradições na poesia romântica e ultra-romântica de todo o País. Louva-se, contudo, nesses poetas a tentativa de buscarem a autenticidade natural e popular, a identificação com a terra, a originalidade, em suma. Nasce daí, segundo creio, uma orientação de fidelidade aos temas e motivos regionais, que se passa ao estilo poste-

rior, parnasiano-simbolista, no processo de formação de uma autêntica poesia de Goiás, expressão do sentir artístico regional.

### III. Nomes principais do Romantismo.

FÉLIX DE BULHÕES (1845-1887). Nome marcante da literatura goiana do século passado, segundo Gilberto Mendonça Teles. Seu poema "Só" tem estrutura perfeita, em versos dodecassilábicos, de certo equilíbrio clássico, destacando-se entre a versalhada desleixada de seus coestaduanos. Poemas publicados no jornal "Goyaz", da propriedade dos Bulhões (Félix era fundador e diretor). Após sua morte, foram reunidos no volume "Poesias do Desor. Félix de Bulhões" — 1867 a 1886 (1906).

MANOEL LOPES DE CARVALHO RAMOS (1864-1911). Nascido em Cachoeira, Bahia. Veio para Goiás em 1889, como juiz municipal em Caiapônia (ex-Rio Bonito). Seu longo poema "Goiânia" (ou Goiania?), em vinte cantos, oitava rima, segundo o modelo camoniano ("Os Lusíadas), celebra a incursão do bandeirante paulista no território goiano; seu herói é Bartolomeu Bueno da Silva, o filho. Publicado em 1896. Antes, publicou "Os gênios" (1895), exaltando os grandes vultos da ciência, filosofia, literatura, militarismo, etc. São os principais livros. Estão desaparecidos os outros integrantes de sua obra, como "Flores da primavera" e "Inspirações noturnas", ambos de 1884; o drama "Álvares de Azevedo", do mesmo ano; "Epopéia do 1º de junho", dedicado à Constituição de Goiás, 1893.

HIGINO RODRIGUES (1869)-1903). Natural de Goiás. Publicou: "Dinamites"; "Pampeiros", 1895; "Cantos e contos", 1894 (em parceria com Artur Costa); "Flores do deserto". "Trinos e trenos".

EDMUNDO XAVIER DE BARROS (1849-1899). Nascido em Goiás. Residiu no Rio de Janeiro. Seus sonetos denunciavam-lhe o gosto parnasiano. É, porisso, tido como parnasiano.

JOAQUIM BONIFÁCIO DE SIQUEIRA (GOMES DE SIQUEIRA) (1883-1923). Nascido em Goiás. Líder do grupo da "Poesia dos luares". Publicou: "Alvoradas", 1902; "Alguns versos", 1913. Em seus jornais, "A Folha de Goiás", "A Capital" (de que participavam Luís do Couto e Rodolfo Marques), "A Semana" (secretariado por Hugo de Carvalho Ramos) "A Nova Era" (1914) e "Jornal de Goiás" (integrado por Leo Lynce e Gercino Monteiro), abria espaços à cultura literária e jornal

lística do período. Apelidado "o poeta louro". Sem projetar-se como bom poeta, foi, no entanto, um expoente do Romantismo goiano.

LUÍS DO COUTO (Luís Ramos de Oliveira Couto) (1888-1948) Publicou: "Violetas" (1904); "Lilazes" (1913). Nascido em Goiás.

GASTÃO DE DEUS (G. de Deus Victor Rodrigues) (1883-1917). Natural de Catalão. Pub.: "Agapantos", 1905, "Páginas goianas", 1917 (cuja primeira parte tem o título de "Parnaso goiano", coleção de poesias dos poetas de Goiás). Fraco como poeta.

BRENO GUIMARÃES (1888-1922). Nascido em Goiás. Deixou alguns poemas de muita beleza; inclui-se na 2ª fase romântica.

AUGUSTO RIOS (Augusto Ferreira Rios) (1878-1959); nascido em Jaraguá. Pub. "Bouquet", 1911; "Ramallete", 1957.

LEODEGÁRIA DE JESUS (1891), N. em Jataí. Pub.: "Coroa de lírios", 1906; "Orquídeas", 1928. Razoável poetisa.

#### IV — Parnasianos e simbolistas.

Parnasianismo e Simbolismo tiveram origem comum, na publicação "Le Parnasse Contemporain", antologia poética lançada em 1866, 1871 e 1876, em Paris. Estilos ideológica e formalmente antagônicos, o parnasianismo, a princípio, suplantou o outro, que se impõe em seguida, em fins do século XIX e começo deste século.

Os parnasianos, realistas na poesia, fundavam seu ideal estético no culto da beleza, pela perfeição técnica e formal (esteticismo); em lugar da emoção e do sentimento romântico, pretendiam alcançar a objetividade e a impassibilidade, em face do tema. O descritivo é-lhes frequente, por abordarem o objetivo do poema com absoluto distanciamento afetivo.

Os simbolistas, ao contrário, reeditavam alguns princípios românticos, como o subjetivismo; mas o ideal estético era o "símbolo", palavra evocadora de realidades percebidas além dos sentidos. Poesia e vidência identificam-se. Características: sugestão e musicalidade. Os adversários chamavam esses poetas, pejorativamente, de **nefelibatas** (**nephēles** = névem; **bátes**, = que anda), ou seja, lunáticos, aluados, extravagantes. O "Decadentismo": feição inicial do Simbolismo. Os poetas decadentistas eram pessimistas e rebelados. Aspectos mórbidos.

dos do poema decadentista: individualismo exacerbado, ilogismo, misticismo, culto do esoterismo. A poesia como mediunidade.

Em Goiás, **Erico Curado**, cujo grupo não se harmonizava com o de Joaquim Bonifácio de Siqueira, seu contemporâneo, surge como o primeiro parnasiano-simbolista, em *Iluminuras* (1913), de que se deve datar a oposição anti-romântica. Adotando a epígrafe de Paul Bourget, "Le Rêve, et toujours le Rêve...", definia seu programa estético. Hugo de Carvalho Ramos, o inolvidável ficcionista de "Tropas e boiadas", é o outro nome desse estilo. Decadentista em suas primeiras produções, evolui para uma escrita mais realista, mais tarde, sobretudo como prosador.

Assinala-se, nesse período da poesia goiana, um decidido orientar-se para as fontes da legítima poesia goiana, de cunho telúrico e popular. Em Erico Curado, como em Hugo, observa-se a mesma busca de nossas fontes poéticas: o paisagismo sertanejo, as formas da poesia nativa, como a toada e a modinha sertaneja, estas, em Hugo, principalmente. Erico, influenciado por Olavo Bilac, Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, sobretudo por este na musa religiosa, professava mais devotadamente os ideais do Simbolismo, espiritualizando, tornando evanescente o objeto do poema parnasiano.

## V — Nomes principais.

**ÉRICO CURADO** (1880-1961). Nasc. em Pirenópolis. Publicou "Iluminuras", 1913; "Poesia", 1956, enfeixando "Cavaleiros da lua" e "Rimas em lá menor". Foi da Academia Goiana de Letras. Um soneto de sua autoria, "A Helaide", está no "Parnaso goiano", de Gastão de Deus; é um soneto parnasiano, quer na forma, quer no conteúdo.

**HUGO DE CARVALHO RAMOS** (1895-1921). Nasc. em Goiás. Suas "Obras completas", editadas em 1950, revelaram o poeta **decadentista**, nos livros "Turris Ebúrnea" e "Hinário", escritos até aos 18 anos de idade. (Em 1913 e 1914). O título geral da obra, que constitui a segunda parte do volume "Obras completas", é "Plangências", onde se reuniu tudo o mais que o poeta escreveu, nos gêneros poesia, crítica, e ensaísmo. Cita-se, como modelo de poesia autêntica de Goiás, o seu "Piquizeiro da chapada", espécie de triolé, ou rondó, em que aproveita a forma da poesia cabocla, moda de viola, ou desafio, em geral composto de improviso. Estrofes de doze versos, de

oito sílabas, em que os dois últimos versos repetem os dois primeiros.

LEO LYNCE (Cilleneu de Araújo) (1884-1954). Natural de Piracanjuba. Sincrético, seu livro "Ontem", 1928, é romântico, parnasiano e simbolista. Considerado precursor do Modernismo, em virtude de poemas que se irmanam com os dos modernistas de 1922, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo. O poema "Goyaz" é típico: a orientação para os motivos telúricos, nativos. O modelo métrico adotado é próprio do estilo simbolista: polimetrismo. Outro poema típico: "Uma noite em Pouso Alto". Foi "Príncipe da poesia goiana". Da A.G.L.

JOSÉ XAVIER DE ALMEIDA JÚNIOR (Xavier Jr.) (1902) Nasc. em Goiás. Publicou: "A canção do planalto", 1942. Adversário do Modernismo. Parnasiano-simbolista. Atual "Príncipe". Da A.G.L.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS (1893). Nasc. em Goiás. Livro inédito: "Humbral". Publicou "Mãe Chi", 1929. Retifica-se: o inédito tem o título de "Urucungo".

VASCO DOS REIS (V. dos Reis Gonçalves) (1901-1952). Nat. de Bela-Vista. Deixou inédito: "Humbral", desaparecido. Poeta parnasiano, nervoso e eloquente.

AMERICANO DO BRASIL (Antônio) (1891-1931). Nasc. em Luziânia. Póstumo: "Nos rosais do silêncio", 1947.

GUILHERME XAVIER DE ALMEIDA (1910-1973). Nasc. em Goiás.

JOSÉ LOPES RODRIGUES (1908). Nat. de Natividade. Publicou "Vibrações", 1947.

## V — O Modernismo de 1942

Em torno da revista "Oeste", cujo primeiro número se lançou em 1942, agrupavam-se os poetas que fizeram o movimento modernista em Goiás: Bernardo Élis, José Godoy Garcia, José Décio Filho, Domingos Félix. Na verdade, desde 1930 verificam-se sinais de renovação em nossas letras. No ambiente acanhado da velha Capital, Goiás, os modernistas, alunos do Liceu de Goiás, começaram a manifestar seu inconformismo diante da poesia tradicionalista, representada por Vasco dos Reis, Luís do Couto, Leo Lynce e outros. Godoy, já em Goiânia, publica um longo poema, à maneira de "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, sobre a cidade de Goiás, no jornal "O Popular". A reação foi enérgica; os leitores devolviam o

exemplar, que publicava o poema, à redação, indignados com a falta de respeito. B. Élis publicava, na "Oeste", um poema intitulado, "Velha casa", aproveitando idêntico tema de Marilda Pálfnia (Maria Paula Fleury de Godoy), em que, com bastante dose de ironia e malícia, zombava de tradições e de velhos costumes, de velhos antepassados.

Apenas José Décio Filho, mais lírico que seus companheiros, escrevia sua poesia sem espírito combativo. Domingos Félix, ainda imaturo como poeta, revelava talento e inquietude, estudando, com acuidade e interesse incomum, os temas e autores de nossa pequena literatura. Também José Décio Filho, em artigos e notas na revista, pugnava pela renovação das letras.

Outros nomes acrescentam-se a esse pugilo de jovens: os de José Luís Bittencourt, Oscar Sabino Jr., Zecchi Abrahão, Carlos de Faria, Paulo de Figueiredo, e outros.

Mas a poesia modernista, em 1942, já se achava superada. A **geração de 1945** surgia, restabelecendo a métrica e a rima, bem como alguns postulados artísticos, proscritos pela revolução modernista. E, em Goiás, fundou-se a revista "Agora", já que "Oeste" circulou até 1944, no final do período político do "Estado Novo". Os nomes de Domingos Félix, Afonso Félix de Sousa e Haroldo de Britto Guimarães alistam-se nesse período literário, fase pós-modernista, que começa, portanto, em 1946, data de surgimento da nova revista, dirigida por Oscar Sabino Jr. É o chamado pós-modernismo, que dura até nossos dias.

Conquanto se diga que os modernistas brasileiros voltaram a atenção para o País, numa orientação acentuadamente nacionalista, em busca das fontes artísticas na terra, nos costumes, nas lendas, no povo, é certo que as formulações estéticas vieram da Europa, segundo os modelos do **Dadaísmo**, do **Cubismo**, do **Futurismo** e, logo em seguida, do **Surrealismo**, movimentos e estilos nascidos após a Grande Guerra de 14. O verso-livre, a escrita automática, a ausência de pontuação, etc., tiveram origem nesses movimentos artísticos europeus; o geometrismo, o hermetismo, o culto da velocidade e outros "ismos" importados.

Posteriormente à famosa "Geração de 1945", que marca o advento, ou a recomposição de fórmulas e formas antes postergadas, deu-se o deflagrar de um movimento poético, com fundamento na palavra em si, o **Concretismo**. Partiu-se do poema de João Cabral de Melo Neto, a palavra-coisa, como se

existisse por si mesma, abstraída a condição de símbolo ou signo, isto é, imagem da coisa. Aspirava-se à fruição visual da palavra, como se fosse, também, uma pintura, além da fruição sonora e evocativa (função **verbi-voco-visual**) O espaço em branco adquiriu valor expressivo, a disposição dos caracteres na página, etc. Em Goiás, um dos primeiros poetas a revelar essa tendência, tendo, inclusive, experimentado obter o **poema concreto**, é Jesus Barros Boquady, cearense de nascimento, hoje residente em Brasília. Nesse momento de valorização da linguagem, como instrumento e veículo da poesia, fundado num conhecimento tanto mais aprofundado e atualizado da ciência linguística e estilística, que distingue os poetas de hoje, salienta-se o desempenho de Gilberto Mendonça Teles, pesquisador incansável, brilhante autor de poesia.

## **VI -- Nomes principais**

JOÃO ACCIOLI (1912), N. em Piracanjuba. Reside em S. Paulo, tendo sido amigo e discípulo de Mário de Andrade. Pub. "Olho d'Água", 1937, já em quatro edições, com boa poesia regionalista e sertanista. "A canção de amanhã", 1948, não importa à poesia goiana.

J. LICÍNIO DE MIRANDA (1902), n. em Campos Belos. Publicou, na cidade de Goiás, em 1933, "Você... você...", crônicas, em que se vê o modernismo de Cassiano Ricardo, ao gosto "verde-amarelista" (grupo modernista). Em seu tempo, foi novidade e, como tal, repudiado.

CORA CORALINA (Ana Lins dos Guimarães Peixoto), CORA BRETAS, nascida em Goiás (1889). Embora tenha iniciado a literatura na época de Joaquim Bonifácio de Siqueira, tendo sido contemporâneo desse e dos "poetas dos lares", sua poesia enquadra-se no Modernismo. Adota o poema-em-prosa; publicou: "O cântico da volta", 1956, poemeto; e "Poema dos becos de Goiás e estórias mais", 1965, que lhe trouxeram celebridade.

### **Modernistas de Oeste:**

BERNARDO ÉLIS (Fleury de Campos Curado) (1915), n. em Corumbá de Goiás. Publicou: "Primeira chuva", 1955 (2ª ed., 1970), em que juntou sua produção poética divulgada em "Oeste". Destacam-se poemas que focalizam a cidade de Goiás; paisagista regionalista.

JOSÉ GODOY GARCIA (1918), n. em Jataí. Publicou: "Rio do Sono", 1948; "Araguaia mansidão", 1972 (este livro nada acrescenta à sua obra poética, expressiva como modernista). Belos poemas sobre temas e motivos goianos, em verso-livre. Lírico, parecido com Manoel Bandeira.

JOSÉ DÉCIO FILHO (1918), n. em Posse. Pub.: "Poemas e elegias", 1953. Lírico, noturno, triste. Belos poemas da infância e abordando motivos regionais.

DOMINGOS FÉLIX (de Sousa) (1923), n. em Jaraguá. Publicou: "A outra face", 1947, que tentou retirar da circulação. Como poeta, não tão espontâneo como seu irmão mais moço. Ensaísta de vasta cultura, literária e filosófica.

AFONSO FÉLIX DE SOUSA (1925), nasc. em Jaraguá. Indo para o Rio de Janeiro, uniu-se aos moços da revista "Orfeu" e publicou: "O Túnel", 1948; "Do sonho e da Esfinje", 1950; "O amoroso e a terra", 1953; "Memorial do errante", 56 (premiado pela A.B.L.); "Íntima parábola", 60. "Álbum do Rio", 64. Traduziu "Romanceiro gitano", de F. Garcia Lorca. Possui uma "Antologia poética", seleção de seus poemas.

HAROLDO DE BRITO GUIMARÃES (1928), n. em Goituba. Foi premiado num festival da juventude, em Berlim, em 1949. Sem livro publicado.

GILBERTO MENDONÇA TELES (1931), n. em Bela Vista de Goiás. Abjurando a poesia passadista, sua obra poética inclui os seguintes livros: "Planície", 1958; "Fábula de fogo", 61; "Pássaro de pedra", 62 (premiado pela Academia Paulista de Letras); "Sintaxe invisível", 67; "Raiz da fala", 1973 (premiado pela A.B.L.). Tem, ainda, "La palabra perdida", coleção de poemas traduzidos para o castelhano, editada em Montevideu.

JESUS BARROS BOQUADY (1928), n. em Crateús, Ce. Publicou: "O cego", 1959; "Goiânia, sonho e argamassa", 59; "Gagarin & Shepard, combateremos o sol", 61; "Canções do adivinho", 68; "Cancioneiro goiano", 71.

IEDA SCHMALTZ (1942), nasc. em Recife, Pe. Pub.: "Caminhos de mim", 1964; "Tempo de semear", 69; "Secretária", 72 (prêmio da Bolsa de P. Hugo de C. Ramos).

AIDENOR AIRES (1946), n. em Riachão das Neves, Ba. Pub.: "Reflexões do conflito", 1970; Itinerário da aflição, 73; "Na estação das aves", 73 (premiado pela Bolsa "Hugo de C. Ramos").

## SAUDADES

“Não roce aos lábios meus nem mais um riso  
Meu terno coração ralai saudoso!”

(Bocage)

### Félix de Bulhões

Mimosa estrela d'alva matutina  
    lembra o teu despertar:  
E as fugitivas auras vão levando  
    teu derradeiro sonho.  
Qual, pelo pejo, a rosa primitiva  
Coras ao beijo tímido e furtivo  
    do levantar do dia!  
É sempre a tua imagem que povoa  
O ermo melancólico de minha alma.  
Se no mar alto envolto na tormenta  
Vejo a morte rolar no frol da espuma,  
Tu passas como o anjo da esperança  
    ou santelmo de luz.  
Se lá contemplo a tarde que descamba  
    nos roxos horizontes,  
A grande estrofe desce das esferas  
Rociada de pranto, ao despir-se  
    e (...) longo adeus.  
Outro mais grato o nosso adeus recorda  
    que o coração estala.  
Tal sinto a rosa que colhi tão virgem,  
Tal sinto o espinho que rasgou-me o peito!  
A fresca sombra, no calmoso estio,  
Lânguidas horas passo me lembrando,  
    me lembrando de tudo!  
De tudo, sim, oh! céus! às vezes louco!  
Lascivo pensamento aos céus insulta.  
    Por fatal ambição,  
Legou-lhe o impossível dos altares  
O véu dos roxos lírios pouco avaro!  
    (Do jornal GOYAZ, 1869)

## A HELADE

ERICO CURADO

Cintilante de luz, sobre os mares sorrindo,  
Contemplo-te de longe, ó Helade sagrada,  
Com teu gênio imortal, dos séculos subindo,  
Retumbante de glória, a infinita escalada!  
E atônito revejo, o teu solo cobrindo,  
A eclosão de teu estro em primores vasada  
E o fulgor sem rival de teu céu sempre lindo,  
Que inda guarda, opulenta, a beleza passada...  
Em cismas te imagino em noites de esplendor:  
— Feria o rouxinol um hino de pureza,  
Um beijo ciciando ao pé de cada flor...  
E era em noites assim que, ao luar, sem destino,  
Ostentava Láis sua excelsa beleza  
Toda Atenas curvando ao seu gesto divino!  
(PARNASO GOIANO, 1917)

## FINAL ACERTADO

Joaquim Bonifácio de Siqueira

Tenho papéis esparsos sobre a mesa,  
Sobre os papéis, alígera, deslisa  
A pena leve e doce, que precisa  
De quando em quando ser suspensa e presa.  
Ao lado, bruxoleia a vela acesa,  
Foco da inspiração pouco decisa;  
E, fresco e leve, em fraldas de camisa,  
A perna empurro aos trancos, com firmeza.  
Quero apagar o fogo que me abrasa;  
Quero escrever uns versos, pois a prosa,  
Sai-me nefelibata de confusa...  
Mas como a rima em vir se descompra  
Eu ponho a mesa toda em polvorosa,  
Apago a luz e... vou dormir com a Musa...  
(ALGUNS VERSOS, 1913)

## EVOCAÇÃO DE MARIA ELVIRA

José Godoy Garcia

Um dia Maria Elvira me chamou no quintal de sua casa,  
subiu no pé de manga,  
apanhou manga  
e jogou uma  
especialmente  
para mim.

Joga, Maria Elvira! (A calcinha dela estava suja).  
Maria não morreu até hoje,  
nem está casada.  
Seria uma história muito triste  
se uma dessas duas coisas  
tivesse acontecido.

## PAISAGEM GOZADA

José Godoy Garcia

O largo do cemitério é triste.  
Você se lembra do velho Egídio?  
Ele está lá dormindo nesta hora de sol quente.  
No largo do cemitério a vida pára  
quando os homens passam:  
parece que os mortos, de dia, passeiam ali.  
Por isso o largo é triste.  
Ele é enorme e sofre do destino amargo de ser largo de  
cemitério.  
Só mesmo as crianças de alma despreocupada não se  
importam;  
no entanto, as moças ali costumam a passar  
e os homens valentes morrem de medo  
quando, alta noite, precisam atravessar o largo.  
Mas existe um boi!  
Com o sol quente,  
procura a sombra e fica pensando.  
Tem uma grande alma esse animal: está sempre pensando.  
Quando os meninos mexem com ele, corre atrás.  
(... ..)

(RIO DO SONO, 1948).

## O RETRATO

José Décio Filho

Vejo teus olhos claros  
ainda límpidos e suaves,  
embora mais pensativos.  
Panejamentos de ouro e sol  
nos cabelos castanhos  
desenhando a fronte altiva.  
Continuo a sentir teu rosto  
com afeição perscrutadora:  
uma cansada tristeza  
encurva mais teus lábios  
e isso se desprende mais de ti  
como pensamento ou recado  
para minha solidão.  
A vida olho de longe  
com obscuro temor;  
mas um brilho de esperança  
ou resignada coragem,  
acende-se na pureza dos traços  
qual uma luz lá no fundo.  
No retrato me visitas  
com aquela mesma presença  
de minha irmã de sempre.  
Os anos temperam o amor,  
e as fundas correntes do sangue,  
que viajaram noutros seres,  
nos unem em qualquer parte.  
De longe te estendo as mãos,  
mãos de todo vazias:  
ainda o antigo calor  
e o humilde afeto,  
calado e corajoso.  
Pobres mãos estendidas.  
Talvez não te sejam apoio,  
mas um fraternal repouso  
para o descanso das máguas.

(POEMAS E ELEGIAS, 1953)

# O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES URBANAS DE GOIÁS

Lena Castello Branco Ferreira Costa

## 1. Introdução

O estudo das comunidades e, em especial, dos núcleos urbanos é o próprio estudo das civilizações. **Civilização** provém de **civilis**: pertencente aos civis, cidadãos. É palavra relativamente nova que somente em fins do século XVIII teve ingresso nos dicionários. Como afirma o historiador Will Durant: "A cultura sugere a agricultura, mas a civilização sugere a cidade. A civilização é o hábito da civilidade; e civilidade é o refinamento só possível na cidade. Porque, para o bem ou para o mal, para a cidade refluem a riqueza e o cérebro produzidos pelo campo; na cidade, a invenção e a indústria multiplicam o luxo, a comodidade e o lazer; na cidade, os mercadores se encontram e trocam mercadorias e idéias; nessa mútua fecundação dos espíritos, a inteligência se apura e é compelida a criar. Na vida urbana alguns homens se conservam fora do campo material e produzem ciência e filosofia, literatura e arte. A civilização começa na cabana do camponês mas só floresce nas cidades." (1)

Com efeito: a história das civilizações está sempre ligada a uma cidade. Os grandes impérios encontraram nas suas metrópoles a expressão mais autêntica do seu poder e magnificência. Assim aconteceu em relação a Tebas, Babilônia, Nínive, Persépolis, Atenas, Roma, Bizâncio e a outras urbes consagradas pela História.

Períodos de ruralização expressam retrocesso econômico e cultural como ocorreu, por exemplo, durante a Alta Idade Média européia; e o abandono das metrópoles pode encerrar uma conotação dramática, resultando em ruínas impressionantes, como as da civilização maia.

---

1. DURANT, Will. **História da Civilização**, vol. I. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 4ª edição, 1975, p. 4.

Na Idade Moderna e Contemporânea, em cujos albores situa-se a expansão do mundo conhecido, realizada através dos grandes descobrimentos, também as cidades ocupam lugar de destaque. Com o deslocamento do **eixo da civilização** do Mediterrâneo para o Atlântico Norte — fato ocorrido após a descoberta do Novo Mundo e a definição da supremacia franco-anglo-germânica — Paris e Londres disputaram a primazia do Ocidente durante quatro séculos, vindo a encontrar poderosas rivais nas megalópoles americanas. Nos dias atuais, a urbanização é fenômeno marcante, estando frequentemente associado o conceito de crescimento urbano ao de industrialização e progresso, embora nem sempre sejam eles harmônicos entre si.

Em relação à América Latina esta última restrição é particularmente válida. Em publicação da CEPAL — **El Desarrollo Social de América Latina en Post-guerra** — (2) registra-se que “ao comparar o desenvolvimento da América Latina com outras regiões atrasadas do mundo, tem sido frequentemente assinalado que o grau de urbanização alcançado por aquela em conjunto é muito superior ao dessas outras regiões. Chegou-se a calcular que, em 1950, 25% da população latino-americana viviam em cidade de mais de 20.000 habitantes, embora a incidência da urbanização variasse grandemente entre os diversos países (...). Na parte sul do hemisfério, junto a Argentina (64%) encontrava-se o Brasil (31%) ou o Equador (28%).” Estas percentagens se têm acentuado nos últimos 25 anos, sobretudo na região sudeste do Brasil, em decorrência do crescente êxodo e imigração rural possibilitados pelas estradas que vêm sendo construídas.

O documento citado traz, igualmente, considerações sobre o processo de industrialização e a explosão demográfica urbana no Brasil:

“E’ frequente associar a idéia de progresso com os processos de crescimentos urbano e industrialização, e supor que estes mantêm entre si uma relação tão estreita e necessária que ambos os termos possam ser usados de maneira quase intercambiável. (...) Em realidade, o crescimento urbano — em especial o das cidades principais — precede a indústria, de tal modo que o aparecimento de setores sociais médios e de massas urbanas é muito anterior à criação das estruturas produtivas mais modernas”.

---

2. PEREIRA, Luiz et alii. **Urbanização e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 2ª edição, 1973, 56.

A despeito dessas características que desafiam os conceitos tradicionais de urbanização — progresso e industrialização e sua íntima conexão — não há como dissociar a História do **hinterland** brasileiro dos núcleos urbanos que ali surgiram. Estes núcleos, permanecendo quase estacionários ao longo do período colonial, do Império e da Primeira República tiveram, porém, papel de relevo na definição e manutenção dos padrões culturais, religiosos e éticos das populações do interior, bem como na transmissão da língua — elemento civilizador por excelência — e das formas de organização familiar e social.

## 2. Os núcleos urbanos em Goiás

No caso específico de Goiás poder-se-á distinguir, na história das comunidades goianas, algumas fases bastante peculiares, cuja periodização obedecerá ao seguinte esquema:

- I. Os núcleos de mineração e de comércio de gado: arraiais e vilas — de 1727 a 1818;
- II. A cidade colonial, ou seja, Vila Boa — de 1818 a 1932;
- III. Os grandes centros urbanos — de 1932 à atualidade.

Com os núcleos de mineração e de comércio de gado surgiram em Goiás as primeiras comunidades urbanas — arraiais e vilas, cuja instabilidade se coaduna com a população flutuante e aventureira que os habita. São simples povoados vinculados às atividades econômicas dominantes na região, durante todo o século XVIII e XIX: a garimpagem e a pecuária de exploração extensiva.

As cidades coloniais tiveram a sua maior expressão, na região, na própria cidade de Goiás, antiga capital da província e estado do mesmo nome, e seu primeiro núcleo urbano a atingir o **status** de vila (1739) e, posteriormente, o de cidade (1818). Nascida com a bandeira descobridora e colonizadora do Anhangera II, conheceu Goiás um brilhante período de apogeu e, quase sem transição, a súbita decadência, na feliz expressão de Luís Palacin (3). Ligada ao ciclo do ouro no século XVIII, passou a constituir-se em centro administrativo, com atividades econômicas predominantemente do setor terciário, já no final do século XVIII, durante todo o século XIX e parte do século XX, vindo a entrar em colapso político e econômico a partir da transferência da capital do Estado para Goiânia.

---

3. PALACIN, Luis. **GOIÁS: 1722-1822. Estrutura e Conjuntura unma Capitania de Minas**. Goiânia, Departamento de Cultura, 1972, p. 13.

Sonho longamente acalentado, e aparentemente fadado a indefinida procrastinação, a construção da nova Capital de Goiás tornou-se realidade após a Revolução de 1930, da qual foi fruto político de amplas repercussões econômicas e demográficas, no plano regional. Goiânia e Brasília constituem-se, na atualidade, em polos centrípetos de migração e centros irradiadores de progresso, aos quais se soma Anápolis, pela sua posição geográfica privilegiada. Estas cidades, localizadas no Planalto Central, apresentam em comum o dinamismo de suas populações e economia, cada uma delas trazendo, todavia, características peculiares.

## 2.1. Os Arraiais e Vilas

Os arraiais e vilas surgiram, em Goiás, como conseqüência das atividades da mineração e da pecuária durante os séculos XVIII e XIX. Apresentavam peculiaridades que podem ser identificadas, a saber:

**Quanto à localização** — os núcleos urbanos voltados para a mineração fixaram-se às margens de rios e córregos auríferos, em regiões de topografia acidentada. D'Alincourt assinala: "É notável que o mau gosto e nenhum desvelo, que punham os antigos na fundação dos lugares auríferos, no que bem mostraram que só o ouro formava o seu alvo, e que tudo o mais era nada (...) Por isso é que sempre davam princípio às povoações o mais perto possível do sítio em que mineravam; importando-lhes pouco a regularidade do terreno, das ruas, dos edifícios..." (4) Durante o século XVIII disseminaram-se povoações por todo o território goiano. São expressões típicas do ciclo do ouro: Meia Ponte (hoje Pirenópolis), Ouro Fino, Jaraguá, Santa Luzia (hoje Luziânia), Cavalcante, Traíras, Santa Cruz, Bom Fim, Cachoeira, Crixás, Pilar, São Felix, etc.

As localidades vinculadas à pecuária cresceram como apêndices das pousadas obrigatórias, nas longas jornadas para transporte do gado, ou desenvolveram-se nas encruzilhadas das estradas boiadeiras. Tiveram evolução lenta e não conheceram o fastígio dos núcleos urbanos de origem mineira. Merecem destaque: Curralinho (atual Itaberaí), Vila dos Couros (hoje Formosa), Duro (hoje Damolândia), Campo Alegre, Posse, etc. (5).

4. D'ALINCOURT, Louis. *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Ed. Itatiaia e Ed. USP, 1975, p. 90.

5. CHAIM, Marivone Matos. *Os aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás*. Oriente. Goiânia, 1974, p. 25.

**Quanto à população** — incerta e oscilante, racial e culturalmente heterogênea. Nos primeiros anos da ocupação da região e da exploração do ouro, paulistas e portugueses constituíram o maior contingente populacional. Aos poucos, mineiros das **gerais** começaram a transpor o Paranaíba. Na região setentrional, grande foi a predominância de nordestinos, o que se acentuou com a guerra ao **gentio de corço**, desencadeada no Maranhão e no Piauí, em fins do século XVIII, provocando o deslocamento das populações para o Sul destas províncias e Norte de Goiás. Ao Leste, houve acentuado intercâmbio com as populações baianas: inicialmente, devido à sede do Governo Geral situar-se em Salvador; e, em uma segunda etapa, em decorrência das atividades de criação e exportação de gado. Havia grande número de negros escravos e, com o consequência das condições de vida, a mestiçagem se impôs. O número de habitantes dos arraiais e vilas goianas era reduzido; apenas Meia Ponte e a Capital ultrapassaram as 5.000 almas.

**Quanto às atividades econômicas** — predominaram, exatamente, as de mineração e as de criação extensiva de gado. A produção aurífera em Goiás alcançou o seu apogeu no período que vai de 1730 a 1770, aproximadamente. A pecuária substituiu a mineração como ocupação maior das populações goianas e, por longo tempo — após a decadência das minas — foi a única verdadeiramente rentável. O viajante francês Saint-Hillaire, que percorreu boa parte da província no primeiro quartel do século XIX, estranhou a inexistência de entrepostos para a venda de gado no próprio território goiano (6). As vilas e arraiais que se formaram à sombra da pecuária, em Goiás, jamais alcançaram a notoriedade de uma vila do Araxá, em Minas Gerais, ou de uma Feira de Santana, na Bahia. Deve ser notado, outrossim, que o meio circulante sempre foi restrito, no Centro Oeste, prevalecendo as simples trocas de mercadorias ou a circulação de ouro em pó, facilmente adulterável (7). A economia, em tais circunstâncias apresentava-se fechada, as distâncias condicionando o isolamento, bem como a produção diminuta, porque circunscrita ao consumo regional ou local (8).

De um modo geral, o quadro era de pobreza generalizada. Os povoados e vilas descritos por Gardner — Natividade,

---

6. SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz**. Coleção Brasileira, série 5ª, vol. 78. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1937, p. 30.

7. Palacín. Op. cit. p. 53.

8. D'Alincourt, op. cit. p. 87 e 97.

Arraias, Duro, São Domingos — têm em comum “casas de mísero aspecto”, igrejas semi-arruinadas, arruamentos incertos (9). Os cronistas e viajantes que visitaram Goiás no século XIX são unânimes em registrar a **indolência** das populações, sendo que “para cada dez que trabalham, há noventa que nada fazem, e sustentam sua existência mísera caçando ou roubando seus semelhantes mais industriais” (10). É evidente que a estagnação, que se seguiu à decadência da mineração, produziu tal colapso econômico, que os arraiais e vilas dele se ressentiram durante muitas décadas, com as inevitáveis conseqüências do desemprego e da ausência de atividades rentáveis.

**Quanto à sociedade** — Os núcleos urbanos originários da mineração caracterizaram-se por um tipo de sociedade menos estratificada do que aqueles nascidos com raízes na agricultura. Fortunas faziam-se e desapareciam rapidamente (11), emprestando aos arraiais mineiros ampla mobilidade social. A indefinição das populações aventureiras que lhes deram origem tendia a nivelá-las, enquanto que o tónus febricitante das atividades desenvolvidas aproximava-as. “Turbulentos arraiais goianos”, denominou-os Modesto Gomes (12). Era comum o “relaxamento dos costumes” (13), o que se atribuía ao fato de ter sido “o povo de Goiás formado de indivíduos pela maior parte sem educação e sem princípios (...) e não sendo o sentimento dos corações bons, como poderiam ser as obras!” (14)

E nem poderia ser de outra forma, naqueles tempos e naquelas circunstâncias. Era comum a necessidade de repressão de desordens e refreamento de insultos (15). Corriam notícias de crimes aberrantes e procedimentos delituosos (16), a que as autoridades deveriam por cobro. Há que considerar-se o isolamento em que estas se encontravam, assim como as suas limitações e despreparo para o exercício das funções que lhes competia desempenhar (17). A instabilidade das populações, por sua vez, contribuía para assegurar-lhes a impunidade.

- 
9. GARDNER, George. **Viagem ao Interior do Brasil**. Ed. Itatlala e Ed. USP, 1975, p. 151 e seg.
  10. Idem, p. 178.
  11. D'Alincourt, op. cit., p. 113.
  12. GOMES, Modesto. **Cadernos de Estudos Brasileiros**, I. Goiânia, Imprensa Universitária, 1964, p. 112.
  13. Saint-Hillaire, op. cit., p. 85.
  14. D'Alincourt, op. cit., p. 110.
  15. SILVA E SOUZA, Luiz Antônio (Pe). **O Descobrimento da Capitania de Goyaz**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1967, p. 20 e seg.
  16. D'Alincourt, op. cit., p. 110.
  17. Gardner, op. cit., p. 152.

Há que ser assinalado, outrossim, a circunstância de que, ultrapassada a miragem do ouro, essas populações refluíam, como mariposas a que faltasse a luz. De onde o fenômeno dos povoados abandonados, das ruas desertas e casas entregues à ruína, como ocorreu em Traíras, Tesouras e Pilar de Goiás.

**Quanto às atividades culturais e políticas** — quando ainda embrionários, arraiais e vilas não podiam deter-se em preocupações desse tipo, voltados que estavam para as de natureza econômica e para a sobrevivência à indianização. Esta foi uma ameaça constante: seja no que diz respeito à língua, seja no que tange aos costumes. Comunidades havia em que todos falavam o português, mas muitos utilizavam a língua dos seus antepassados, os Índios (18). Quanto ao vestuário, o clima e a pobreza levavam ao abandono dos padrões europeus. Gardner visitou localidades onde os homens usavam ceroulas, e as mulheres “apenas uma saia, do mesmo estofado grosseiro que os homens usam”. As crianças andavam nuas, exatamente como os **curumins** (19).

Uma que outra **aula de primeiras letras** exerceu, no imenso sertão, a sua ação civilizadora, a despeito do pouco interesse que a escola despertava, mesmo gratuita (20). As dificuldades eram inúmeras para a atuação do professor — e iam desde a falta de cartilhas, penas e papel, até a inexistência de livros, pois estes, quando os havia, eram “pequenos livros de reza” (21)

Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, ao estudar a educação em Goiás no período republicano, retrata, de corpo inteiro, o que foram as chamadas **aulas** ou escolas de primeiras letras e o papel que lhes coube desempenhar na integração da região à cultura brasileira (22).

A Igreja e suas festas religiosas tiveram, igualmente, função social importante, e quase exclusiva, nos núcleos urbanos do sertão. A capela constituiu-se sempre em marco essencial dessas comunidades, em volta do qual se erguia a estrutura social, e à cuja frente abria-se o **largo** ou a **praça** para onde convergiam os acontecimentos relevantes da vila ou arraial. O clero goiano foi, unanimemente, apontado pelos cronistas da época como relapso, e os seus padres considerados como

---

18. Idem, p. 149.

19. Ibidem.

20. Id., p. 169.

21. Id., p. 168.

22. SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. **Tradição e Renovação Educacional em Goiás**. Ed. Oriente. Goiânia, 1975, p. 49 e seg.

“imorais em quase incrível extensão” (23). A lista dos seus pecados públicos incluiria a luxúria, a cobiça e a avareza, além do apego a cargos e posições. A despeito de tais excessos, porém, foi a Igreja agente de transmissão dos padrões éticos do cristianismo, dos quais era depositária, apesar de, pelos seus ministros em Goiás, nem sempre fiel executora (24).

Relativamente às atividades de natureza política, esta permaneceram inexpressivas, uma vez que durante o período colonial e o 1º Império a nomeação dos notáveis cabia ao poder central. Somente nas últimas décadas do sec. XIX, as mensagens do abolicionismo e do republicanismo sacudiram o marasmo das populações do interior. Com os primeiros governadores da República, o jogo do poder passou a ser exercitado nas províncias, dentro dos princípios do federalismo importado — e, em consequência, esboçaram-se as lideranças regionais (25) Neste quadro, com a adoção teórica da democracia liberal em sociedades embrionárias, deu-se a ruptura entre a teoria e a realidade política que ainda hoje se evidencia, e que gera perplexidade no seio das lideranças, assim como entre os seus liderados, na busca de um modelo político autóctone e autêntico. Assim, a história social e política brasileira no período republicano — sobretudo quando se desenrola nos arraiais e vilas sertanejas — foi assinalada pela dicotomia traduzida em aspirações democráticas elevadas, de inspiração alienígena, e nível de realizações bastante medíocre, quando não eivado de violência ou de simulação.

## 2.2. A Cidade Colonial

Uma das mais importantes funções das cidades coloniais, que representavam a consagração de um elevado **status** urbano na paisagem demográfica e política do Brasil, seria a de fixar correntes migratórias instáveis e converter aventureiros em cidadãos civilizados (26). Tarefa peculiar a qualquer cidade, mas que, no período colonial e no que lhe foi imediatamente subsequente, adquiriu relevo pelo caráter de **ilhamento** que definia a localização das cidades no imenso território bra-

23. Gardner, op. cit., p. 158.

24. Silva e Souza, op. cit., p. 43.

25. MORAES, Maria Augusta Sant'Ana. **História de uma Oligarquia: Os Buiões**. Goiânia, Oriente, 1974, p. 45 e seguintes.

26. OMEGNA, Nelson. **A Cidade Colonial**. Coleção de Documentos Brasileiros, nº 110. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1961, p. 83 e seg.

sileiro (27). Em Goiás, a única **cidade colonial** por excelência resultou da antiga Vila Boa, nascida do arraial de Sant'Ana, desenvolvido à sombra do seu fundador — Bartolomeu Bueno da Silva, o descobridor de Goiás (28). Informa Saint-Hillaire “que as autoridades da região estabeleceram residência nesse local, que em breve adquiriu grande importancia.” (29). Em 1736, por carta régia, foi erigida em vila com a denominação de **Vila Boa de Goiás**, em atenção a Bueno, seu descobridor e do gentio de Goiá (30). Somente em 1739, D. Luiz de Mascarenhas, governador de São Paulo — a que estava subordinada Goiás — cumpriu as ordens recebidas: “fez erigir o pelourinho (...) designou o lugar da praça, da matriz, da camara, da cadeia, dos edifícios principais e não se resignou de pegar na ponta da corda e servir de pião para se marcarem os logradouros públicos; estabeleceu o senado, e escreveu ao superintendente Antonio Pacheco Teles para eleger dois vereadores e procurador do conselho, os quais foram eleitos e tomaram juramento, fazendo a sua primeira vereança em 1º de agosto de 1739.” (31)

Vila Boa de Goiás seria elevada à categoria de cidade e capital da província de Goiás menos de um século depois, por decreto promulgado por D. João VI, a 18 de setembro de 1818 mas, “em lugar de denominá-la **Cidade Boa**, o que teria sido natural, deram-lhe o nome de **Cidade de Goyaz** que tem o inconveniente de ser a repetição de toda a província, e parece imaginado para fazer esquecer um homem, cuja intrépida perseverança adquirira para a monarchia portugueza uma província maior do que a França e que se deixou morrer na indigencia.” (32)

Como vimos, Vila Boa foi criada por ordem régia. Ao ser edificada, obedeceu a diretrizes expressas oriundas da Corte Portuguesa. Motivos relevantes, de ordem política e econômica, terão levado as autoridades lusitanas a olharem com cuidado a nova vila, a saber: a localização, pois foi implantada além da linha de Tordesilhas, no momento em que, nos paços de Lisboa e de Madri, ainda não se consagrara o princípio do

---

27. PETRONE, Pasquale. **Povoamento e Colonização** — in **Brasil, a Terra e o Homem**, p. 140.

28. Silva e Souza. Op. cit. p. 11.

29. Saint-Hillaire. Op. cit. p. 76.

30. Silva e Souza. Op. cit. p. 19.

30. Silva e Souza. Op. p. 19.

31. Idem, p. 19.

32. Saint-Hillaire, Op. citada, p. 77.

**uti possidetis**; e a própria riqueza das minas de Goiás, cujo achamento as revelara pródigas.

O traçado feito para Vila Boa não diferiu, em substância, dos demais elaborados na metrópole para os núcleos urbanos da colônia. À época do descobrimento do Brasil, as tendências geometrizarantes estavam sendo adotadas em quase todas as experiências urbanísticas européias (33). Não obstante, foi somente a partir de 1720 que se tornou normal no Brasil a regularidade do traçado (34). As ruas em Vila Boa — como na maioria das povoações do período colonial — eram entendidas quase exclusivamente como vias ou linhas de percurso, ligando os domicílios aos pontos de interesse coletivo. Por elas trafegavam veículos, cavaleiros, pedestres, redes ou **cadeirinhas** e, ainda, uma variada fauna constituída de muares, equinos, suínos, etc.

Na planta traçada para Vila Boa — da qual se guarda cópia no Museu das Bandeiras (35) — verifica-se uma preocupação que é constante nas cidades coloniais, a exemplo do que ocorreu nas **poleis** gregas: os locais de reunião são bastante amplos e valorizam os pontos de maior interesse para a comunidade, tais como a Casa da Câmara, o Chafariz, as igrejas e o quartel.

As ruas obedecem a um traçado de linhas bastante regulares, tendendo ao xadrez e aproveitando-se o leito do rio Vermelho como elemento de integração das duas partes da cidade. O rio, como fonte de riquezas auríferas, respondia pela própria existência de Vila Boa naquele local, assim como pela fundação anterior do arraial de Sant'Ana. Os logradouros urbanos da vila foram usados, desde cedo, pela população em conjunto, para algumas formas de recreação e de vida social e religiosa (36) tais como as procissões que tanta importância tiveram, e ainda têm, na fisionomia cultural da cidade.

Como nas demais vilas e cidades coloniais, Vila Boa apresentava construções de caráter uniforme, as casas ocupan-

---

33. REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil**. São Paulo, Livraria Plonera Editora, 1968, p. 128.

34. *Idem*, p. 131.

35. Planta de Villa Boa, Capital da Capitania Geral de Goyaz Levantada no anno de 1782 pelo Ilmo. e Exmo. Dom Luiz da Cunha Menezes, Governador e Capm. General da mesma Capitania e copiada pelo Soldado Dragão Manoel Ribeiro Guímes, etc. Museu das Bandeiras. Cidade de Goiás.

36. Saint-Hilaire, op. cit., p. 106.

do todo o lote urbano disponível (37), o que se harmoniza com a generalização de Nestor Goulart: "Não havia meio termo: as casas eram urbanas ou rurais, não se concebendo casas urbanas recuadas e com jardins" (38). A fisionomia da cidade resultava monótona, acentuada pela ausência do verde, esta ressaltada apenas pelos pomares que se entreviam sobre os altos muros. As marcas de arquitetura portuguesa acham-se presentes, garantidas pela rigidez das posturas municipais (39).

O material empregado, em larga escala, foi o **barro socado** ou **taipa** de pilão; as telhas de cerâmica; o madeiramento tosco; o piso de lajes. Requisites, como o vidro, seriam introduzidos somente após a melhoria dos transportes. Em algumas construções utilizavam-se **lâminas de mica**, em substituição àqueles. O uso abundante da pedra, nos alicerces e muros, empregava a mão de obra ociosa dos escravos — mão de obra de início destinada às tarefas da mineração e que, quando levada a executar serviços especializados, manteve-se tosca e inábil. A impressão geral causada pela cidade é, ainda hoje, de despojamento e mesmo de pobreza, o que não deixa de causar espécie, ante o fastígio e o propalado esplendor das **Minas dos Goyazes** (40).

Vila Boa de Goiás distava 76 léguas e meia da fronteira com a Bahia; e 62 léguas e meia do registro dos Arrependidos, de onde saía o caminho para o Rio de Janeiro, onde se chegava após percorrer mais 201 léguas (41). Estas imensas distâncias eram percorridas a cavalo, geralmente em tropas, autênticos comboios a vararem o deserto de habitações, de pousada em pousada.

O isolamento, porém, não foi motivo para fazer desanimar os homens, quando se espalhou a notícia do achamento das minas de Goiás. Registra Silva e Souza: "Soou ao longe a notícia desta grandeza, e a fama ainda lhe deu os acréscimos que costuma; correram das outras capitâneas os homens e em menos de dois anos era imenso o povo que tinha ajuntado, revezavam-se as tropas de víveres e de fazendas e não bastavam (...). Contudo concorriam cada vez mais os homens. Os primeiros que entraram e os que vieram ao depois alongaram-se

---

37. D'Alincourt, op. cit., p. 95.

38. REIS, Fo., Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. Perspectiva. São Paulo, 1970, p. 22.

39. Idem, p. 24.

40. D'Alincourt, op. cit., p. 95.

41. Silva e Souza, op. cit., p. 73 a 75. D'Alincourt refere-se a 163 "léguas geográficas", op. cit., p. 94.

a fazer novas observações, e foram povoando o terreno. A nação Goiás fugiu aos seus perseguidores, morreram uns, alongaram-se outros, extinguiram-se e já não existem. Os habitantes de Minas Gerais e de Cuiabá, de Pernambuco e Bahia abriram por sertões incultos estradas para a comunicação. O ouro animava a empreender tudo...”

O centro polarizador de toda esta atividade nervosa e incontrolável era, sem dúvida, Vila Boa, a maior das aglomerações urbanas da região e sede do governo e da administração.

Em 1804, tinha ela “seiscentos e noventa e nove fogos, quatro companhias de cavalaria, quatro ditas de infantaria, duas de ordenanças e uma de Henriques com exército de artilharia. Tem o seu julgado, pelo cálculo feito em 1804, homens brancos casados 109, solteiros 504; pretos casados 25, solteiros 382; pardos casados 118; solteiros 1.090. Mulheres brancas casadas, 84, solteiras 525, pretas casadas 28, solteiras 571; pardas casadas 137, solteiras 1.466. Escravos 2.637, escravas 1.795” (42). Ao todo, portanto, 5.039 cidadãos livres (2.228 homens e 2.811 mulheres); e 4.432 escravos (2.637 homens e 1.795 mulheres). Era habitada pois, Vila Boa, por 9.471 almas. Sendo de quase setecentos “fogos” o número de edificações existentes, haveria 13 habitantes para cada casa. Há que considerar-se, porém, a existência de numerosos soldados aquartelados e que se aglomeravam nas guarnições.

Constata-se, outrossim, que a relação brancos-livres/ escravos era de 1.222/4.432 ou seja: para cada homem ou mulher branca livre, 4 (quatro) escravos. Esta proporção iria diminuir sensivelmente ao longo do século XIX, seja pela influência dos ideais abolicionistas, seja pelo empobrecimento crescente da cidade. Quando da abolição, havia “menos de 4.000 escravos” na Capitania. A 13 de maio de 1888, na Capital “não os havia (...) pois, por ocasião do primeiro aniversário de morte de Félix de Bulhões, a Confederação que trazia o seu nome alforriou os últimos.” (43).

Bem aparelhada administrativamente, Vila Boa dispunha de um Senado da Câmara, sob a presidência de um juiz ordinário e com dois vereadores, ao qual foi acrescentado mais um, por provisão de 4 de fevereiro de 1741. O cofre do senado “foi estabelecido por ordem régia”, em 1761 (44). As suas rendas “consistem em foros de duas léguas e meia de terras de ses-

42. Idem, p. 51 e seg.

43. Maria Augusta Sant'Anna Moraes, op. cit., p. 87.

44. Silva e Souza. Op. cit., p. 24.

maria, que têm em torno dos logradouros da vila, afiliações, cabeças, talhos, açougues, curral, que tudo montará a mil oitavas. As casas da câmara e cadeia foram feitas (...) por ordem de 25 de outubro de 1761". (45).

Era Vila Boa a "residência do governador geral e do prelado" e "cabeça de comarca do Sul, depois da divisão feita em 1809". Ali ficavam o Tribunal da Junta da Real Fazenda e da Justiça; a Intendência do ouro, Casa do Senado, Cadeia Pública e quartel das companhias de dragões e de pedestres (46).

As igrejas eram numerosas: a matriz foi "ereta em 1743, desfazendo-se a capela de Santa Ana que era no mesmo lugar". Da matriz, "caiu o seu teto em 1759, servindo desde então de matriz o Rosário depois de estar muito tempo deixada, a ponto de crescer mato no seu interior, foi concertada pelos devotos". Tinha oito "capelas filiais", sendo a mais antiga a da Senhora do Rosário dos Pretos que data de 1734 (47).

A Intendência e Real Casa da Fundição foram instaladas em 1752. Em 1753 registrava-se a maior renda do quinto: dezesseis mil, novecentos e oitenta oitavas de ouro. Em 1807, esta renda caíra para onze mil oitocentos e noventa e nove oitavas.

A Junta da Real Fazenda, estabelecida em 1761, era presidida pelo governador da capitania, havendo também o ouvidor e provedor da fazenda (48). Tinha funções relevantes; a sala que lhe servia de sede ostentava "poltronas e reposteiros de damasco vermelho" (49). Ali se reuniam "dois vereadores da câmara, os mais antigos, e servindo de escrivão o secretário do governo, estabelecendo-se então um cofre de três chaves, dos quais tinha uma o ouvidor, outro ao provedor da fazenda e outra o vereador mais antigo." (50) Mais tarde, foram nomeados tesoureiro e "escrivão das despesas miúdas"; um escriturário contador, contínuo e porteiro (51). Havia outros funcionários, com ordenados fixos compensadores. É importante assinalar que, na Capitania, em 1812, a despesa total da real fazenda era "de 40:000\$000 rs. e a receita 32:000\$000 rs." Para solucionar o problema, "destinou o subsídio de três arrobas e assim, equi-

---

45. Idem, p. 50.

46. Idem, p. 46.

47. Ibidem.

48. Silva e Souza, op. cit., p. 48.

49. Saint-Hillaire, op. cit., p. 81.

50. Silva e Souza, op. cit., p. 49.

51. Ibidem.

librava-se a receita com a despesa”; porém “acresceram novas despesas que se não podem equiparar com a receita” (52).

Sobre a fisionomia da cidade de Goiás — ou Vila Boa — observa Saint-Hillaire que apenas a presença do ouro pôde determinar a fundação da mesma, acrescentando que “seria abandonada em pouco tempo si não fosse a residência de todas as autoridades da província.” (53) Considera, porém, que as suas ruas, “largas e em geral bem traçadas, são quasi todas pavimentadas” As casas, “de argamassa e madeira, bem altas para a região porém pequenas, totalmente caiadas na frente e cobertas de telhas (...) a maioria está bem conservada e as dos principais habitantes são regularmente mobiliadas e de um asseio rigoroso.” (54)

Relativamente à população, assinala o viajante que negros e mulatos constituíam a maior parte da população de Goiás. Os habitantes da cidade dispunham dos serviços de um único cirurgião da companhia de dragões. Saint-Hillaire encontrou “operários bastante hábeis”, se bem que desprovidos de imaginação e qualificou o comércio como dispondo de lojas bem sortidas (55). Afirma que a alimentação tinha por base a farinha de milho ou de mandioca; e refere-se ao “excelente pão que se faz com a farinha de trigo que vem de Santa Luzia, de Meya Ponte e de Cavalcanti.” (56) Neste particular, os costumes europeus, como aconteceu em todo o país, haveriam de sobrepor-se aos hábitos nativos.

É ainda Saint-Hillaire quem observa: “Os empregos públicos dão trabalho, tanto quanto se trabalha nesse país, a uma boa parte dos habitantes de Goyaz; outros são mercadores; alguns vivem dos productos da terra; pequeno número de pessoas (...) ocupa, ainda seus negros em extrahir, isoladamente, um pouco de ouro do Rio Vermelho” (57). Registra, ainda, que não sucedera em Villa Boa o mesmo que na Capital da província das Minas, onde se vêm ruas inteiras quase abandonadas (...) o número das casas está em proporção com o de funcionários civis e militares, mercadores e artifices, de que esses empregados necessitam.” (58)

---

52. Silva e Souza, op. cit., p. 50.

53. Saint-Hillaire. Op. cit., p. 78.

54. Idem, p. 80.

55. Idem, p. 82.

56. Idem, p. 83.

57. Ibidem.

58. Idem, p. 84.

Em resumo: sob o ponto de vista de administração, comércio e serviços, a cidade de Goiás, no início do século XIX, apresentava-se razoavelmente bem aparelhada e atuou como fator de atração e de fixação das populações migrantes.

Como toda região povoada mediante a transferência acelerada de pessoas em busca da fortuna, era bastante heterogênea, inicialmente, a população da capitania de Goiás. Alencastre registra que "sempre que havia novos descobertos, era tanta a quantidade de povo que para elles affluia que se seguiam sempre as maiores desordens e perturbações". Maria Augusta Santana Moraes assinala a presença, de "levas humanas, por excelência de mineiros e ainda baianos e maranhenses" (59) contribuindo para o crescimento demográfico de Goiás.

Posições de relevo ocuparam, no quadro do povoamento de Goiás, os portugueses e os Índios. Os primeiros afluíram sobretudo nos tempos da descoberta e da colonização. Eram portugueses os altos funcionários e dignatários, bem como os eclesiásticos que se estabeleceram em Vila Boa. Prelados italianos e espanhóis também se faziam presentes, e dentre os últimos, adquiriu notoriedade o Pe. João Perestrelo de Vascelos e Spínola, que manteve longa pendência com as autoridades civis (60) fato não raro nos domínios portugueses (61).

Quanto aos Índios, constituíam o elemento autóctone e, frequentemente, representavam sério embaraço à administração da capitania. Nos sertões de Goiás repetia-se, mais de dois séculos depois do descobrimento, a colisão das idades históricas (62), expressa no conflito da civilização européia com a cultura ameríndia.

São incontáveis as referências que os cronistas, viajantes e historiadores fazem à presença do Índio no Centro-Oeste, nas imediações dos núcleos urbanos. Silva e Souza relaciona as "nações selvagens habitantes da Capitania de Goyaz", registrando o número de dezesseis, dentre as quais os caiapó — "nação bravíssima" e os Goiá — "pacífica e já extinta." Os Canoeiro lhe pareciam "crudelíssimos e belicosos", e os Xavante, igualmente, "ferozes e numerosos" (63).

59. Marla Augusta Santana Moraes. Op. cit., p. 27.

60. ALENCASTRE, José Maria Pereira de. **Annaes da Provincia de Goyaz.**

61. Apud **Registros** da correspondência mantida entre o Pe. Perestrello e o Senado da Câmara de Villa Boa, em 1749. Transcrição, ao final deste artigo, da leitura paleográfica, feita pela autora.

62. Omegna. Op. cit., p. 90.

63. Silva e Souza. Op. cit., p. 62.

Toda a história das primeiras décadas de ocupação e colonização do Centro-Oeste foi de confronto com os indígenas — primeiramente com o objetivo de apresá-los e reduzi-los à escravidão; em seguida, com as tentativas de evangelização realizadas por franciscanos e dominicanos; e, finalmente, com a nova política pombalina de aldeamentos seculares com que se objetivava a integração do gentio na sociedade colonial. Neste sentido, Goiás constituiu-se em experiência ímpar, pela ausência dos jesuítas no seu processo de estruturação educacional.

Saint-Hillaire descreve uma dessas aldeias — a de São José — situada nas cercanias da cidade de Goiás. Relembra a guerra entre os aventureiros paulistas e o gentio e registra que “de ambos os lados essa guerra se fazia com igual crueldade.” Os índios massacravam caravanas e “forçaram os portugueses a abandonar alguns estabelecimentos por elles fundados.” Em 1780, as hostilidades perduravam — entrando em cena um “simples soldado chamado Luiz” que finalmente conseguiu aproximar-se dos Caiapó, acompanhado de cinquenta portugueses e três índios. Tratavam os silvícolas com bondade, “faziam-lhes presentes e acabaram por convencer um certo número d’elles a acompanhá-los até Villa Boa para conhecerem o chefe que governa a todos os outros.” Um ancião estava à frente da delegação de quarenta indivíduos, entre os quais seis guerreiros, mulheres e crianças. Foram recebidos “com toda a magnificência que se pode ostentar: fizeram-se festas, deram-se tiros de canhão, cantou-se um Te Deum e batizaram-se as crianças.” Como resultado, o velho não quis mais retornar para a floresta e despachou os guerreiros “com ordem de voltar, em seis luas, com tropa maior”. Com efeito: duzentos e trinta e sete caiapó vieram ter a Villa Boa. Foi instalada a aldeia **D. Maria**, a onze léguas de distância da vila, e ali se fixou uma população de 600 índios. A aldeia seria, depois, evacuada e os Caiapó transferidos para a de São José, mais próxima de Villa Boa onde, sob a tutela de um destacamento militar, passaram a viver em regime semi-comunitário, dentro de uma organização calcada sobre a das missões jesuíticas (64).

Através de professores de fiação, de técnicas rudimentares de plantação e de construção de casas, estes índios se foram aculturando lentamente. Saint-Hillaire afirma que os encontrou em “estado de meia civilização conservando vários dos seus antigos hábitos.”

---

64. Saint-Hillaire. Op. cit., p. 105 e seguintes.

Vila Boa foi o ponto de comando das operações para a sujeição dos silvícolas. Acroá, Chacriabá, Xavante, Javaé, Carajá — todos escreveram páginas de insubmissão ou de represália diante do português que, ao final, sujeitou-os. A miscigenação começou bem cedo, na capitania; e prosseguiu a sua obra aglutinadora, inclusive pela fusão do sangue negro com o índio. Já vimos como são altos os índices de mestiçagem em Goiás, no início do século XIX; ao final, seriam ainda maiores.

As populações brancas, assim como os mestiços livres, teriam na igreja e nas escolas os veículos, por excelência, de **uropeização**, em contraposição à **indianização** pela qual clamavam o **habitat** natural e o isolamento dos núcleos urbanos de Goiás.

A ação dos eclesiásticos, voltada inicialmente para a catequese dos índios, fundamentava-se em tentativas de evangelização, compreendendo esta o ensino da doutrina da moral cristãs. Paralelamente, eram transmitidos conhecimentos de língua portuguesa e rudimentos de ciências e artes aplicadas. O aldeamento dos silvícolas nas proximidades de Goiás e de outros centros urbanos, teria, assim, a dupla vantagem de vigiar e controlar os índios, assim como permitir-lhes intercâmbio amedado com a civilização de origem européia.

Em toda a província de Goiás, a atuação do clero na educação foi, porém, bastante restrita, não havendo, sequer, a registrar a presença dos jesuitas nem a existência das **escolas de capelões** de que nos fala José Ferreira Carrato, relativamente a Minas Gerais (65). Vimos como são unânimes os cronistas do século XIX e os historiadores em referirem os "vexames dos Eclesiásticos" em Goiás, traduzindo-se em "demaziada ambição" e em conduta moral reprovável (66). Assim, nem pelo saber, nem pelo exemplo, parcela expressiva dos sacerdotes residentes em Goiás jamais poderia exercer influências salutares sobre as populações indisciplinadas, formadas basicamente por mineradores e criadores de gado.

A despeito de tais limitações, todavia, a língua e os padrões portugueses de conduta — nem sempre boa conduta — afirmaram-se sobre os da cultura indígena, evidentemente menos elaborada.

No alvorecer do século XIX — quando Vila Boa atingia foros de cidade — Silva e Souza, em sua **Memória Estatística**,

65. Citado por Nancy Ribello de Araújo e Silva. Op. cit., p. 32.

66. Idem, p. 33.

assinala que “só existem na Capital huma Cadeira de Grammatica Latina, outra de Ensino Mutuo pelo Metodo Lancasteriano, algumas Escolas particuiare de Ensino individual; alguns particuiare que tem dado gratuitas lições de Geometria, e Aritmética, e algumas noções de Lingoa Franceza e de Musica com poucos discípulos” (67).

Da observação acima transcrita, depreende-se que mergulhavam em profundidade as raízes de duas características marcantes da cultura vilaboense, como de resto de quase toda a elite do País, no século XIX: o culto à língua francesa e ao piano, como expressões de bom gosto.

Cronistas e memorialistas referem-se aos requintes dos hábitos de certa elite da cidade de Goiás, cujas características deram origem a toda uma literatura saudosista. Expressão maior desta, Goiás do Couto refere-se ao fato de que “era **chic** falar o francês, exercitado correntiamente por todos aqueles que tinham veleidades literárias”. Em seguida, ao narrar o episódio do recebimento, na cidade, da notícia da proclamação da República, relembra: “...foi entoado (então) o heroico hino francês, a gloriosa Marselhesa, num impressionante coro de milhares de vozes (...) essas pessoas supercivilizadas estavam mais em contacto com a França e com a sua língua, conhecendo menos o Hino Nacional, corroborando, assim, nossa afirmativa anterior sobre a cultura vilaboense.” (68)

Regina Lacerda, por sua vez, acentua o “desenvolvimento dos estudos musicais e do cultivo da boa música”, assinalando a produção de peças eruditas, em Goiás, sobretudo motetes e missas, para os quais havia um público entusiasta: “a gente vilaboense, culta e sensível às artes” (69). A mesma autora registra, uma “noite de gala, realizada no dia 28 de novembro de 1887 (...) quando ao som de um piano Pleyel (...) se executaram peças de Verdi, Carlos Gomes, Schubert, Gounod e onde se cantaram canções e dueto da Tosca. O festival foi encerrado com a Marselhesa...” (70)

Tais gostos e inclinações tornaram-se mais acentuados com a chegada das Irmãs Dominicanas francesas que, em 1890, estabeleceram, na cidade de Goiás, o segundo colégio da Ordem no Brasil. Voltadas para a educação de meninas e moças,

67. Citado por Nancy Ribeiro de Araújo e Silva. Op. cit., p. 42.

68. COUTO, Goiás do. **Memórias e Belezas da Cidade de Goiás**. Tipografia Edanee S.A. São Paulo, 1958, p. 20.

69. LACERDA, Regina. **Cidade de Goiás — Berço da Cultura goiana**. Departamento Estadual de Cultura. Goiânia, 1968, p. 6.

70. Idem, p. 11.

terão contribuído para reforçar aquele “pleno e verdadeiro matriarcado” que imperava em Vila Boa, segundo Goiás do Couto, e que se traduzia no controle das finanças caseiras, na autoridade exercida sobre os filhos e no cultivo de prendas **domésticas**, bem como no papel desempenhado pelas mães, como primeiras mestras e educadoras de sua sempre numerosa prole (71). Por vezes, a atuação feminina extravasava as paredes do lar. Assim é que, segundo tradição corrente, a Faculdade de Direito de Goiás, fundada em 1898 e instalada em 1903 (72), deve a sua criação a reivindicação apresentada ao Presidente da Província por um grupo de jovens senhoritas vilaboenses, frustradas diante do êxodo dos **melhores partidos** da província que, indo estudar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, casavam-se por lá.

Tanto os requintes de gosto e de cultura, como o próprio acesso à educação, à imprensa ali florescente e às manifestações literárias estavam, porém, restritos a uma minoria, tanto na cidade como no Estado de Goiás. Se é verdade que, em 1835, já se exigia dos pais que ministrassem “conhecimentos básicos” aos filhos (73), não é menos exato que até o presente tal desiderato ainda não foi atingido em Goiás, havendo elevado número de crianças, em idade escolar, não atendidas sequer a nível de instrução primária (74). Até recentemente, as atividades econômicas da região — a lavoura, a pecuária e o pequeno comércio — não exigiam conhecimentos aprimorados para serem exercidos, nem mesmo “progressos maiores na leitura e na escrita, o que se reservava aos funcionários públicos residentes, quase todos, na Capital...” (75)

A fundação do **Lyceo de Goyaz**, em 1847, pouco representou em termos de educação popular, conforme se pode deduzir dos reduzidos quantitativos de matrícula em suas classes (76). As exigências para o ingresso de alunos, os currículos bacharelescos e o regime disciplinar tornavam aquele estabelecimento de ensino oficial acessível somente àquela “nascente e apagada classe média” (77) que se formou em Goiás du-

---

71. Goiás do Couto. Op. cit., p. 20 e seguintes.

72. TELES, Gilberto Mendonça. **A Poesia em Goiás**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1974, p. 77.

73. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva. Op. cit., p. 49.

74. CASSIMIRO, Maria do Rosário. **Desenvolvimento e Educação no Interior do Brasil**. Editora Oriente. Goiânia, 1977, p. 178 e seguintes.

75. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva. Op. cit., p. 40.

76. Maria Augusta Santana Moraes. Op. cit., p. 35.

77. Idem, p. 37.

rante o século XIX, pois dificilmente seria ele cursado pelos filhos de famílias de estratos sociais inferiores, que frequentavam, quando muito, as **aulas de primeiras letras**.

Capítulo à parte, no estudo da cidade de Goiás, é o da estratificação de sua sociedade. Fundamentada, esta, nas atividades da mineração, e baseada, em seus alicerces, em populações aventureiras, ávidas de ouro, com a paulatina substituição das atividades mineradoras pela pecuária extensiva e pela agricultura praticada em latifúndios, evoluiu para o predomínio de famílias que “no transcorrer do século XIX, assumiram as lideranças regionais, formando verdadeiros clãs político-econômicos, dentro da relativa riqueza goiana para os padrões locais” (78). Destarte, à associação poder econômico/poder político somou-se a elitização pelo acesso à educação, dentro de **clãs familiares**, os quais evoluíram para **oligarquias**. Estas dominaram a vida política de Goiás, em ciclos que se iniciaram com os **Bulhões Jardim**, seguindo-se os **Caiado** e os **Ludovico** — aos quais mesclaram-se os Fleury, os Alves de Castro, os Rodrigues Moraes, os Bastos, os Abreu e outros (79), aparentados todos e profundamente entrelaçados por casamentos endogâmicos.

Efetivamente, o isolamento da cidade de Goiás terá contribuído de forma decisiva, para a prática da endogamia. E contribuído de diversas formas, a saber:

- a. Pela tendência ao conservadorismo, diante da ameaça de um **retrocesso cultural**, que seria viável ante a agressividade do **habitat**. O corolário lógico desse fato foi a tendência ao **reforço** dos padrões europeus — inclusive da língua portuguesa — e sua guarda ciosa e consciente, pelo somatório de forças morais e econômicas que se buscava em matrimônios endogâmicos.
- b. Pelo recrudescimento do processo, quando aos citados fatores morais e econômicos somaram-se os de ordem cultural, educacional e política. A retenção do poder passou a nortear as alianças de família através do matrimônio (80).

Tais famílias — ou clãs familiares — vieram a se constituírem no estrato superior da sociedade vilaboense, uma **elite**

---

78. Idem, p. 36.

79. Idem, p. 37.

80. Idem, p. 42 e seguintes.

de foros aristocráticos — porque possuidora de terras — cujos segmentos se revezavam no poder, em lutas de cunho pessoal mas de pouco ou nenhum conteúdo ideológico.

O estrato seguinte era representado pelas classes médias — comerciantes e funcionários públicos do alto escalão governamental, inclusive militares destacados para servirem em Goiás. Seus integrantes poderiam alçar-se, pelo casamento, ao primeiro estrato. Com o empobrecimento geral que marcou a segunda metade do século XIX, os empregos públicos passaram à categoria de privilégio das famílias dominantes.

Seguem-se os artesãos, os pequenos funcionários e os empregados do comércio, pessoas que se dedicavam a trabalhos manuais, ou eram assalariados, sempre menosprezados. Teoricamente eram livres, porém sua faixa de mobilidade permanecia estreita, pois não desejavam misturar-se com os que lhes pareciam socialmente inferiores, e não conseguiam ser aceitos em plano mais elevado do que aquele que lhe era determinado pelas atividades a que se dedicavam.

A quarta camada compunha-se de mestiços, peões e camaradas, pessoas sem profissão definida ou desocupadas, que poderiam alçar-se ao estrato dos artesãos, quando muito. Frequentemente agregavam-se a um dos **clãs dominantes**, vindo a se constituírem em seus clientes e apaniguados (81).

A quinta e última categoria era a dos escravos, ou dos seus descendentes, após a Lei Áurea. Apesar de mais numerosos, permaneciam os menos expressivos, em termos de atuação política e **status** social. Estavam-lhes reservados os trabalhos do campo e outros não qualificados, no setor urbano.

Esta divisão em classes quase estanques expresava-se em termos de poder político e econômico, reservados ao 1º e 2º estratos; e, igualmente, em rígidos limites para a mobilidade social. Os integrantes da primeira camada influíam, dirigiam e decidiam sobre os destinos dos demais; mas a recíproca jamais foi verdadeira.

Igualmente, em relação à distribuição de moradias, a simples localização da residência de uma família indicava-lhe o **status** social. Nas igrejas, bancos eram reservados aos membros dos **clãs** poderosos, os quais, por vezes inimigos acérrimos, aceitavam contudo alianças matrimoniais como penhor de alianças políticas. O importante seria, pois, o acatamento ao

---

81. COSTA. Lena Ferreira. Feudalismo e Capangulismo. In **Cadernos de Estudos Brasileiros**, nº 1. Universidade Federal de Goiás, 1963, p. 93 e seg.

**nível social**, o que poderia sobrepor-se a eventuais antagonismos.

Do conservadorismo e da endogamia à xenofobia a distância não era grande. Esta se expressava, sobretudo, na difícil aprovação a casamentos com pessoas "estrangeiras", vindas "de fora", até porque estas eram, quase sempre, forasteiros que buscavam refugiar-se no isolamento da cidade. São inúmeros, na tradição oral de Goiás, os episódios onde a forte oposição familiar aos namoros das filhas levava a fugas romancescas.

Das alianças endogâmicas advieram consequências à fisionomia humana da cidade. Dentre estas, a caracterização de um tipo definido de mulher vilaboense: tez morena, feições regulares, cabelos negros, olhos rasgados, zigomas salientes. Também o elevado número de retardados ou deficientes mentais, ali encontrado, tem sido correlacionado com os casamentos consanguíneos, a par, talvez, de carências nutricionais. Constituem matéria controvertida, a merecer estudos aprofundados, sob os pontos de vista genético e antropológico.

Incontestável, porém, foi a manutenção da população vilaboense em números estacionários ou até mesmo decrescentes. Com efeito: no relatório apresentado ao Chefe do Governo Provisório da República, pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, em 1933, este assinalava: "Em 1890, a população da cidade de Goiás atingia 10.000 habitantes. Em 1932, segundo o recenseamento realizado, a sede deste município tinha apenas 8.256 habitantes" (82). Tal regressão estaria vinculada ao êxodo da população, dadas as oportunidades restritas de trabalho, bem como a condições sanitárias adversas.

A cidade de Goiás, portanto, caracterizou-se como **ínsula e península** da civilização íbero-européia no Centro-Oeste brasileiro. Ínsula pelo seu distanciamento dos centros urbanos expressivos do Sudeste brasileiro; e pelo ilhamento em que se encontrava, cercada de populações indígenas a pressionarem, ao menos numericamente, uma **regressão cultural**, para o que não faltavam as agressões do clima, da vegetação e do **habitat** que a circundava. Como **península** a velha cidade colonial guardou os vínculos culturais e administrativos com Portugal, mantendo-se fiel à sua destinação primeira, ou seja: converteu-se em baluarte avançado da língua portuguesa, da religião cristã e dos

---

82. TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **A Mudança da Capital de Goiás**. Goiânia, 1955, p. 19.

padrões morais e culturais do ocidente europeu. **A colisão das idades históricas**, de que nos fala Omegna, ali se verificou em proporções memoráveis, resultando na preservação da fisionomia da cidade, tal como a desejaram a coroa portuguesa e seus prepostos.

Para que tal afirmação fosse possível, a urbe atuou sobre as populações aventureiras que a povoaram de início, primeiramente como **fator de fixação**; em seguida, pela disseminação de um **espírito urbano**, de convivência e de bons costumes; e, finalmente, pela criação de uma consciência de cidadania, traduzida na participação de, pelo menos uma parcela dos seus habitantes, na vida política e administrativa da cidade (83).

O resultado maior, todavia, síntese de todo o processo, poderá ser referido como a definição de uma cultura luso-brasileira (84), na região, pela fusão dos elementos portugueses predominantes, com a herança indígena e africana. A cidade de Goiás converteu-se, para o Estado de Goiás, em símbolo de um passado glorioso, orgulhosa da sua atuação como polo de irradiação cultural e centro de vida política e administrativa, até a mudança da Capital para Goiânia. Nas suas proporções modestas, no seu despojamento que se preserva autêntico, na sua condição de "cidade feita à mão" tem merecido odes e loas, dentre as quais refere Goiás do Couto:

"A primeira impressão que recebe o forasteiro, ao atravessar as ruas goianas, é de respeitosa solenidade. Em Goiás, deve-se entrar de cabeça descoberta." (85)

### 2.3. Os grandes centros urbanos

A mudança da Capital do Estado de Goiás para Goiânia representou marco expressivo para a História regional. Sonho longamente acalentado e cuja realização foi sempre adiada, tinha a motivá-lo razões de ordem urbanística e sanitária, bem como a busca de "condições higiênicas, condições comerciais, condições administrativas", na opinião de Couto de Magalhães (86). Foram, porém, causas próximas de natureza política, as que compeliram o interventor Pedro Ludovico a concretizar a transferência da Capital.

83 Nelson Omegna. Op. cit., p. 83 a 102.

84. Ibidem.

85. Goiás do Couto, citando Dom José Casais. Op. cit., p. 36.

86. Pedro Ludovico Telxela, referindo-se a Couto de Magalhães. Op. cit., p. 13.

A Revolução de 1930 encontrara eco em Goiás, ocasionando a deposição da oligarquia caiadista que dominara o cenário político estadual nas décadas anteriores. Alçado à condição de interventor, Pedro Ludovico, que fora um dos chefes revolucionários no Sudoeste goiano, governou o Estado, inicialmente, da Cidade de Goiás. Embora não o tenha dito expressamente, em depoimentos que prestou à imprensa, em diferentes ocasiões, reconheceu, porém, as dificuldades políticas que se lhe deparavam na velha Capital, onde o prestígio dos Caiado e da oposição criavam-lhe embaraços quase insuperáveis.

Não é difícil deduzir a natureza de tais embaraços. Embora condenados ao ostracismo político e impedidos de exercer sequer profissões liberais, os derrotados chefes caiadistas detinham expressiva liderança política na Capital (87). Haviam eles empalmado o poder durante mais de 20 anos, do que resultaram relações de dependência e de gratidão que a Revolução não abalara.

A construção da nova Capital ensejaria, pois, mais liberdade de ação aos novos dirigentes do Estado, sobretudo diante do fato de que a personalidade autoritária de Pedro Ludovico exigia ação dinâmica e tendia a restringir a atuação dos seus adversários. Além disso, as mensagens renovadoras do tenentismo — guerra aos **carcomidos**, voto secreto, legislação social, moralidade administrativa — chocavam-se com o tradicionalismo da cidade de Goiás e de suas elites conservadoras.

Assim, a idéia da transferência da Capital, uma vez concretizada, estaria associada à sobrevivência política do grupo revolucionário, ensejando a afirmação de uma nova mentalidade que, esperava-se, conduziria o Estado a um surto irrefreável de progresso, impulsionado pela nova cidade que se construa.

Goiânia tornou-se realidade, pois, concebida como “um centro de atividade criadora”. (88) Efetivada a resolução da mudança da Capital em meio a crise política sem precedentes, instalou finalmente Pedro Ludovico o Governo Estadual no novo Palácio das Esmeraldas que substituíra o vetusto casarão do Conde dos Arcos.

A transferência da Capital fora precedida por estudos

---

87. COSTA, Lena Castello Branco Ferrelira. **A Transferência da Capital do Estado de Goiás**, in Anais do VI Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, vol. III, São Paulo, 1973, p. 830.

88. SABINO Jr., Oscar. **Goiânia Documentada**. EDIGRAF, São Paulo, 1960, p. 27.

que definiram a sua implantação em local de configuração fisiográfica diversa da cidade de Goiás. A região escolhida para a edificação de Goiânia apresenta-se plana, com suaves ondulações. A cidade assenta-se sobre solo silico-argiloso e agricultável. As matas abundavam na região que marcava, na época, a franja do chamado "mto-grosso" goiano. O clima é tropical. Diversos rios e córregos fornecem água e não secam durante os meses de estiagem (89). O contraste é evidente, em relação à cidade de Goiás, situada em região acidentada, no fundo de um vale, onde as pedras marcam a paisagem, enquanto que o solo não se caracteriza pela fertilidade natural.

O projeto para a construção de Goiânia foi elaborado pelo urbanista Atilio Correa Lima, representante da firma P. Antunes Ribeiro & Cia, do Rio de Janeiro. Contra o pagamento de cinquenta e cinco contos de reis, deveria ele apresentar o projeto da futura capital do Estado, de acordo com as detalhadas especificações constantes do Decreto Estadual nº 3.547 de 6.7.1933. Dentre estas, destacam-se:

- a. Organização do esboço geral do traçado da cidade, partindo de um núcleo central, e apresentação do "plano diretor", incluindo logradouros públicos; circulação; zoneamento; esquemas de água, esgoto, luz e força; sistema de parques e jardins; arborização de ruas; praças de esportes; plano detalhado do centro cívico e principais edifícios; indicações sobre coleta de lixo; obrigações relativas aos edifícios a serem construídos nas quadras centrais.
- b. Apresentação de relatório justificando as soluções dadas, inclusive legislação relativa ao plano diretor; regulamento sobre abertura de ruas e loteamento de terrenos; regulamento de construções; projeto de organização administrativa.
- c. Previsão de uma população de 50.000 habitantes.
- d. Prazo para conclusão do projeto: 6 meses. No primeiro mês seria entregue "o projeto do palácio do governo, prefeitura, hotel com 60 quartos e centro cívico..." (90)

Como se depreende da leitura de tais dispositivos, era propósito do governo goiano construir obra arrojada para as perspectivas regionais e nacionais: uma capital de 50.000 ha-

---

89. Idem, p. 30.

90. Oscar Sabino. Op. cit., p. 81 e 82.

bitantes, quando a bissecular cidade de Goiás não ultrapassava a casa dos 10.000. Arrojo e inovações, igualmente, encontravam-se na própria concepção urbanística da cidade, com um "centro cívico" — nomenclatura pouco usual, à época; "sistemas de parques, jardins, ruas-jardins, terrenos para esportes e recreio, bem como indicação sobre a arborização das ruas" (91). Uma filosofia de vida aí se espelha, a ser desfrutada em uma cidade de amplos e verdes espaços, em contraste com as ruas exíguas e o casario monocórdio da velha Capital, e com a pobreza urbanística das demais cidades do Centro-Oeste.

A arquitetura urbana no Brasil experimentou, no período que medeia os anos 1920/1940, profundas transformações determinadas pelo processo de industrialização que se desencadeava no País. As técnicas de construção aprimoravam-se; os materiais empregados, inicialmente importados, passaram a ser fabricados no Brasil; surgiram os primeiros **bairros-jardins** para as classes abastadas, nas grandes cidades (92), como São Paulo e Rio de Janeiro.

Paralelamente, as repercussões do **Modernismo** refletiam-se na arquitetura como nas demais artes. Linhas retas, platibanda ocultando o telhado, revestimento com mica, ornatos retilíneos e emprego do concreto passam a ser características do chamado "estilo moderno" (93).

A mecanização incipiente, expressando-se através dos novos meios de transporte, afetou igualmente as concepções urbanísticas, que passaram a consagrar as avenidas largas e retas assim como as praças de forma circular, em uma primeira tentativa de moderação dos **excessos de velocidade** que, já então, atemorizavam as populações.

O projeto elaborado por Atílio Correia Lima procurou atender às imposições do mencionado Decreto nº 3547/33, do Estado de Goiás. Foram previstas soluções para o tráfego de veículos; a cidade foi equacionada em "zonas demarcadas", ou seja: industrial, residencial e rural, além do "centro administrativo" e do "centro comercial". As ruas "serão arborizadas, e as principais avenidas, ajardinadas." As praças obedecerão ao "sistema de circulação giratória, o mais adequado para evitar colisão de veículos". Foram previstos jardins, parques e "park-way", este ao longo do córrego Botafogo, compreendendo

---

91. Ibidem.

92. REIS Fo. Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1970, p. 64.

93. Nestor Goulart. Op. cit., p. 68.

do uma "faixa mínima de 50 metros de cada lado, a contar do leito", estendendo-se até à mata que deverá "ser protegida contra a devastação..." (94) Os problemas do abastecimento de água, esgoto e coleta de lixo, convenientemente abordados, incluíam a previsão de "aproveitamento" dos últimos (95). O **projeto de organização administrativa** apresentado objetivava "um sistema simples, formando uma engrenagem que por si só se moverá, evitando o **mandonismo**, doença peculiar a nós brasileiros" (96). O projeto, assim delineado entre concepções técnicas e aspirações utópicas, teve por inspiração "o princípio clássico adotado em Versailles, Carlsruhe e Washington" (97). O tempo gasto entre a expedição do Decreto 3.547/33 e o encaminhamento do projeto completo foi de exatamente 6 (seis) meses, conforme determinado.

Nascida, pois, das concepções de um urbanista, Goiânia teria a vantagem de ser um imenso espaço a preencher, podendo buscar soluções novas para problemas novos. Enquanto que em cidades já construídas, pelas mesmas ruas onde desfilarão ginetes, carruagens e tálburis agora trafegam automóveis e ônibus, na nova Capital goiana as vias públicas estavam a ser traçadas no papel, nada limitando as suas características e direcionamento, até porque a topografia plana do local escolhido permitiria, praticamente, todos os arrojados.

Observa-se, porém que, em termos absolutos de urbanismo, o projeto Correia Lima é tímido, pretendendo ser "clássico", dadas as suas fontes de inspiração alienígenas. Em comparação com a cidade de Goiás, será porém, profundamente revolucionário. Injunções de ordem econômica, talvez, como a própria penúria dos cofres do Estado, terão atuado como determinantes da modéstia e do tradicionalismo do traçado apresentado, onde os lotes de terreno são pequenos e as ruas geralmente estreitas.

Foi sob o ponto de vista de soluções arquitetônicas — mais do que sob o ângulo urbanístico — que os construtores de Goiânia buscaram inovar. Neste sentido, todavia, nem sempre se mostraram bem orientados. A rejeição total da arquitetura colonial da velha Capital deu lugar a construções **modernas**, de gosto duvidoso. Em que pese o seu nome simbólico, o Palácio das Esmeraldas apresenta, tão somente, dois detalhes de

94. Oscar Sabino. Op. cit., p. 99 a 106.

95. Idem, p. 107 e 108.

96. Idem, p. 109.

97. Idem, p. 100.

inegável beleza: os jardins internos, versão tropical de Schönbrunn; e os vitrais que ornamentam a fachada dianteira, representando cenas e mitos vinculados à História de Goiás. O Grande Hotel (que não chegou a ter os 60 quartos previstos) é arquitetonicamente inexpressivo, assim como os edifícios públicos que circundam a Praça Cívica.

As casas residenciais, erguidas nos primeiros anos de Goiânia, tentaram inovar, em relação às construções da cidade de Goiás. Ao invés da **taipa de pilão** (ou **barro socado**) empregaram-se o tijolo e o vidro. Os **estilos** misturaram-se, ecleticamente. Todas as habitações, porém, deveriam ser recuadas e isoladas, o que representava um progresso em relação às casas geminadas da velha Capital. Algumas inovações de caráter puramente formal foram introduzidas, acompanhando de modo quase caricato as correntes arquitetônicas em voga nos centros maiores. Interiormente, tais casas conservavam a disposição tradicional de se voltarem para a rua, no que tinham de melhor; e de preservarem a intimidade e a parte de serviço — resquícios das senzalas — de olhares estranhos (98).

Como melhoria generalizada, consagraram-se os padrões de higiene exigidos pelas posturas municipais, a partir do projeto Correia Lima. Banheiros e cozinhas experimentaram gradativos melhoramentos; as **fossas** foram condenadas e tornadas obsoletas com a rede de esgotos; todos os aposentos deveriam receber insolação direta.

Goiânia, desde o seu alvorecer, foi uma cidade eminentemente administrativa e, neste ponto, aproxima-se de Vila Boa, sede do governo a partir dos seus primeiros anos. À velha cidade de Goiás caberia a transmissão e preservação da herança portuguesa, cuidando da sua integridade no meio hostil e propenso à regressão cultural. Goiás tornou-se, destarte, centro de tradicionalismo enraizado. Goiânia recebeu a missão de romper com o conformismo e iniciar novos tempos, sendo desejada e esperada como centro de irradiação de progresso econômico, social e político.

Até que ponto terá Goiânia atendido a tais anseios? Inicialmente, há a considerar-se que a cidade marcou a transição de um período histórico de acomodação e isolamento — resultantes do empobrecimento da Província de Goiás — para uma nova era de integração do Estado na vida nacional.

Esta integração processou-se, sobretudo, pela construção de estradas de rodagem e pela chegada dos trilhos ferro-

98. Nestor Goulart. Op. cit., p. 68.

viários a Goiânia, o que só veio a ocorrer em 1950. A nova Capital transformou-se em importante polo rodoviário, de onde partem estradas que demandam todo o Estado e o País. A margem dessas rodovias, novos núcleos nasceram e se desenvolveram, intensificando o **processo de urbanização** do Estado.

Esta **urbanização**, porém, não se apresenta vantajosa em muitos dos seus aspectos. Se é verdade que Goiânia ensejou melhores condições de vida a muito dos imigrantes que ajudaram a construí-la, é igualmente incontestável que, nos últimos anos — a partir, sobretudo, da década de 1950/1960 — vem crescendo assustadoramente a sua população marginal, em um fenômeno que se associa ao êxodo rural (pela crescente mecanização da lavoura) e ao recebimento de correntes migratórias do Nordeste, atraídas pela miragem de Brasília, e que de lá refluem para Goiânia.

No que diz respeito à economia, os efeitos de Goiânia poderão ser tidos como benéficos, sobretudo pela nova mentalidade empresarial que inaugurou e que era totalmente desconhecida na velha Capital. Embora incipiente, a industrialização vem ganhando terreno, desde que a energia elétrica tornou-se disponível, com a implantação do sistema da Cachoeira Dourada.

Predominam em Goiânia, porém, as atividades do setor econômico terciário (99), o que seria de esperar-se em uma capital administrativa e política. No Estado de Goiás, mantêm-se expressivas as atividades do setor primário, beneficiadas por idéias renovadoras e técnicas avançadas que, paulatinamente, ganham terreno.

No setor cultural, Goiânia, sem sombra de dúvida, dinamizou a região Sul do Estado de Goiás, indo além das mais ousadas aspirações dos seus construtores. A atuação de duas universidades e de dezenas de escolas de 2º Grau tem a força de um impacto, em uma região de modesta tradição educacional, até pelas injunções do seu isolamento em relação aos centros culturais do Sudeste do País. A imprensa goiana (escrita e falada), as atividades artísticas nos setores de artes plásticas, música e literatura apresentam-se contantes e dotadas de dinamismo, que pressupõem um público preparado para recebê-las e compreendê-las. O movimento editorial é intenso. A **faixa cultural** da população, ou seja, aquelas pessoas educadas que

---

99. Os Problemas do Excessivo Crescimento Urbano, in O Popular, 24.03.77, p. 15, Goiânia.

apreciam as artes e as letras, cresceu, sem dúvida, em relação à velha Capital, alargando-se o círculo dos iniciados.

Sob o ângulo da fidelidade de Goiânia ao seu traçado original, há que registrar-se o fato de que, no plano piloto, as concepções originais foram razoavelmente respeitadas. A Praça Cívica, ajardinada em estilo neo-clássico, não foi alterada e mantém-se arredia ao centro comercial. O sossego que lhe fora predestinado, porém, desapareceu com o fluxo dos veículos que por ela transitam, em busca dos setores residenciais.

Ainda na área central, observa-se que apenas a Avenida Goiás foi ajardinada, como idealizara o urbanista Correia Lima. As demais grandes artérias não receberam o preconizado **tratamento ecológico**, e mesmo os **flamboyants** que as caracterizaram, em outros tempos, perderam a antiga beleza, talvez asfixiados pelos espigões que a especulação imobiliária fez construir. A arborização da cidade é pobre; mesmo as praças dispõem de pouco verde — e, como consequência da compactação e verticalidade das construções, Goiânia tornou-se uma capital encalorada, no local onde antes corriam os ventos do planalto.

O sonhado “free-way”, que margearia o Botafogo, foi substituído por casebres, e estes por casas, de um e de outro lado do leito do córrego. Os bosques naturais estão precariamente conservados — e a cidade, que se previa rica em áreas verdes, acessíveis a todas as camadas da população, transformou-se em sede de sofisticados clubes, aos quais, evidentemente, somente têm acesso os respectivos sócios. Não há negar que, sob tal aspecto, frustraram-se as idéias de Correia Lima, a despeito dos muitos outros **estudos e remanejamentos** feitos para a expansão de Goiânia. A esperança de que a jovem Capital de Goiás se transformasse em uma precoce **cidade de lazer** não se concretizou, com a negação da própria filosofia do projeto original em um dos seus itens mais relevantes.

Sob o ângulo da arquitetura predominante na cidade, assinalamos as primeiras incursões pelo **estilo moderno**, como o oficial à época da construção da cidade. Curiosamente, tal estilo não encontrou ressonância nas construções de particulares. Para os primeiros funcionários a se transferirem, foram erguidos **sobrados** — casas de dois pavimentos, com pretensões a **chalets**, disseminadas pelas ruas 6, 7, 18, 20 e 24. De construção modesta, tinham em comum disporem de dois pavimentos, o que, na velha Capital como em todas as cidades coloniais, conferia **status**. Ainda podem ser vistos, inclusive em estilo nor-

mando, provençal, etc. A registrar, porém, a única casa residencial construída em **estilo moderno**, na confluência das ruas 8, 9 e Avenida Tocantins, também um **sobrado**, mas isolado entre jardins, com quadras de tênis e outras inovações revolucionárias para a época. (100).

A partir de 1945, predominam as casas de pretensão **estilo colonial**, de influência mexicana: térreas, ostentam telhados com arremates floreados, terraços em arco e pisos de cerâmica. Foram construídos sobretudo nas avenidas e ruas do centro, quando ainda eram numerosos os terrenos baldios.

Na década de 1950/1960, surgem tentativas de **modernizar** a fisionomia arquitetônica da cidade. A estação ferroviária, bem como a rodoviária, foram erguidas em linhas retas mas pobres de estilo. Naquela, empregou-se pela primeira vez o revestimento de **pedras de Pirenópolis**, que haveria de disseminar-se rapidamente; e, no "hall", utilizam-se como decoração, grandes **afrescos** de traçado expressionista-modernista (101).

As residências construídas sob tal voga localizam-se no centro, mas também nos novos setores residenciais — Sul e Oeste — e empregam, com abundância, materiais vasados, varandas suspensas sobre pequenos lagos, amplas janelas de vidro e lajes de concreto. Nem sempre primam pelo bom gosto, utilizando cores fortes e materiais inovadores sem o necessário equilíbrio. A linha **moderna** ainda continua em voga, bastante aprimorada, uma vez que as técnicas de construção e a mão de obra local aperfeiçoaram-se.

A partir de 1960 e, com mais intensidade, nos anos 70, as residências goianienses têm mostrado franca predileção por um estilo híbrido, entre o colonial americano e o brasileiro. As áreas construídas têm crescido, e não são raras as casas que ocupam dois ou três lotes de terreno. Os pátios internos tornaram-se frequentes, com valorização de áreas verdes. O vidro e o concreto cedem lugar à cerâmica e à madeira. O tijolo im-

100. Trata-se da residência do engenheiro balano Carlos de Freitas, um dos mais ardorosos auxiliares de Pedro Ludovico.

101. Os painéis (**afrescos**) existentes na Estação Ferroviária são de autoria de Nazareno Confaloní (Fr.) pintor florentino radicado em Goiânia e um dos fundadores da Escola de Belas Artes. A iniciativa da encomenda dos painéis e da utilização de **pedras de Pirenópolis** (ricas em mica e de grande beleza) como revestimento, deveu-se ao chefe da Comissão de Construção — 7 do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, engenheiro Cyridião Ferreira da Silva, sob cuja administração chegaram os trilhos ferroviários a Goiânia (em 1950) e ao balro de Campinas (em 1957).

põe-se, em fase de esplendor: sob argamassa ou de forma aparente, nas paredes; e nos pisos, como lajotões. As **tábuas corridas**, características dos casarões coloniais, ressurgem em madeiras nobres: jatobá, cedro, páu-brasil, jacarandá, mogno, etc. Os jardins florescem em espécimes regionais: ipês, quaresmeiras, orquídeas, dama-da-noite e outras, que trazem para a cidade a nostalgia do campo.

São indícios, estes, de que a urbe atinge a sua maturidade, passando a expressar uma civilização, da qual pode ser tomada como símbolo. À medida que no Centro-Oeste molda-se uma cultura autenticamente brasileira, porque forjada predominantemente por naturais do País, uma cidade deverá representar esta realidade. E, ao que tudo indica, com as suas características paradoxais de modéstia e de arrojo, de submissão ao planejamento mas também de rebeldia — esta cidade será Goiânia, a jovem capital do Estado de Goiás.

## A N E X O I

Transcrição do **Registro** da carta enviada pelo Senado da Câmara de Goiás ao Pe. João Perestrello, em 26 de abril de 1749.

(Leitura paleográfica realizada por Lena Castello Branco Ferreira Costa, sobre os assentamentos originais, sob a guarda de Fr. Simão Dorvi, na cidade de Goiás.

O documento acha-se íntegro e, embora manchado, ainda é legível. Na transcrição foi respeltada a grafia, bem como a sequência das linhas manuscritas, em folha avulsa que traz o número 187 v.)

FLS 187 v.

Reg.<sup>to</sup> de hua Carta que este Senado com o D.<sup>or</sup> Corregedor da Com.<sup>ca</sup> inviou em nome deste Povo ao R.<sup>do</sup> D.<sup>or</sup> João Perestrello de Vas c.<sup>os</sup> Spinolla vigr. desta Matriz e vara, em 26 de Abril de 1749

Sendo publico o sentimento geral, e estímulo deste Povo, de que se devizavão Inícios de perturbação respectiva a Vossamerce não cumprlr as obrigaçoens Parrochiaes; e exercitar os offcios de verdadeyro Pastor do mesmo Povo, e dar a Igreja, se o dizvelo da obrigaçoens devidas, acrescendo a pouca madureza de anlmo com que Vossamerce trata os seus Irmãos eclesiasticos, e amultos populares; que se não respeltacem a Sy e a reverencia devida ao Estado Ecleziástico, se terão precipitado: Tomou esta Camera, como cabeça / pela diztancia dos Recurços / o expediente, com a prezença do Doutor ouvidor

Geral, de convocar a junta no dia de hontem vinte e cinco; na qual, propostos os motivos, se hemtito a ultima Rezollução, obrandoce sómente o meyo, que hé, deem nome do mesmo Povo, se fazer a Vossamerce, a prezente expressão, para que Vossa merce se lembre da obrigação em que se acha, e de conta della, e exercite como bom Parrocho na Igreja e Povo, os officios e obrigaçoens, uze do dos requizitos, que Santo Thomaz declara, devem ter os Parrochos, e conffeçores, que vem a ser, vertude e prudencia e Letras: Assim o espera este Povo, para arbitrio e Comoção do qual, fazemos a Vossamerce prezente as Razoens que o movem, fundadas no Serviço de Deos, e de Sua Magestade, a quem ramos conta, e ao Ex.<sup>mo</sup> Bispo; E advertimos a Vossamerce que não se servindo de aceltar esta ponderação, ou rompendo em exceços particullares, ou Geraes, que Induzão em este Povo novas perturbaçoens, ficarão justificada para Deus, e para Sua Magestade, e dito Ex.<sup>mo</sup> Bispo, qualquer acção que o mesmo Povo obrar; E a Respelto desta Carta, suposto deva ser o seu effeito, o espera o mesmo Senado, e Povo, para a Rezo- lução condigna; como tambem, que Vossamerce levante huns procedimentos, que se diz ter felto, por serem melhor sem jurisdicção, e sem Justiflcação de cauza. Deos guarde a Vossamerce multos annos. Villa Boa em Camera vinte e seis de Abril, de mil setecentos quarenta e nove // Senhor Reverendo Doutor vigarilo desta Matriz e vara, João Perestrello de Vasconcellos Spinolla // Manoel Antunes da Fonseca // Manoel Cardozo Pinto // Belchior da Sylva // Manoel Ferreyra Gomes // João Alves Vleyra // E não se continha mais em a dita Carta; a qual eu Escrivão, bem e fielmente aquy coplei e Registrey da propria, o que me he posto. Em observancia do mandato deste Sennado, com o Doutor Ouvldor Geral, e corregedor de tal Comarca, constando no termo de vereança, felto em o prezente dia lansado no L 3º fls 98; em feé do que me assigno nesta Villa Boa de Goyáz em vinte e seis de Abril de mil setecentos quarenta e nove annos, e eu Manoel dos Sanctos Caturro Es crivão da Camera, o escrevi e coplei, Regisrey e assgney.

M.<sup>el</sup> Joze Sanctos Caturro

## ANEXO II

Transcrição do **Registro** da carta enviada pelo Pe. João Perestrello ao Senado da Camara de Golás, em resposta à que lhe fora remetida em 26 de abril de 1749.

(Leitura paleográfica realizada por Lena Castello Branco Ferreira Costa, sobre os assentamentos originais, sob a guarda de Fr. Simão Dorvi, na cidade de Goiás.

O documento está incompleto, e parcialmente dilacerado, grafado em folha avulsa, sem numeração, a qual não tem seguimento. Ao que tudo indica, continuaria em outra folha do que parece ter sido o Livro de Registros do Senado da Câmara de Goiás. Foi respeitada a grafia, bem como a sequência das linhas manuscritas).

Registro de huma carta do R.<sup>o</sup> D.<sup>or</sup>  
Vigarlo da Vara e Matriz desta Villa  
em resposta da carta supra deste Senado de 28 de Abril de 1749.

No dia vinte e tres do corrente me fez a Irmã da do Senhor dos Passos / de que hé Provedor o Senhor Doutor ouvidor Geral / huma petição pedindome Licença, para expor o Santissimo Sacramento, na festa da invenção da Santa Cruz; e pedindo-lhe que declraracem em que altar o querião expor me tornou hum irmão com a mesma petição dizendo, que o querião expor ao ladohum Senhor Crucificado, e por me parecer mais descente disse ao mesmo Irmão, que lhe concederia a Provizão para exporem na Tribuna do Altamor, despacho que com effeito dey, e epuz na petição com a d. . . . vinte e cinco do corrente que o dito Senhor. d. . . . Doutor Provedor e mais Irmãos, que se achavam no seu concistorio, ou Igreja, sahirão Della, e emdireltando para a Caza da Camera, ao mesmo tempo, ouvi tocar o sino a convocalla, e andar quatro officiaes de justiça, notificando o Povo para hirem a ella, de cujo acto rezultou a carta de vinte e sels do corrente, que vossasmercês me escrevem.

Para a fazerem, tomão vossasmercês por fundamento, que divizavam indícios de preturbação neste Povo, e sendo vossas mercês, quem representam a Cabeça deste corpo mistico; esperava eu que vosasmercês, nocaso de haver perturbação clara no mesmo Povo, a apaziguacem e não attendecem a supostas, cujos indícios vossasmercês explicão pela dimnultiva de divizar. Aadvertem-me vossas mercês me emende dos deffeitos de que na mesma me arguem, insinauandome a doutrina

de Santo Thomaz, para me servir de modelloas minhas  
acçoens, e governo desta Igreja; e que não aceitando  
eu de sua ponderação, ou rompendo com exceços par-  
ticullares, ou Geraes, que reduzão o Povo a novas pertur-  
baçoens, ficará para Deos, para Sua Magestade e para  
Sua Ex.cia Reverendissima, qualquer acção, que o mesmo  
Povo obrar, e executar, e com a mesma comunicação  
me intimam vossasmerces, que eu levante huns pro-  
cedimentos, que se diz ter felto, por serem nullos  
sem Jurisdicção. Ao que respondo a vossasmerces  
que como pecador que sou me considero  
perante Deos, não só com defeltos, mas com pecados  
a que a humana miseria está sujeita; porem  
não me parece, que comecey, desse causa, a pertur-  
bação alguma do Povo, antes nelle sempre experi-  
mentey agrado; por cujo motivo se me faz mais cen-  
cível agrado; por cujo motivo se me faz mais cen-  
cível aquelle movimento, e espero em Deos  
mo aceite em castlgo dos mesmos. Como Perocho  
porem, digo ao mesmo Passo, que sey que outros hombros  
mais robustos que os meus, gemem com este tremendo  
cargo, que não sera muito eu vacille; porem a vossas  
merces, não tomarem por fundamento para para....  
são do seu ameaço, o quererem glozar os meus despachos  
ou satisfazerem a alguma vontade particular/ que

.....  
(Aqui termina o documento, não tendo sido  
encontrada a folha que lhe darla continuação).



## VIAGEM ATRAVÉS DE GOIÁS E MATO GROSSO EM 1972

### O Diário de Viagem do Governador Luís de Albuquerque e a Toponímia e a Ecologia da Região

Carlos Francisco Moura

Gilberto Freyre publicou há cerca de seis anos, em Lisboa, uma obra notável como tudo que sai da pena do ilustre mestre — **CONTRIBUIÇÃO PARA UMA SOCIOLOGIA DA BIOGRAFIA — O exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII** (1)

Nela reúne e comenta documentos guardados em Portugal, no arquivo da Casa da Ínsua, solar da família do célebre governador de Mato Grosso.

Entre os documentos publicados figura um que tem grande interesse, não só para Mato Grosso como para Goiás — o diário da viagem que fez do Rio de Janeiro para Vila Bela — **“Viagem de 569 legoas portuguesas que fez no anno de 1772 Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, governador e capitão general da capitania de Mato Grosso (sic) e Cuyabá, transportando-se desde o Rio de Janeiro a Villa Bela da Santíssima Trindade, capital do Governo referido”** (2).

Além do **Diário**, Gilberto Freyre publicou também a **Tábua** diária de observações sobre a viagem, e que contém — número de dias de viagem, e mês da observação, nome dos lugares em que pernitoiu, latitude austral, longitude da ilha do Ferro, dias de demora, horas a que se partiu do rancho, léguas que se fizeram de caminho, horas a que se chegou ao rancho, qualidade do tempo neste dia, número e qualidade dos rios que se passaram (de canoa, medianos e pequenos) e, finalmente, a capitania do lugar.

Essa **Tábua** complementa o **Diário** e facilita a identificação e localização de muitos lugares, pois além de mencionar a latitude e a longitude dos pousos, dá às vezes o topônimo omitido no **Diário** (3).

Além do **Diário** e da **Tábua de Lugares**, existe no arquivo da Casa da Ínsua um mapa com o roteiro da viagem, mandado

fazer pelo Governador Luiz de Albuquerque. Esse mapa, entretanto, não foi publicado na obra de Gilberto Freyre (4).

Lendo o **Diário**, concluímos logo o interesse que tinha para o estudo da toponímia histórica da estrada através de Goiás e Mato Grosso. A princípio pensávamos em publicar apenas uma relação dos nomes de lugares citados. Entretanto o **Diário** apresenta trechos de tão viva descrição e caracteriza tão bem as paisagens, que não nos pudemos furtar a transcrever, "ipsis litteris", os trechos mais significativos. Eles documentam a paisagem natural e praticamente virgem de grandes extensões atravessadas nos dois estados, e seu interesse para os estudos de ecologia é evidente.

Além das informações sobre a toponímia e o revestimento florestal primitivo, muitos outros dados de grande interesse são fornecidos pelo **Diário**. Os caminhos e suas dificuldades meios de atravessar os cursos de água, riquezas minerais da região, núcleos de povoamento, etc.

Publicamos também as partes da Tábua que correspondem a Goiás e Mato Grosso. Reduzimos, entretanto, seus dados aos de maior interesse para este trabalho — número de dias de viagem, nomes dos lugares em que se pernitoiu, latitude e longitude, léguas que se fizeram de caminho, número de rios que se passaram.

#### POVOAMENTO AO LONGO DO CAMINHO

	Vilas	Arraiais	Aldeias	Fazendas	Sítios	Ranchos	Engenhos	Núcleos Fiscaliz.	TOTAL
GO	1	7	—	—	12	11	1	2	34
MT	2	2	1	3	7	3	—	2	20
TOTAL	3	9	1	3	19	14	1	4	54

#### GOIÁS E MATO GROSSO EM 1772

Ao longo do caminho percorrido, era bem maior o povoamento em Goiás que em Mato Grosso. Em Goiás são mencio-

nados os nomes de sete arraiais — Água Quente, Anta, Meia Ponte, Ouro Fino, S. Luzia, Corgo do Jaraguá e Terreiro (Ferreiro).

O de Meia Ponte era “o maior e mais importante da capitania de Goyaz”, e além de possuir ouro, era “muy bem situado”.

O de Ouro Fino tinha “bastantes moradores”.

Com referência ao arraial de Santa Luzia diz que “hoje se acha sumamente atenuado; terá perto de 300 fogos e 200 habitantes”.

O **Diário** menciona também o nome de onze ranchos — Casa da Telha, Garapa, Sambambaya (sic), Tapera, Areias, de Joaquim Roriz, de Manoel Dias, de Serafim Camelo, Urubu (ou Uruhu), do Raymundo, e Rancho Novo.

E doze **Sítios** — da Contenda, de Antônio Ferreira Gomes, de Francisco Dias, de Santo Antônio, do Boriti, do Chaveiro, do Furriel-mor, dos Pojiões, dos Possões (Poçoões), do Funil, Sítio Novo e do Taquaral.

Menciona o nome de apenas um engenho — o do Narição, e o Quartel ou Destacamento do Rio dos Pilões. Na **tábua** aparece o nome de outro núcleo de fiscalização — o da Contagem de São Bartolomeu.

A única vila que aparece é a capital da província — Vila Boa, “povoação mediana, terá 400 vizinhos com pouca diferença”. Era residência do governador, tinha intendência e ouvidoria, e distava quase 300 léguas do Rio de Janeiro. Sobre o Rio Vermelho, possuía três pontes.

Com referência a riquezas minerais, o **Diário** informa que o arraial de Santa Luzia tinha “lavras d’ouro”, mas se achava “sumamente atenuado”, como já referimos. O arraial do Corgo do Jaraguá também possuía “lavras d’ouro”. Próximo ao Rio dos Pilões e à margem oriental do Rio Claro estava situado o aquartelamento onde costumavam residir nove pedestres comandados por um alferes, aos quais estava confiada “a guarda dos diamantes dos dous rios”. “Em outro tempo” o quartel destinado à guarda dos diamantes estava localizado no Sítio do Funil. “Nos dous rios de Pilões e Claro consta com certeza haverem(sic) alguns diamantes, mas em muy piquena quantidade”, acrescenta o **Diário**.

Com referência à ecologia, queremos destacar o trecho correspondente ao 53º dia de viagem, além do Corgo do Jaraguá e do Rio Pari. Todo o caminho se fazia entre “um con-

tinuado bosque de mato virgem, semelhante ao de Minas Gerais”.

Na altura do Rancho de Joaquim Roriz, depois de Vila Boa, diz o **Diário** — “Aqui principia verdadeiramente o grande sertão”. Não falta referência ao “famoso descobridor daquela capitania o paulista Bartholomeu Bueno, o Inhanguera (sic) como os índios lhe chamavam”, e à “famosa serra Dourada”.

Entre o Sítio do Taquaral e o Boriti do Guarda-mor estendia-se um “malíssimo caminho e dos peores que se acham em toda a viagem”.

O caminho ao longo de Mato Grosso era mais deserto.

O **Diário** menciona apenas dois arraiais — o dos Araés e o Médico.

Uma aldeia — a da Chapada ou Guimarães, a qual “está mui bem situada, terá até 50 famílias de índios de várias nações, Parroco e Director”.

Cita três fazendas — do Cunha, do Melo e do Santíssimo, e três ranchos — do Capão, do Corral e do Servo ou Cervo.

Sete sítios — das Fraliras, das Pitombas, de Félix Gonçalves, do Caveira, do Corralinho, do Padre Fernando, do Taquaral.

Na Tábua de lugares aparece como Sítio do Servo o que no **Diário** aparece como Rancho do Servo.

São mencionados registros e destacamentos no Rio Paraguai e no Jauru.

Ao longo da estrada Mato Grosso possuía, entretanto, duas vilas, enquanto que Goiás, apenas uma.

Cuiabá era “bastantemente populoza”. “Foi em outro tempo capital de todo o território mais ocidental do Brazil, cuja distinção compete hoje a Villa Bella”. Era, todavia, sede de uma comarca separada, e tinha juiz de fora. Situada num lugar “sumamente baixo”, gozava, por essa razão, de um ambiente “ardentíssimo”.

Vila Bela, localizada, “num sítio planíssimo”, mas rodeado de pantanais e alagadiços, era, por esse motivo, muito doentia. Era residência ordinária do Governador, tinha casa de fundição e ouvidoria.

Quanto a riquezas minerais, o **Diário** informa que “o sebre arrayal do Médico” em outro tempo “foi fertilíssimo em minas d’ouro”.

No 111º dia de viagem, já próximo a Vila Bela, Luís de Albuquerque passou por “huma especie de arraial povoado unicamente com pretos, que aqui cultivam várias minas d’ouro na

vezinhança do sítio, ainda que não são muy ferteis". Esse local é a Lavrinha, como se vê na **Tábua**.

Assinala ainda a Tábua as "Lavras do Cristal", e o **Diário** as "pretendidas minas de sal e salitre" que o governador nomeado foi visitar por ordem da Corte.

Com relação à ecologia, vê-se, através do **Diário**, que o caminho em Mato Grosso, além de mais deserto, era bem mais áspero.

Na Ribeira do Passa Vinte, "por que se passará outras tantas vezes", o caminho era "dos peores que podem encontrar-se". Principalmente ao descer da serra, e "dipois continua quazi sempre por hum fundo entre dous montes de roxedos". "Tudo são lages terriveis, principalmente no sitio em que a ribeira se precipita de grande altura formando uma cascata, vistoza e orrenda ao mesmo tempo". A seguir vinha "hum terrivel caminho de Taquaral". Tudo isto no 72º dia de viagem.

O Ribeirão do Inferno era "medonho porque fazendo huma grandissima cascata, repentinamente se some debaixo da terra dividido em 2 brassos por entre fragas e roxedos".

Depois da Chapada o caminho era um pouco áspero, "e meia legoa adiante d'aldeia se pode chamar asperissimo, por conta da subita dessida da montanha para um valle mui profundo, o que se pratica por meio d'huma rampa em ziguezague sumamente perpendicular".

No 99º dia a comitiva passou por um "perigoso sangradouro chamado do Mello". No dia 100º por um caminho "plai-no mas muito pantanozo e alagadisso", que no rigor das águas "será trabalhosissimo".

No 102º dia passou por "hum dos peores bocados de caminho de toda a viagem". Os passos da Serra da Cachoeira, Morro do Sabão e Serra do Paraguai "chegam mesmo a ser perigozissimos de vencer-se".

A passagem do Ribeirão d'Areya era "bastantemente impertinente e dificultosa". Pouco adiante havia um "boritizal ou brejo igualmente invadiavel".

A presença de boritis indica sempre a existência de terrenos úmidos, e vemos nesse passo do **Diário** de 1772 o termo **boritizal** empregado como sinônimo de **brejo**.

Toda a jornada do 86º dia foi feita "por entre morros e mato bravissimos".

Alternavam-se trechos em que não havia água com outros formados por brejos, tijucais, alagadiços, pântanos. Próximo a Vila Bela o caminho no verão era "infinitamente arido

e seco”, mas apenas chovia alguns dias transformava-se “em hum pantanal de muitas legoas”.

Em compensação à aspereza e à solidão, o trajeto mato-grossense apresentava bellssimas paisagens.

Próximo ao Arraial dos Araés Luís de Albuquerque não se contém — a paisagem formava “a mais graciosa e mais dilatada vista do Mundo”.

No 88º dia de viagem havia “excelente caminho por uma planície admirável”. No 104º, “hé todo este caminho d’huma planície extraordinária, mas muito alagadiço”.

Quatro dias depois atravessava “por meio de campos dilatados com algum bosque”.

Na Várzea Formosa, “huma perfeita planície” como o nome indica, havia abundância de pastos, e grande quantidade de gado cavalariço e vacum.

Mas ainda outra compensação apresentavam aos viajantes os caminhos mato-grossenses.

Logo à entrada da capitania, na Raizama Grande, registra o **Diário** — “em todo este paiz se encontra abundancia de frutas silvestres de que se aproveitam os passageiros”.

O Sítio do Taquaral era fértil, e tinha frutas silvestres.

E logo a seguir volta a ressaltar o fato, nomeando as frutas — próximo ao Araés o território “he abundante de todas as muitas frutas silvestres, como são os cajus rasteiros de várias castas, croa de clerigo, corações de gallo, mangabas, manapussás amarelos e pretos, etc”.

A seguir relacionamos, na ordem cronológica, os topônimos dos trajetos de Goiás e Mato Grosso citados no **Diário** de Luís, de Albuquerque, e transcrevemos os trechos mais interessantes (5).

## TABUA DE LUGARES — Caminho ao longo de Goiás

Número dos dias de viagem	Viagou-se		Nomes dos lugares em que se parou	Latitude Austral		Longitude da Ilha do Ferro		Dias de demora	Lugares que se fizeram de caminho	Numero e qualidade dos rios que se passaram		
	Dias	Mezes		Graos	Minutos	Graos	Minutos			De canoa	Medi- nos	Pouca- nos
44	12	Julho	Sítio Novo	16	42	332	54	—	4 1/2	—	—	3
45	13	Julho	Contagem de S. Barromeu	16	33	332	36	—	5	—	—	1
46	14	Julho	Arrayal de Santa Luzia	16	36	332	12	—	5	—	2	2
47	15	Julho	Ponte Alta	16	16	331	54	—	6	—	—	2
48	16	Julho	Furriel Mór	15	59	331	41	I	3 1/2	—	1	3
49	18	Julho	Segunda Ponte Alta	15	48	331	26	—	5 1/2	—	1	—
50	19	Julho	Meia Ponte	15	52	331	4	I	5	—	3	2
51	21	Julho	Sítio de Santo Antonio	15	53	330	49	—	3 1/2	—	—	1
52	22	Julho	Rio dos Patos	15	57	330	27	—	4	—	1	—
53	23	Julho	Engenho do Narigão	16	10	330	14	—	4 1/2	—	2	1
54	24	Julho	Ponte do Uruhú	16	21	329	56	—	3	—	1	—
55	25	Julho	Villa Boa	16	24	329	30	33	5 1/2	—	—	2
56	27	Agosto	Sítio de Antonio Ferreira Gomes	16	25	329	17	—	2	—	—	1
57	28	Agosto	Boriti	16	26	329	3	—	4 1/4	—	1	4
58	29	Agosto	Taquaral	16	33	328	48	—	6	—	2	5
59	30	Agosto	Mamoneyras	16	42	328	32	—	4 1/2	—	1	3
60	31	Agosto	Rio de Pillões	16	51	328	26	—	5	—	2	2
61	1	Setembro	Rio Claro	16	57	328	20	—	2 1/2	I	—	3
62	2	Setembro	Ribeirão do Guarda-mor	16	52	328	7	—	2	I	—	2
63	3	Setembro	Sítio dos Possoens	16	45	328	1	—	4	—	1	—
64	4	Setembro	Varginha	16	40	327	50	I	5	—	1	3
65	6	Setembro	Ribeirão d'Areia	16	33	327	39	—	5	—	2	3
66	7	Setembro	Boriti das Lagoas	16	31	327	30	—	6	—	2	5
67	8	Setembro	Rio Grande do Norte	16	30	327	20	I	3	—	1	—

## CAPITANIA DE GOIÁS

### 43º dia de viagem

ARREPENDIDOS, ribeira dos — “Todas estas 5 legoas são de excelente caminho e de bela planície; não se encontram algumas ribeiras, somente junto deste rancho passa a que chamão dos Arrependidos, que devida a capitania de Minas Geraes da de Goyaz. Aqui se acha estabelecido um rancho de pouca comodidade, mas o sitio não hé desagradável”.

### 44º dia de viagem

“Hé admiravel caminho em toda esta distancia, e este sitio é menos incomodo do que os antecedentes”.

### 45º dia de viagem

SÃO BARTHOLOMEU, rio de — “que hé bastante grande”, e “passa-se em canoa e os cavallos a nado”.

RANCHO NOVO — “A 3 legoas do rancho Novo se passa o ribeirão chamado da Sambambaya com seu rancho inda muito mau”.

SAMBAMBAYA, rancho da

SERAFIM CAMELO, rancho de — “Antes de se chegar ao rio se passa pelo rancho de Serafim Camelo”.

SITIO NOVO — “A 3 legoas e meia do sitio Novo, aonde chamam a Lagoinha Redonda se ajunta a estrada com a que segue para a Bahia”.

LAGOINHA REDONDA

CORUMBÁ, rio — “o rio de S. Bartholomeu vai fazer barra no Corumbá doze legoas abaixo”.

### 46º dia de viagem

RIBEIRÃO DA GARAPA — “com ponte de madrelra”

RANCHO DA GARAPA — “e rancho do mesmo nome”

RIBEIRÃO DE MANUEL DIAS — “com seu pontão”

RANCHO DE MANUEL DIAS — “também rancho”

RIBEIRÃO DA SAIA VELHA — “com sua ponte”

ARRAYAL DE S. LUZIA — “tem lavras d'ouro, mas hoje se acha sumamente atenuado; terá perto de 300 fogos e 200 habitantes”.

### 47º dia de viagem

“Este caminho hé passageiro, ainda que se passa em algumas passagens por cima de morros”

RIBEIRÃO DO PALMITAR — “com ponte de madeira”

RIBEIRÃO DOS MONJOLOS — “também com ponte, e rancho”

RANCHO DA TAPERA — “e se encontram três riachitos dipois também com pontes; o rancho oferece muy pouca comodidade òs passageiros”

### 48º dia de viagem

PONTE ALTA — “com sua ribeira e ponte de madeira, e mais tres regatos tambem com ponte”.

DESCOBERTO NOVO DE S. ANTONIO DE MONTES CLAROS — “A 3 legoas de distancia se passa pelo (...), onde corre huma ribeira bastante larga e tem sua ponte; junto daqui se acha hum rancho, e logo adiante outro mais piqueno”.

SITIO DO FURRIEL-MOR — “também da muito má acomodação aos passageiros”

### 49º dia de viagem

RIBEIRÃO DOS MACACOS — com ponte

RIBEIRÃO DAS AREIAS — “também com ponte”

RANCHO DAS AREIAS

RIBEIRÃO DA PONTE ALTA — “junto ao rancho, e logo que ele se passa aparta a estrada para a Bahia que vem de Meya Ponte”.

### 50º dia de viagem

SITIO DO CHAVEIRO —

RIO CORUMBÁ — “com sua ponte muito boa. As cabesseiras deste rio vem de 4 legoas de distancia dos montes chamados Pirineos, e dipois se vay meter no Uruguay”

RIBEIRÃO DO CHAVEYRO

ARRAIAL DA MEIA PONTE — “hé o maior e mais importante da capitania de Goyaz, tem lavras d’ouro e hé muy bem situado”.

### 51º dia de viagem

RIO DAS ALMAS — “Não hé mau caminho, passa-se o rio das Almas, nas vezinhanças do arrayal a vau, o que não tem lugar em tempo d’agoas”

RANCHO DO RAYMUNDO — “huma legoa antes deste sitio”

### 52º dia de viagem

RIO DE S. ANTONIO — “Passa-se primeiramente pelo rio de S. Antonio, logo pelo das Almas, que tem uma grande ponte, e no tempo das agoas sae muito fora da mãy, e inunda toda a vezinhança, infeciondo (sic) sumamente todo o ar circumvezinho. Este rio dipois d’engrossar muito com outros mais, vai meter-se junto do arraial d’Agoa Quente, no que aqui chamão Maranhão”.

ARRAIAL DO CORGO DO JARAGUÁ — “que tem lavras d’ouro”

RIO PAI — “com sua ponte”

### 53º dia de viagem

“Todo este caminho se faz por entre hum continuo grande bosque de mato virgem, semelhante ao de Minas Gerais”

RIBEIRÃO DE MANOEL DE SA

RIBEIRÃO DE MARIA LEITE

RIBEIRÃO DO SIGANO

RIBEIRÃO DA CAZA DE TELHA — “que está junto ao mesmo rancho”

RANCHO DA CAZA DE TELHA

SITIO DE FRANCISCO DIAS

SITIO DA CONTENDA — “junto do qual corre um rio do mesmo nome”

RIO DA CONTENDA

### 55º dia de viagem

“Este caminho é passagelramente bom”

ARRAIAL DE OURO FINO — “tem bastantes moradores”

ARRAIAL DO TERREIRO

ANCHO DO URUBÛ — “Junto do antecedente rancho do Urubû, se passa sobre huma boa ponte de madeira”

VILLA BOA — “A capital de Villa Boa está situada entre vários morros que a rodeam, principalmente da banda do Norte e Nordeste, hé huma povoação mediana, terá 400 vezinhos com pouca differença; pelo meio dela passa o piqueno rio chamado Vermelho; passa-se por tres diferentes pontes. Hé residencia do general de Goiaz; tem intendencia, fundição e ouvidoria, e dista quazi 300 legoas do Rio de Janeyro”

### 56º dia de viagem

RIBEIRÃO DO BAGAGE — “Bom caminho, passa-se pelo ribeirão do Bagage, por hum corgo sem ponte, nem nome”

RIBEIRÃO DO AGAPITO

RANCHO JOAQUIM ROIZ

“Aqui principia verdadeiramente o grande sertão; principia a avistar-se em frente a famoza serra Dourada, hum dos primeiros descobrimentos de minas d'ouro feitos pelo famozo descobridor daquella capitania o paulista Bartholomeu Bueno, o Inhanguera como os indios lhe chamavam, e continua esta grande serra a avistar-se por 3 dias da parte esquerda do caminho”.

### 57º dia de viagem

“Todo este caminho hé terrível, porque não só se faz a viagem por entre hum bosque sumamente denço e desagradável, mas sempre sobre huma picada tão estreita e tão pouco cultivada, que com difficuldade podem entrar por ella os passagelros”

RIBEIRO DE CAXAMBÚ

RIBEIRÃO FORTE

CASA BARREADA

SITIO DO BORITÍ — “este sitio he proporcionado para estabelecer fazenda, a qual pairesse que ja teve principio noutro tempo”

### 58º dia de viagem

“Continua este caminho a ser sumamente intranzitavel”

RIO DOS INDIOS — “sitio tambem proprio para fazenda, e que tambem ja em outro tempo se principiou”

SITIO TAGUARAL (sic)

### 59º dia de viagem

“ainda procegue hù malissimo caminho e dos peores que se acham em toda a viagem”

BORITI DO GUARDA-MOR — “aonde corre hù ribeirão e ha bom pasto”

BOCAINA — “com outro ribeirão, e igualmente sitio comodo para o pasto de cavallos”

### 60º dia de viagem

“Este caminho principia a ser mais praticavel”

MAMONEIRAS — “Huma legoa adiante das Mamoneiras se acha hum sitio de grande Boritzal que parece proprio para estabelecimento de fazenda”

RIO PILÕES — “terá 50 braças de largura com bastante fundo; passa-se em canoa, e os cavalos a nado”

RIO CLARO — “A legoa e meia de distancia deste sitio, muito perto da margem Oriental do rio Claro, está situado o quartel aonde costumam rezidir 9 pedestres debaixo das ordens d'hum alferes dos mesmos destinados a guarda dos diamantes nos dous rios”.

### 61º dia de viagem

RIO CLARO — terá 60 braças de largura e leva muito mais agoa que o pressedente de Pillões; passa-se em canoa”

SITIO FUNIL — “onde em outro tempo houve hum quartel destinado a mesma guarda dos diamantes, e daqui continua o rio com o mesmo nome de Claro, athe se meter no rio Grande”

“Nos dous rios de Pilões e Claro consta com certeza haverem alguns diamantes, mas em muy piqueta quantidade”.

### 62º dia de viagem

RIBEIRO DAS PUARIBAS — “onde corre hum ribeirão com bastante agoa, e se encontra bom arvoredado para repouzar”

SERRA DE SANTA MARTA — “ao lado esquerdo do caminho se avista a grande serra de Santa Marta”.

### 63º dia de viagem

GUARDAMOR

SERRA DOS TIGRES — “a 2 legoas do Guardamor da parte direita fica a serra chamada dos Tigres, que se avista por muito tempo”

RIBEIRÃO DO MOTUM — ‘com boa agoa e proporção para arranchar”

### 64º dia de viagem

RIBEIRÃO DO LAMBARI

RIBEIRÃO DO TAPANHUACANGA

RIBEIRÃO DA ENCRUZILHADA

“As agoas destes ribeirões são muito menos gostozas que a dos precedentes”

SITIO DOS POJIÕES

ARRAIAL D'ANTA

A ENCRUZILHADA — “a 4 legoas de distancia do sitio dos Pojiões encontramos o caminho que segue para o arralal d'Anta, chamado a Encruzilhada”

### 65º dia de viagem

SERRA DO RIO GRANDE — “Passa-se famosa serra do Rio Grande de caminho sumamente aspero”

RIBEIRÃO DAS MATRINCHANS

RIBEIRÃO DAS LAGES

RIBEIRÃO D'AREIA — “Achando-se neste sitio aonde corre o ribelrão chamado d'Arela toda a desposição e comodidade para hu estabelecimento de fazenda”

### 66º dia de viagem

“São 3 legoas de planicie em que se passa por junto de 3 legoas bastantemente grandes; todo o territorio he quazi alagadiço”

BORITI DA VOLTA — “mas antes de chegar ali se encontra hum bom ribeirão com paiz comodo para fazenda; assim como o hé também o do sitio antecedente, em que me arranchey”.

### 67º dia de viagem

“Este caminho he quazi sempre por entre mato, mas em alguma parte também tem campo”.

RIO GRANDE — “O lugar da passagem do Rio Grande hé sum-  
mamente agradável, e siguramente o mais alegre e  
caudalozo que passei em toda a minha jornada. Se-  
rá duas vezes tão largo como o S. Francisco, mas  
não tão fundo; cria grandes peixes, tartarugas, vem-  
se imensas toninhas, corre para o norte perfeita-  
mente”.

RIO CLARO, RIO VERMELHO

RIO DO CAIAPÓ — “O rio chamado do Caiapó que vem da nas-  
cente faz barra nelle hu dia de viagem assima da  
mesma passage; passei em duas canoas atadas, e  
os meus cavalos”.

RIO GRANDE — “Na margem oriental do dito Rio Grande está  
situada hua excelente fazenda com muito gado de  
toda a qualidade de escravos do senhor da mesma,  
e nela costumam socorrer-se as pessoas que via-  
jam do que se lhe faz precizo; na outra margem á  
está outra fazenda”.

“Este rio deve a capitania de Goyas da de Mato  
Grosso”.

## TABUA DE LUGARES — Caminho ao longo de Mato Grosso

Número das dias de viagem	Vulgo		Nomes dos lugares em que se parou	Latitude Austral		Longitude da ilha do Fecho		Dia de demora	Lugares que se fizeram de caninho	Número e qualidade dos dias que se passaram		
	Das	Mes		Graos	Minutos	Graos	Minutos			De canoa	Medi- nos	Pique- nos
68	10	Setembro	Lages	16	30	327	9	—	—	—	—	—
69	11	Setembro	Raizama Piquena	16	31	326	56	—	5	1	—	1
70	12	Setembro	Taquiaral Piqueno	16	32	326	42	—	3	—	—	1
71	13	Setembro	Lages da Serra	16	34	326	15	—	5	—	—	1
72	14	Setembro	Taquaral Grande	16	35	326	15	—	5 1/2	—	—	4
73	15	Setembro	Pilatos	16	37	325	54	—	5	—	—	3
74	16	Setembro	Queimadas Perdizes	16	36	325	40	—	4	—	—	—
75	17	Setembro	Corgo do Ribeiram d'Arcyá	16	37	325	47	—	5	1	1	1
76	18	Setembro	Cotovelô do rio das Mortes	16	31	325	14	—	6	—	1	2
77	19	Setembro	Ribeirão Fundo	16	33	324	57	—	7	—	1	5
78	20	Setembro	Sangradouro Grande	16	23	324	44	—	5	—	—	—
79	21	Setembro	Campo da Lagoa Grande	16	18	324	33	—	7	—	2	4
80	22	Setembro	Ponto Alta	16	15	324	24	—	4	—	2	—
81	23	Setembro	Ribeirão da Raizama	16	22	324	12	—	6	—	1	5
82	24	Setembro	As Tres Barras	16	9	324	1	—	6	—	3	4
83	25	Setembro	Junto das Vertentes	16	2	323	48	—	5	—	—	4
84	26	Setembro	Scurilhã	15	54	323	43	—	4 1/2	—	—	4
85	27	Setembro	Corgo d'entre as Pernaibas	15	19	323	50	—	7	—	2	6
86	28	Setembro	Campo dos Porrudos	15	15	323	24	—	3	—	1	3
87	29	Setembro	Jabotã	15	8	323	13	—	5	—	—	3
88	30	Setembro	Rio Manço	15	3	323	4	—	3	—	—	1
89	1	Outubro	Lagolnha	15	3	323	4	—	4	—	—	2
90	2	Outubro	Aldeia da Chapada ou Quimã	14	50	322	47	—	6	—	—	1
91	3	Outubro	Lavras do Cristal	14	8	322	33	—	5	—	—	1
92	4	Outubro	Cuyabã	14	40	322	18	—	5	—	—	2
93	12	Novembro	Traliras da Boavista	14	41	322	4	32	4 1/2	—	2	3
94	13	Novembro	Sítio do Felis Gonçalves	14	52	321	58	—	6	—	—	2
95	14	Novembro	Felis Gonçalves	14	59	321	57	—	8 1/2	—	—	1
96	15	Novembro	Fazenda do P.º Fernando	14	59	321	57	—	2 1/2	—	—	1
97	16	Novembro	Fazenda do Cunha	14	58	321	49	—	4	—	—	1
98	17	Novembro	Ribeirão do Lambari	14	52	321	45	—	5	—	—	4
99	18	Novembro	Fazenda do Mello	15	5	321	29	—	6	—	—	1
100	19	Novembro	Frexas Grandes	15	19	321	18	—	6 1/2	—	2	6
101	20	Novembro	Cachoeyrinha	15	41	320	55	—	6	—	1	7
102	21	Novembro	Rio Paraguay	15	49	320	43	—	6	—	—	3
103	22	Novembro	Corralinho	15	58	320	12	—	6	—	2	4
104	23	Novembro	Pouzo dos Hugres	15	57	320	7	—	2	—	1	1
105	24	Novembro	Sítio do Servo	15	56	319	56	—	4	—	1	1
106	25	Novembro	Ribeirão das Pitas	15	52	319	48	—	6 1/2	—	—	1
107	26	Novembro	Rio Jaurú	15	45	319	41	—	5 1/2	—	—	3
108	27	Novembro	Fazenda do Santissimo	15	42	319	36	—	3	—	—	3
109	28	Novembro	Regato da Lago	15	40	319	30	—	3 1/2	—	—	1
110	29	Novembro	Boriti da Lago	15	37	319	21	—	4	—	—	5
111	30	Novembro	Boriti da Lago	15	19	319	14	—	4	—	—	5
112	1	Dezembro	Lavrinha	15	18	319	12	—	6	—	—	4
113	2	Dezembro	Rio Guaporé	15	18	319	12	—	3 1/2	—	—	2
114	3	Dezembro	Corgo do Morro	15	10	319	3	—	4	—	—	1
115	4	Dezembro	Lagoa do Boriti	15	7	318	55	—	3 1/2	—	—	—
116	5	Dezembro	Lagoa do Chapeo	15	5	318	47	—	4 1/2	—	—	—
		Dezembro	Villa Bella	15	3	318	40	—	3 1/2	—	—	—

## CAPITANIA DE MATO GROSSO

### 68º dia de viagem

RIO GRANDE — “Pouco adiante do rio Grande estão dous grandes alagadiços, e como o Paiz hé todo plaino, em tempo d’inverno será summamente de tranzitar” (sic).

RIBEIRÃO DAS LAGES — “há falta d’agoa athe chegar a este ribeirão das Lages”.

### 69º dia de viagem

RAYZAMA GRANDE — “Hé caminho summamente plaino, sem que se ache huma gota d’agoa em 4 legoas de distancia the se chegar a Rayzama Grande, em que se vê hu bocado summamente alagadiço no qual corre alguma agoa, e he impraticavel passar-se sem estiva”.

RAYZAMA PIQUENA, sitio.

“Em todo este paiz se encontra abundancia de frutas silvestres de que se aproveitam os passageiros”.

### 70º dia de viagem

“Pela maior parte he este caminho de planicie, mas com interpoção de campo e mato”.

SITIO DAS PITOMBAS — “A meya legoa do rancho antecedente se aparta hum carreio para o sitio das Pitombas, que se acha fora da estrada, legoa e meya, e nele vive hum morador refugiado com alguns escravos”.

SITIO DO TAQUARAL — “hé fertil, tem frutas silvestres, e corre nele hua ribeira bonita”.

### 71º dia de viagem

ARRAIL DOS ARAES — “A 2 legoas de distancia do rancho antecedente se aparta para o lado direito no lugar em que corre um riacho, o caminho, que conduz ao arraial dos Araes, que dipois de ter seguido a nossa estrada ficando a esquerda; dipois que aqui se passa, nos fica sempre a direita, formando a mais graciosa e mais dilatada vista do Mundo”.

“A passagem desta serra consiste em 3 legoas de distancia, cujo territorio he abundante de todas as muitas saborozas especies de frutas silvestres, como são os cajus rasteiros de varias castas, croas de clerigo, corações de gallo, mangabas, manapusás amarelos e pretos, etc”.

### **72º dia de viagem**

**RIBEIRA DO PASSA 20** — “Todo este caminho hé dos peores que podem encontrar-se, principalmente logo ao desser da serra, e dipois continua quazi sempre por hum fundo entre dous montes de roxedos, por este fundo corre a ribeira paasa 20 (sic) por que se passará outras tantas vezes. Tudo são lages terriveis, principalmente no sitio em que a ribeira se precipita de grande altura formando huma cascata, vistosa e orrenda ao mesmo tempo; segue logo hum terrivel caminho de Taquaral, e pressedentemente a ribeira referida se encontram outras duas piquenas”.

### **73º dia de viagem**

“Este caminho hé passageiro mas sempre incomodo por muitos Taquaraes que se incontram”.

**RIO DOS BARREIROS** — “Hé bastantemente grande, e será difficultozo de passalla no tempo das agoas”.

### **74º dia de viagem**

“O caminho he suficientemente tranzitavel; passaram-se 3 ou 4 regatos piquenos em 2 dos quaes se acharam pontes de madeira feitas pelos passageiros”. Aqui se experimentou a mayor trevoada de toda a viagem”.

### **75º dia de viagem**

**MORROS DA JATOBÁ** — “passa-se por junto dos morros denominados da Jatobá, que são em grande número, e d’huma figura muy galante pela sua grande altura sobre sua piquena base”.

### 76º dia de viagem

RIBEIRÃO D'AREIA — “leva bastante agoa, e hé de passagem bastantemente impertinente e dificultosa; tambem se passa por junto d'hum grande pantanal ou especie de lagoa, a qual rodea o caminho com huma grande volta por conta de se evitar, e o mesmo succede hum pouco mais adiante a respeito d'hum bo ritizal ou brejo igualmente invadiavel”.

RIO DAS MORTES — “Neste sitio corre o grande rio das Mortes que dipois de passar por junto dos Araes vai fazer barra no famoso rio Grande. Neste mesmo lugar faz hum grande cotovelo, mudando repentinamente da direção do Norte para a do Nascente; tambem se mete aqui hua ribeira pouco concideravel inda que se passa em pinguella”.

### 78º dia de viagem

RIBEIRÃO DA ALMAS — ‘grande ribeirão chamado das Almas, tambem muy fundo, e que só em ponte ou pinguella hé possivel de passar”.

'RIBEIRÃO DO INFERNO — “he medonho porque fazendo hua grandissima cascata, repentinamente se some debaixo da terra dividido em 2 brassos por entre fragas e roxedos”.

SANGRADOURO GRANDE — “huma legoa daqui se encontra o Sangradouro Grande aonde arranxey-me. Este he summamente grande e profundo; os cavallos passam a nado, e a gente e cargas em pinguellas”.

### 79º dia de viagem

“Não hé mao caminho mas o Paiz hé muito falto d'agoa, ella se encontra somente na lagoa, mas não fiquei ali pela falta de pasto para os cavallos”.

“Esta lagoa hé a maior que encontrei em todo o Brazil; terá perto d'huma legoa de comprido, e mais d'hum quarto de largura; em algumas partes hé muito clara a sua agoa, e se representa mui profunda; hé rodeada de grandes arvores muito verdes, e ainda que se dis que della saem varios sangradouros ou ribeiras, a mim me não paresseu isto no possi-

vel exame que fiz para a reconhecer. Fica ao lado esquerdo da estrada, isto hé para a parte do Sul, e o caminho a rodea pela borda em hum grande espaço”.

#### **80º dia de viagem**

“Estas 4 legoas são de bom caminho, menos em algumas paragens, em que se encontra pantanaes”.

**SANGRADOURO PIQUENO** — “Meia legoa do rancho antecedente se encontra o sangradouro chamado piqueno, que hé o unico que pairesse vir da lagoa grande. A passagem dele hé impertinentissima não só pelo atoleiro a pantanal em que o verifica, mas porque o dito ribeirão que aqui corre, sendo bastantemente fundo e largo se não pode passar se não em pinguela ou ponte”.

#### **81º dia de viagem**

“Tambem hé bom este caminho, não obstante alguns alagadiços que nele se encontram”

**RIBEIRÃO DAS DUAS PONTES** — “bastantemente caudalozo, e se não pode passar se não em ponte”.

#### **82º dia de viagem**

“Estas 3 legoas de caminho são de planicie”.

**RIBEIRÃO DAS 3 BARRAS** — “Passa-se o ribeirão das três barras tambem sobre ponte porque inda que hé estreito hé bastantemente profundo”.

#### **83º dia de viagem**

“continua a ser de planicie todo o caminho”.

**VERTENTES DO CUYABÁ** — “A 2 legoas de distancia se encontra alguma agoa que corre, inda que em piquena quantidade junto d’hum capão; legoa e meia adiante se ve o primeiro regato, que corre para o Sul, aonde chamão vertentes do Cuyabá, e neste rancho corre hum bom ribeiro”.

#### **84º dia de viagem**

“Estas 2 legoas são todas de planicie, menos na

extremidade delas, em que se desse para hum valle concideravelmente fundo..."

### 85º dia de viagem

"Consiste todo o caminho em subidas e dessidas de grandes morros".

PERNAIBA FALÇA — "Primeiramente se passa por 3 piquenos corgos de boa agoa, logo depois se passa a Pernaiba chamada falça, que hé huma ribeira bastante grande".

### 86º dia de viagem

"Estas 6 legoas são de caminho muito mau".

PERNAIBA VERDADEIRA — "passa'm-se 3 ribeiras piquenas antes de chegar a verdadeira Pernaiba, que está 3 legoas do rancho antecedente. Este rio corre para o Sul, hé bem caudalozo, e corre muito rapido".

RIO DOS PORRUDOS — 'vai confluir na Pernaiba; hé muito grande e ainda mais rápido que o pressedente; toda a jonada deste dia hé feita por entre morros e maço bravissimos".

### 87º dia de viagem

"Bom caminho dipois que se sobe a ladeira para sima; não se encontra agua alguma em tempo de seca the chega a este ribeiro..."

### 88º dia de viagem

"Hé excelente caminho por huma planicie admiravel".

### 89º dia de viagem

RIBEIRA DE PORAPOTANGAS — "A legoa e meia do precedente ribeiro se passa pela ribeira de Porapotangas, que leva bastante agoa e corre para o Norte..."

RIO MANÇO — a ribeira de Porapotangas "vai juntar-se com o rio Manço, e que juntos formam o rio Porrudos".  
"São 6 legoas de bom caminho quazi todo de chapadas"

**SITIO DO CAVEYRA** — “não se encontra agoa nenhuma senão no sitio do Caveyra, que hé hum piqueno Brejo a 3 legoas e meia do rio Manço...”

**LUGAR DA LAGOINHA** — “e neste mesmo lugar da Lagoinha, que hé outro semelhante sitio ao do Caveyra, mas em ambos estes lugares hé trabalho de poder dar de beber sufficientemente aos cavallos da tropa”.

### **90º dia de viagem**

“Estas 5 legoas são de admiravel caminho, mas não se encontra tambem agoa, senão a 3 legoas da Lagoinha, aonde brota hum piqueno olho della”.

“Esta aldeia, aonde também corre huma piquena ribeira, está muito bem situada, terá athé 50 familias de indios de varias nações, Parroco e Director”.

### **91º dia de viagem**

“Este caminho hé hum pouco aspero, e meia legoa adiante d'aldeia se pode chamar asperissimo, por conta da subita dessorada da montanha para hum valle mui profundo, o que se pratica por meio d'huma rampa em ziguezague sumamente perpendicular”.

**ARRAYAL DO MEDICO** — “Dipois de chegar abaixo se passam duas piquenas ribeiras, e pelo selebre arrayal do Medico que noutro tempo foi fertilissimo em minas d'ouro”.

### **92º dia de viagem**

“Todo este caminho hé de boa planicie, e comodo a fazer viagem”.

**RIO COXIPO** — “Na extensão dele se passão 3 regatos, por junto de duas boas rossas, a piquena distancia da villa se acha o rio Coxipo, bastantemente caudaloso, principalmente em tempo d'agoas, em que se faz preciso passá-lo em canoas, por conta de não dar vaú”.

**CUIABÁ** — “A Villa de Cuiabá, que hé situada em lugar sumamente baixo, goza por esta razão d'hum ambiente ardentissimo; hé bastantemente populoza; foi

em outro tempo capital de todo o território mais ocidental do Brazil, cuja distinção compete hoje a Villa Bella. Hé todavia a cabessa d'huma comarca separada. Tem Juiz de Fora; junto dela corre o grande rio Cuiabá, por onde se transportam os homens de negocio ao porto de Araritaguaba, e dali ao Rio de Janeiro, a buscar as suas carregações”.

### 93º dia de viagem

CORGO DO POSSO, RIBEIRO DO FORMIGUEIRO, RANCHO DO CORRAL — “Estas 6 legoas de caminho são de paiz summamente plaino, mas muito pantanozo”.

RANCHO DO CAPÃO, SITIO DAS FRALIRAS — “Adiante mais se avista o rancho do Capão que fica da parte direita em piquena distancia, the que finalmente se chega ao sitio das Fraliras onde existe hum rancho comodo com bastantes moradores”.

MINAS DE SAL E SALITRE — “Fui obrigado a dirgir por aqui a minha marcha, que alias deveria ser pelo caminho ordinario que toma muito mais a direlta, e rumo d'Oeste por conta do exame pessoal que fui fazer nas pretendidas minas de sal salitre, por ordem da Corte”.

### 94º dia de viagem

“Toda distancia consiste em huma perfeita planicie, mas parte se compoem de pantano e inundação”.

RIBEIRÃO DAS FRALIRAS, VARGE GRANDE, CORRALINHO, RIBEIRÃO DE BENTO GOMES,

### 95º dia de viagem

“Toda distancia consiste em huma perfeita planicie, e costuma inundar-se quazi toda no tempo das agoas”.

VARGE FORMOZA — “Visitei as salinas pertendidas situadas no lugar que chamam Vargea Formoza. Em todo este sitio há abundancia de pastos por conta do que cria huma grande quantidade de gados, assim cavalari como vacum”.

### **96º dia de viagem**

“Estas 4 legoas são também de planície e de campo fértil em pastos, não obstante não ser regado de ribeiras”

RIBEIRÃO DE BENTO GOMES — “de que atrás falamos, o qual vai passar junto desta fazenda aonde há também uma boa criação de gado”.

### **97º dias de viagem**

“Ainda continua a ser plano este país e de campo fértil com muitos gados”.

RIBEIRÃO DE FRANCISCO MANOEL.

### **98º dia de viagem**

“He bom caminho mas em tempo d'agoas sumamente húmido e pantanozo”.

### **99º dia de viagem**

“Também he de planície este território, mas composto quasi todo de tijuças muito alagadiços”.

SANGRADOURO DO MELLO — ‘meia legoa para diante deste rancho se passa o perigoso sangradouro chamado do Mello”.

### **100º dia de viagem**

“He caminho plano mas muito pantanozo e alagadisso, em muitas partes, e no rigor das agoas sera trabalhossimo”.

RIBEIRÃO DAS FREXINHAS — “que leva bastante agoa”.

RIBEIRÃO DAS FREXAS GRANDES — “junto deste rancho corre o ribeirão das Frexas Grandes que he maior que os outros ”.

### **101º dia de viagem**

“As primeiras 4 legoas são de sufficiente caminho plano em muitas partes, as outras 2 porem são pessimias”.

RIBEIRO DO PASSA VINTE — “que pelos grande giros que faz se atravessa hum grande numero de vezes”.  
RIBEIRO DA CACHOEYRA

### 102º dia de viagem

SERRA DA CACHOEIRA, MORRO DO SABÃO, SERRA DO PARAGUAY — “He um dos peores bocados de caminho de toda a viagem geralmente, mas com particularidade a serra da Cachoeira, morro do Sabão, e a serra do Paraguay”.

“Todos estes passos chegam mesmo a ser perigozissimos de vencer-se; passam-se 6 ribeiras com bastante agoa, e algumas mais piquenas hião sem ella”.

RIO PARAGUAY, RIO JAURU, MARCO DO JAURU — “O rio Paraguay que aqui corre já hé bastantemente grande; acha-se aqui situado hum registro, aonde rezi-de hum piqueno destacamento, há fazenad de gado bastantemente povoada; poucas legoas abaixo deste sitio fas este rio confluencia com o Jauru, e neste lugar se acha posto o marco que devia servir as demarcações”.

### 103 dia de viagem

SITIO DO CORRALINHO — “Dipois de passado em canoa o rio Paraguay, que hé bastantemente largo naquele sitio, se entra logo em huma legoa de mato muy denço que d'ordinario se acha alagado, cheio de covas e embaraços que fazem as raizes das arvores athé mesmo impedir inteiramente a passagem e tempo d'agoas que cobrem muitas legoas de Paiz, e quando assim socede se costuma hir dejembarcar junto do sitio do Corralinho, algumas legoas adiante tomando hum pouco mais por baixo da passagem ordinaria”.

### 104º dia de viagem

SANGRADOURO DO PADRE IGNACIO — “Hé todo este caminho d'huma planicie extraordinaria, mas muito alagadiço (...) e a duas legoas e meia do rancho se

incontra outro sangradouro chamado do Padre Ignacio, ainda mais invadiavel que o precedente; de maneira que quando tem chovido hé preciso que nadem os cavalos mais de 300 passos”.

#### **105º dia de viagem**

RANCHO DO SERVO — “hé couza muí pouco importante mas sempre ofrece alguma comodidade a quem tranzita”.

#### **106º dia de viagem**

RIBEIRÃO DO SERVO DO CAETÉ, RIBEIRÃO DAS PITAS.

#### **107º dia de viagem**

RIO JAURU — “neste sitio não hé muito largo mas profundo, passa-se em canoa (...) aqui se conserva o antigo regimento com hum destacamento.

#### **108º dia de viagem**

“Hé excelente caminho todo este por meio de campos dilatados com algum bosque”.

RIBEIRA DA RESSACADA — “aqui se acha fazenda de gado com alguns moradores, sendo este sitio dos mais agradaveis que se encontram na vezinhança”.

#### **109º dia de viagem**

“São quatro legoas de caminho plaino e bastante-mente enxuto, sem embargo que se passam alguns alagadiços que são pouco concluderaveis”.

#### **110º dia de viagem**

RIBEIRÃO FUNDO — “Todo este caminho tambem he de Mato seguido sem interrupção; passam-se 5 ribelras, entre as quais hé comprehendido e ribeirão Fundo que leva mais alguma agoa”.

#### **111º dia de viagem**

“Hé hum pouco montuozo este caminho, e sempre povoado de grandes matos”.

“Este sitio, que hé huma especie de arraial povoado unicamente por pretos, que aqui cultivam varias minas d’ouro na vezinhança do sitio, ainda que não são muy ferteis”.

### 112º dia de viagem

RIO GUAPORÉ — “que aqui corre terá athé 30 braças de largura e se passe em canoa”.

### 113º dia de viagem

RIBEIRA DO BARREIRA — “sendo piquena fas hum notavel embaraço aos passageiros no tempo das agoas”.

### 114º dia de viagem

“Continua a ser este caminho da mesma sorte plaino, sendo no tempo do verão infinitamente arido e seco, mas apenas continua a chuva por alguns dias, se transforma em hum pantanal de muitas legoas”.

VILA BELA — “A situação desta villa hé sobre a margem oriental do rio Guaporé, num sitio planissimo, mas rodeado de pantanaes e alagadiços, que fazem o seu ar muito doentio. Hé capital do Matto Grosso, rezidencia ordinaria do General,, tem caza de fundição, ouvidoria, etc”.

## ÍNDICE DOS TOPÔNIMOS DE GOIÁS NO DIÁRIO

## E NA TÁBUA DE LATITUDES E LONGITUDES

(o ordinal refere-se ao número de dias de viagem)

Agapito, ribeirão do — 56º

Agoa Quente, Arraial d’ — 52º

Almas, rio das — 51º, 52º

Anta, Arraial d’ — 64º

Antonio Ferreira Gomes, sitio de — 56º (tábua)

Areia, ribeirão d’ 65º, 65º (tábua)

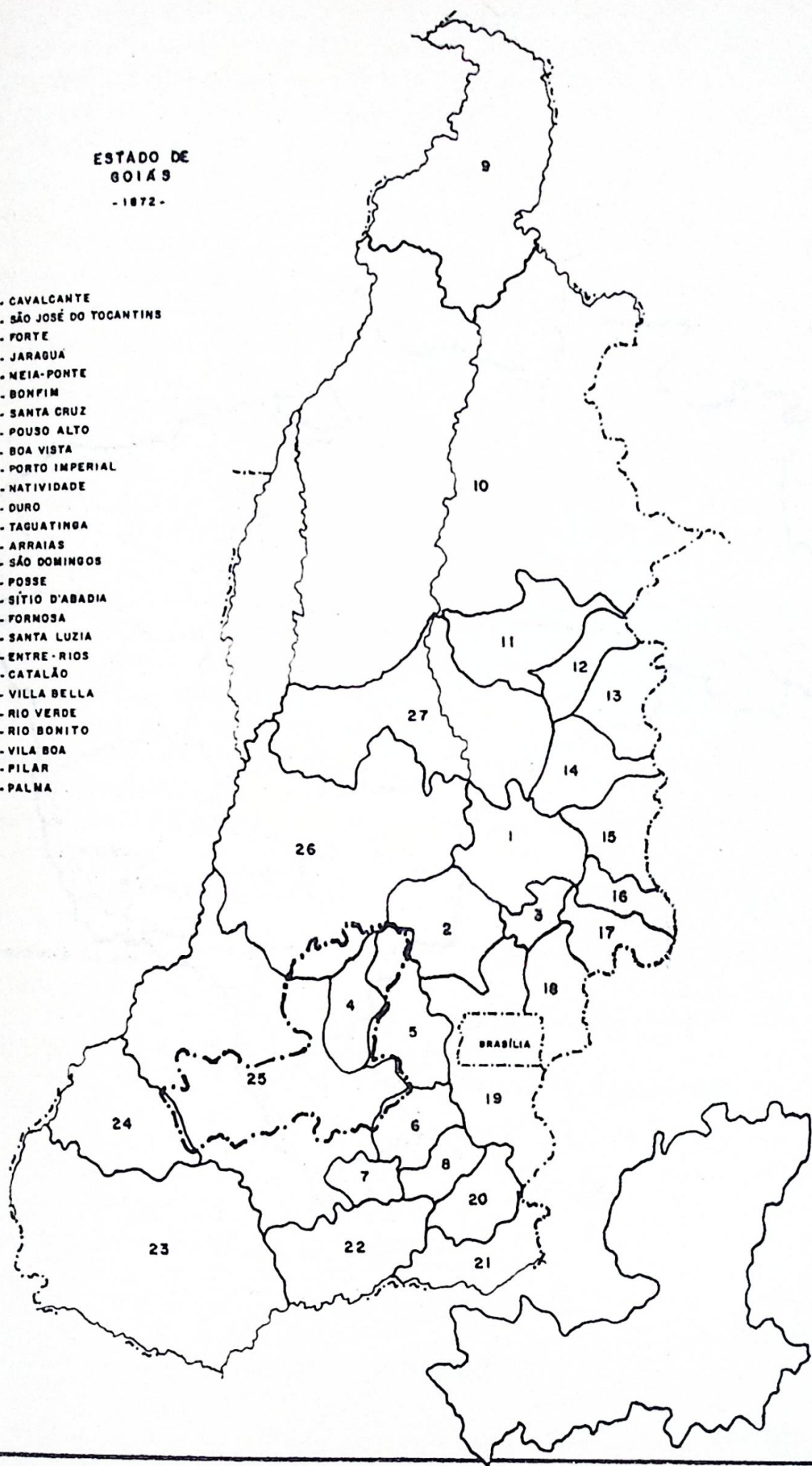
Areias, rancho das — 65º

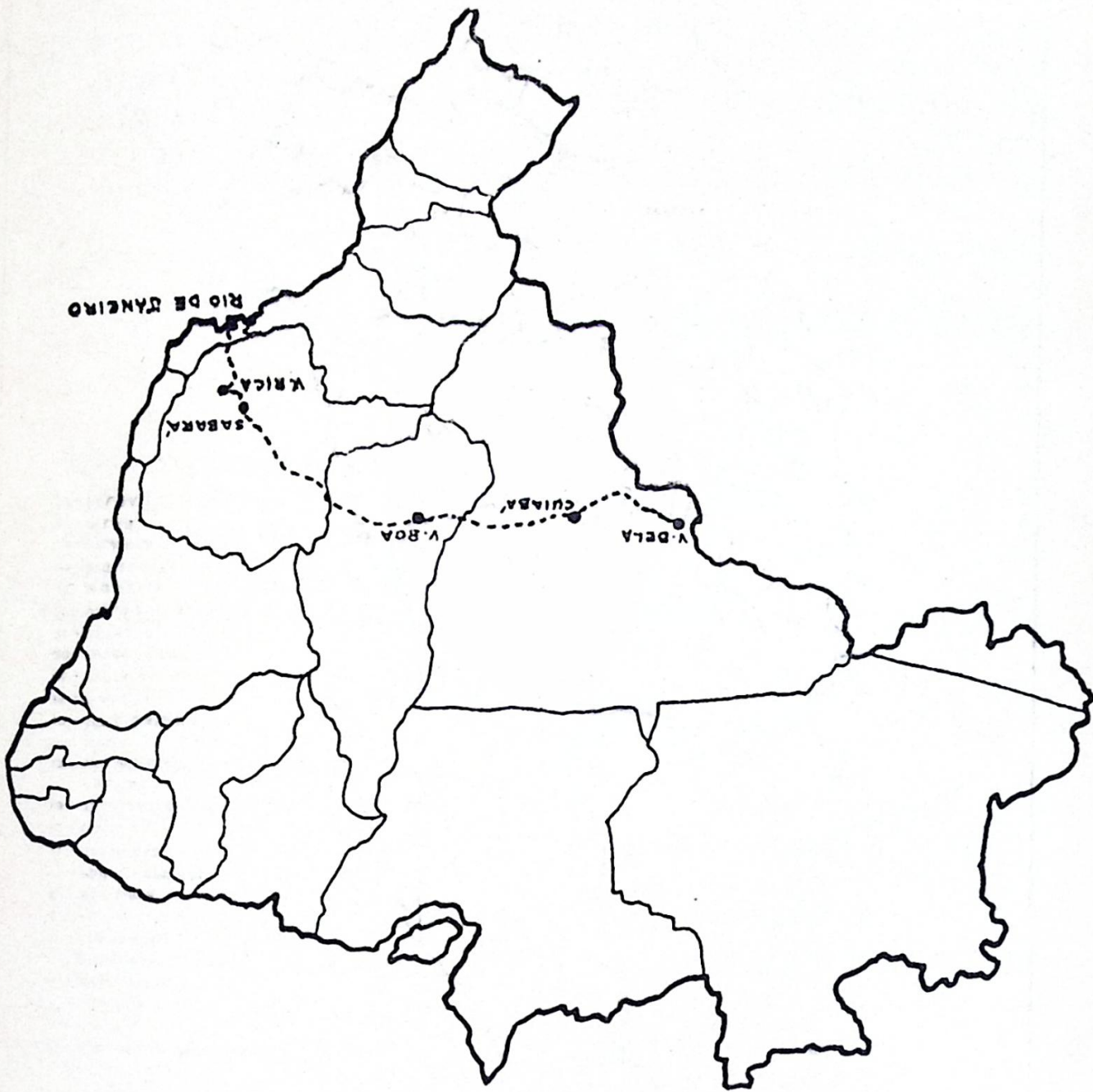
Areias, ribeirão das — 49º

ESTADO DE  
GOIÁS

- 1872 -

- 1 - CAVALCANTE
- 2 - SÃO JOSÉ DO TOCANTINS
- 3 - FORTE
- 4 - JARAQUÁ
- 5 - MEIA-PONTE
- 6 - BONFIM
- 7 - SANTA CRUZ
- 8 - POUSO ALTO
- 9 - BOA VISTA
- 10 - PORTO IMPERIAL
- 11 - NATIVIDADE
- 12 - DURO
- 13 - TAGUATINGA
- 14 - ARRAIAS
- 15 - SÃO DOMINGOS
- 16 - POSSE
- 17 - SÍTIO D'ABADIA
- 18 - FORMOSA
- 19 - SANTA LUZIA
- 20 - ENTRE RIOS
- 21 - CATALÃO
- 22 - VILLA BELLA
- 23 - RIO VERDE
- 24 - RIO BONITO
- 25 - VILA BOA
- 26 - PILAR
- 27 - PALMA





RIO DE JANEIRO

V. RICA

SABARA

V. BOA

CUIABA

V. BELA

Arraial d'Agoa Quente — v. Agoa Quente  
 Arraial d'Anta — v. Anta  
 Arraial da Meia Ponte — v. Meia Ponte  
 Arraial de Ouro Fino — v. Ouro Fino  
 Arraial de S. Luzia — v. S. Luzia  
 Arraial do Corgo do Jaraguá — v. Jaraguá  
 Arraial do Terreiro (sic) — v. Terreiro ((sic) (Ferreiro)  
 Arrepellidos, ribeira dos — 43º  
 Bagage — Ribeirão do — 56º  
 Bahia, estrada para a — 49º  
 Barreada, Casa — 57º  
 Bocaina — 59º  
 Boriti — 57º (tábua)  
 Boriti, sitio do — 57º  
 Boriti da Volta — 66º  
 Boriti das Lagoas — 66º (tábua)  
 Boriti do Guarda-mor — 59º  
 Caiapó, rio do — 67º  
 Casa Barreada — v. Barreada  
 Casa de Telha — v. Caza de Telha  
 Caxambu, ribeiro de — 57º  
 Caza de Telha, rancho da — 53º  
 Caza de Telha, ribeirão da — 53º  
 Chaveiro, sitio do — 50º  
 Chaveyro, ribeirão do — 50º  
 Cigano — v. Sigano  
 Claro, rio — 60º, 61º, 61º (tábua), 67º  
 Contagem de S. Barromeu (sic) — v. S. Barromeu, e S. Bar-  
 tholomeu  
 Contenda, rio da — 54º  
 Contenda, sitio da — 54º  
 Corgo do Jaraguá, Arraial do — v. Jaraguá  
 Corumbá, rio — 45º, 5º  
 Descoberto Novo de S. Antonio de Montes Claros — 48º  
 Dourada, Serra — 56º  
 Encruzilhada, A — 64º  
 Encruzilhada, ribeirão da — 64º  
 Engenho do Narigão — v. Narigão  
 Estrada para a Bahia — v. Bahia  
 Forte, ribeirão — 57º  
 Francisco Dias, sitio de — 54º  
 Furriel-mor, sitio — 61º  
 Furriel-mor, sitio do — 48º, 48º (tábua)

Garapa, ribeirão da — 46°  
Garapa, rancho da — 46°  
Grande, rio — 61°, 67°  
Grande — v. Rio Grande, Serra do  
Grande do Norte. rio — 67° (tábua)  
Guarda-mor — 63°  
Guarda-mor, Boriti do — v. Boriti do Guarda-mor  
Guarda-mor, Ribeirão do — 62° (tábua)  
Índios, rio dos — 58°  
Jaraguá, Arraial do Corgo do — 52°  
Joaquim Roiz, rancho de — 56°  
Lages, ribeirão das — 65°  
Lagoinha Redonda — 45°  
Lajes — v. Lages  
Lambari, ribeirão do — 64°  
Macacos, ribeirão dos — 49°  
Mamoneiras — 59° (tábua), 60°  
Manuel Dias o, ribeirão de — 46°  
Manoel de Sá, ribeirão de — 53°  
Maranhão — 52°  
Maria Leite, ribeirão de — 53°  
Matrinchans, ribeirão das — 65°  
Meia Ponte — 49°, 50° (tábua)  
Meia Ponte, Arraial de — 50°  
Monjolos, ribeirão dos — 47°  
Montes Claros, Descoberto Novo de S. Antonio de — V. Des-  
coberto  
Montes Pirineos — v. Pirineos  
Motum, ribeirão do — 63°  
Narigão, Engenho do — 53° (tábua)  
Novo, Sítio — 44° (tábua), 45°  
Novo, Rancho — 45°  
Ouro Fino, Arraial de — 55°  
Palmitar (sic), ribeirão do — 47°  
Pari, rio — 52°  
Patos, rio dos — 52° (tábua)  
Pillões, rio dos — 60°, 60° (tábua), 61°  
Pirineos, montes — 50°  
Poções — v. Possões (sic)  
Pojiões, sítio dos — 64°  
Ponte Alta — 47° (tábua), 48°  
Ponte Alta, ribeirão da — 49°  
Ponte Alta — v. Segunda Ponte Alta

Ponte do Uruhú — 54° (tábua)  
Possões (sic), sitio dos — 63° (tábua)  
Puaribas (sic), ribeiro das — 62°  
Rancho da Caza de Telha — v. Caza de Telha  
Rancho da Garapa — v. Garapa  
Rancho da Sambambaya (sic) — v. Sambambaya (sic)  
Rancho da Tapera — v. Tapera  
Rancho das areias — v. Areias  
Rancho de Joaquim Roiz — v. Joaquim Roiz  
Rancho de Manuel Dias — v. Manuel Dias  
Rancho de Serafim Camelo — v. Serafim Camelo  
Rancho de Urubû — v. Urubû  
Rancho do Raymundo — v. Raymundo  
Rancho Novo — v. Novo  
Raymundo, Rancho do — 51°  
Redonda, Lagoinha — v. Lagoinha  
Ribeira dos Arrependidos — v. Arrependidos  
Ribeirão do Chaveyro — v. Chaveyro  
Ribeirão d'Areia — v. Areia  
Ribeirão da Caza da Telha — v. Caza da Telha  
Ribeirão da Encruzilhada — v. Encruzilhada  
Ribeirão da Garapa — v. Garapa  
Ribeirão da Ponte Alta — v. Ponte Alta  
Ribeirão da Saia Velha — v. Saia Velha  
Ribeirão das Areias — v. Areias  
Ribeirão das Lages — v. Lages  
Ribeirão das Matrinchans — v. Matrinchans  
Ribeirão de Manuel Dias — v. Manuel Dias  
Ribeirão de Manoel de Sá — v. Manoel de Sá  
Ribeirão de Maria Leite — v. Maria Leite  
Ribeirão do Agapito — v. Agapito  
Ribeirão do Bagage — v. Bagage  
Ribeirão do Guarda-mor, ribeirão do — v. Guarda-mor  
Ribeirão do Lambari — v. Lambari  
Ribeirão do Motum — v. Motum  
Ribeirão do Palmitar (sic) — v. Palmitar (sic)  
Ribeirão do Sigano (sic) — v. Sigano (sic)  
Ribeirão de Tapanhuacanga — v. Tapanhuacanga  
Ribeirão dos Macacos — v. Macacos  
Ribeirão dos Monjolos — v. Monjolos  
Ribeirão Forte — v. Forte  
Ribeiro das Puaribas — v. Puaribas  
Ribeiro de Caxambu — v. Caxambu

Rio do Caiapó — v. Caiapó  
 Rio Claro — v. Claro  
 Rio Corumbá — v. Corumbá  
 Rio da Contenda — v. Contenda  
 Rio das Almas — v. Almas  
 Rio de S. Antonio — v. S. Antonio  
 Rio de S. Bartholomeu — v. S. Bartholomeu  
 Rio dos Indios — v. Indios  
 Rio dos Patos — v. Patos  
 Rio Grande — v. Grande  
 Rio Grande do Norte — v. Grande do Norte  
 Rio Grande — Serra do — 65°  
 Rio Pari — v. Pari  
 Rio Pillões — v. Pillões  
 Rio Vermelho — v. Vermelho  
 Saia Velha, ribeirão da — 46°  
 Sambambaya (sic), ribeirão da — 45°  
 Santa Luzia, Arrayal de — 46°, 46° (tábua)  
 Santa Marta, Serra de — 62°  
 Santo Antonio, rio de — 52°  
 Santo Antonio, Sítio de — 51° (tábua)  
 Santo Antonio de Montes Claros — v. Descoberto Novo  
 São Barromeu (sic), Contagem de — 45° (tábua), v. S. Bartholomeu  
 São Bartholomeu, rio de — 45°  
 Segunda Ponte Alta — 47° (tábua)  
 Serafim Camelo, rancho de — 45°  
 Serra de Santa Marta — v. Santa Marta  
 Serra do Rio Grande — v. Rio Grande  
 Serra dos Tigres — v. Tigres  
 Serra Dourada — v. Dourada  
 Sigano (sic) ribeirão do 53°  
 Sítio da Contenda — v. Contenda  
 Sítio de Antonio Ferreira Gomes — v. Antonio Ferreira Gomes  
 Sítio de Francisco Dias — v. Francisco Dias  
 Sítio de Santo Antonio — v. Santo Antonio  
 Sítio do Boriti — v. Boriti  
 Sítio do Chaveiro — v. Chaveiro  
 Sítio do Furriel-mor — v. Furriel-mor  
 Sítio dos Pojiões — v. Pojiões  
 Sítio dos Possões (sic) — v. Possões (sic)  
 Sítio Funil — v. Funil  
 Sítio Novo — v. Novo

Sítio Taquaral — v. Taquaral  
Taguaral (sic), sítio — 58° (v. Taquaral)  
Tapanhuacanga, ribeirão do — 64°  
Tapera, rancho da — 47°  
Taquaral — 58° (tábua' — v. também Taquaral (sic)  
Terreiro (sic), Arraial do — 55° (Ferreiro)  
Tigres, Serra dos — 63°  
Uragay — 50°  
Uruhu — v. Ponte do Uruhu  
Urubû, rancho do — 55° (v. também Uruhu, Ponte do)  
Varginha — 64° (tábua)  
Vermelho, rio — 67°  
Villa Boa — 55°, 55° (tábua)

## **ÍNDICE DOS TOPÔNIMOS DE MATO GROSSO CITADOS NO DIÁRIO E NA TÁBUA DE LATITUDES E LONGITUDES**

(O ordinal refere-se ao número de dias de viagem)

Aldeia da Chapada ou Quimes. — v. Chapada ou Quimes.  
(Guimarães)  
Almas, — ribeirão das, — 78°  
Araes, Arraial dos — 71°  
Arela, ribeirão d' — 76°  
Arya, Corgo do Ribeiram d' — 75° (tábua)  
Arraial do Medico — v. Medico  
Arraial dos Araes, — v. Araes  
As Tres Barras — v. Tres Barras  
Barreiro, Ribeirão do — 113°  
Barreiros, Rio dos — 73°  
Bela — v. Villa Bella  
Bento Gomes, Ribeirão de — 94°, 96°  
Boavista — v. Trahiras da Boavista  
Boriti, Lagoa do — 114° (tábua)  
Boriti da Lage — 110° (tábua)  
Borges, Pouzo dos — 104 (tábua)  
Cachoeira, Serra da — 102°  
Cachoeira, ribeirão da — 101°  
Cachoeyriona — 101° (tábua)  
Caeté, ribeirão do — 106°  
Campo da Lagoa Grande — v. Lagoa Grande

Campo dos Porrudos — v. Porrudos  
Capão — rancho do — 93°  
Caveyra, sitio do — 89°  
Chapada ou Quimes., aldeia da — 90° (tábua) — aliás Chapada ou Guimarães  
Chapeo, Lagoa do — 115° (tábua)  
Corgo d'entre as Pernaibas — v. Entre as Pernaibas  
Corgo do Morro — v. Morro  
Corgo do Passo — v. Passo  
Corgo do Ribeiram d'Areya — v. Areya  
Corral — rancho do — 93°  
Corralinho — 103°, 103° (tábua)  
Corralinho, sitio do — 103°  
Cotovelo do rio das Mortes — 76° (tábua)  
Coxipo, rio — 92°  
Cristal — v. Lavras do Cristal  
Curral — v. Corral  
Curralinho — v. Curralinho  
Cuiabá, Villa de — 92° (v. também Cuyabá)  
Cuiabá, rio — 92°  
Cunha, Fazenda do — 97° (tábua)  
Cunha, Fazenda do 97° (tábua)  
Cuyabá — 92° (tábua) (v. também Cuiabá)  
Cuyabá, Vertentes do — 83°  
Duas Pontes, ribeirão das — 81°  
Entre as Pernaibas, Corgo d' — 85° (tábua)  
Fazenda do Cunha — v. Cunha  
Fazenda do Mello — v. Mello  
Fazenda do Santissimo — v. Santissimo  
Felis Gonçalves — 95° (tábua)  
Felis Gonçalves, sitio de — 94° (tábua)  
Felix Gonçalves — v. Felis Gonçalves  
Fernando, Pe., sitio do — v. Pe. Fernando  
Flechas — v. Frexas Grandes  
Flechinhas — v. Frexinhas  
Formigueiro, ribeiro — 93°  
Formoza, Vargea — 95°  
Fraliras, ribeirão das — 94°  
Fraliras, sitio das — 93°  
Francisco Manoel, ribeyrão de — 97°  
Frexas Grandes, ribeirão das — 100°, 100° (tábua)  
Frexinhas, ribeirão das 100°  
Fundo, ribeirão — 77° (tábua), 110°

Grande, Campo da Lagoa — v. Lagoa Grande  
 Grande, Rio — 68º, 76º  
 Grande, Sangradouro — 78º, 78º (tábua)  
 Grande, Varge — 94º  
 Guaporé, Rio — 112º, 112º (tábua), 116º  
 Guimarães — v. Chapada  
 Ignácio, Pe. — v. Padre Ignacio, Sangradouro do  
 Inácio, Pe. — v. Padre Ignacio, Sangradouro do  
 Inferno, ribeirão do — 78º  
 Jatobá — 87º (tábua)  
 Jatobá, morros da — 75º  
 Jauru, marco do — 102º  
 Jauru, rio — 102º, 107º, 107º (tábua)  
 Junto das Vertentes — 83º (tábua)  
 Lage, regato da — 109 (tábua)  
 Lages 68º (tábua)  
 Lages, ribeirão das — 68º  
 Lages da Serra — 71º (tábua)  
 Lagoa do Boriti — v. Boriti  
 Lagoa do Chapeo — v. Chapeo  
 Lagoa Grande, Campo da — 97º (tábua)  
 Lagoinha — 89. (tábua), 90º  
 Lagoinha, lugar da — 89º  
 Laje e Lajes — v. Lage e Lages  
 Lambari, ribeirão do 98º (tábua)  
 Lavras do Cristal — 91º (tábua)  
 Lavrinha — 111. (tábua)  
 Lugar da Lagoinha — v. Lagoinha  
 Manço, rio — 88º, 88º (tábua), 89º  
 Manso — v. Manço  
 Marco do Jauru — v. Jauru  
 Medico, Arrayal do — 91º  
 Mello, Fazenda do — 99º (tábua)  
 Mello, Sangradouro do 99º  
 Minas de Sal e Salitre — 93º  
 Morro, corgo do — 113º (tábua).  
 Morro do Sabão — v. Sabão  
 Morros da Jatobá — Jatobá  
 Mortes, rio das — v. Cotovelo do rio das Mortes  
 Mortes, rio — 76º  
 Padre Fernando, Sitio do — 96º (tábua)  
 Padre Ignacio, Sagradouro do — 104º  
 Paraguay, rio — 102º, 102º (tábua)

Paraguay, serra do — 102°  
Pernaiba Falça, ribeira — 85°  
Pernaiba Verdadeira — 86°  
Passa 20, ribeiro — 72°  
Passa Vinte, ribeira, 73°  
Passa Vinte, ribeiro, 101°  
Passo, Corgo do — 93°  
Perdizes — v. Queimadas Perdizes  
Pernaibas — v. Entre as Pernaibas  
Pilatos — 73° (tábua)  
Piqueno, Sangradouro — 80°  
Piraputangas — v. Porapotangas.  
Pitas, ribeirão das — 106°, 106° (tábua)  
Pitombas, Sitio das — 70°  
Poço — v. Posso  
Ponte Alta — 80° (tábua)  
Pontes, Duas — v. Duas Pontes  
Porapotangas, ribeira — 88°  
Porrudos, Campo dos — 86° (tábua)  
Porrudos, rio dos — 86°  
Posso, corgo do — 93°  
Pouzo dos Bugres — v. Bugres  
Queimada das Perdizes — v. Queimadas Perdizes  
Queimadas Perdizes — 74° (tábua)  
Quimes. — v. Chapada ou Quimes. (sic), aldeia de (aliás, Guimarães)  
Raizama — v. Rayzama  
Raizama Grande — v. Rayzama Grande  
Raizama Pequena — v. Rayzama Pequena  
Raizama, ribeirão da — 81° (tábua)  
Raizama Piquena — 69° (tábua)  
Rancho do Capão — v. Capão  
Rancho do Corral — v. Corral  
Rancho do Servo — v. Servo  
Rayzama Grande — 69°  
Rayzama Piquena — 69°  
Regato Lage — v. Lage  
Ressacada, ribeira da — 108°  
Ribeira Porapotangas — v. Porapotangas  
Ribeira Porapotangas — v. Ressada.  
Ribeira do Barreiro — v. Barreiro  
Ribeira do Passa 20 — v. Passa 20  
Ribeiram d'Areya, corgo do — v. Areya

Ribeirão d'Areia — v. Areia  
Ribeirão da Raizama — v. Raizama  
Ribeirão das Almas — v. Almas  
Ribeirão das Duas Pontes — v. Duas Pontes  
Ribeirão das Fraliras — v. Fraliras  
Ribeirão das Frexinhas — v. Frexinhas  
Ribeirão das Frexas Grandes — v. Frexas Grandes  
Ribeirão das Lages — v. Lages  
Ribeirão das Ritas — v. Pitas  
Ribeirão das 3 Barras — v. Tres Barras  
Ribeirão de Bento Gomes — v. Bento Gomes  
Ribeirão de Francisco Manoel — v. Francisco Manoel  
Ribeirão do Caeté — v. Caeté  
Ribeiro do Formigueiro — v. Formigueiro  
Ribeirão do Inferno — v. Inferno  
Ribeirão do Lambari — v. Lambari  
Ribeirão do Passa Vinte — v. Passa Vinte  
Ribeirão do Servo — v. Servo  
Ribeirão Fundo — v. Fundo  
Ribeiro da Cachoeira — v. Cachoeira  
Ribeiro do Formigueiro — v. Formigueiro  
Rio Coxipo — v. Coxipo  
Rio das Mortes — v. Mortes, e Cotovelo do Rio das Mortes  
Rio dos Barreiros — v. Barreiros  
Rio dos Porrudos — v. Porrudos  
Rio Grande — v. Grande  
Rio Guaporé — v. Guaporé  
Rio Jauru — v. Jauru  
Rio Manço v. Manço  
Rio Paraguay — v. Paraguay  
Sabão, Morro do — 102º  
Sal e Salitre, Minas de — v. Minas  
Sangradouro do Mello — v. Mello  
Sangradouro Grande — v. Grande  
Sangradouro do Pe. Ignacio — v. Padre Ignacio  
Sangradouro Piqueno — v. Piqueno  
Santíssimo, Fazenda do — v. Santissimo  
Serra da Cachoeira — v. Cachoeira  
Serra do Paraguay — v. Paraguay  
Servo, rancho do — 105º  
Servo, ribeirão do — 106º  
Servo, sítio do — 105º (tábua)  
Sicurihú — 84º (tábua)

Sitio das Fraliras — v. Fraliras  
 Sitio das Pitombas — v. Pitombas  
 Sitio de Felis Gonçalves — v. Felis Gonçalves  
 Sitio do Caveyra — v. Caveyra  
 Sitio do Corralinho — v. Corralinho  
 Sitio do Pe. Fernando — v. Padre Fernando  
 Sitio do Servo — v. Servo  
 Sitio do Taquaral — v. Taquaral  
 Taquaral, Sitio do — 70º  
 Taquaral Grande — 72º (tábua)  
 Taquaral Piqueno — v. Taquiara (sic) Piqueno  
 Taquiara (sic) Piqueno — 70º (tábua)  
 Trahiras da Boavista — 93º (tábua)  
 Tres Barras — 82º (tábua)  
 Tres Barras, ribeirão das — 82º  
 Varge Grande — v. Grande  
 Vargea Formosa — v. Formosa  
 Vertentes — v. Junto das Vertentes  
 Vertentes do Cuyaba — v. Cuyabá  
 Vila Bela — v. Villa Bella  
 Villa Bella — 116º (tábua)

#### N O T A S

- 1 — Gilberto Freyre, **CONTRIBUIÇÃO PARA UMA SOCIOLOGIA DA BIOGRAFIA — O Exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII** — Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Lisboa, 1968, vol. I e II.
- 2 — Gilberto Freyre, o.c., vol. II, págs. 49 a 89. Luís de Albuquerque saiu a 17 de maio de 1772 do Rio de Janeiro. Chegou a 25 de julho a Vila Boa de Goiás, onde permaneceu até 27 de agosto. A 4 de outubro chegou a Cuiabá, onde permaneceu até 12 de novembro. A 5 de dezembro, finalmente, chegou a Vila Bela, capital da capitania que ia governar. Luís de Albuquerque foi o maior governador que teve a capitania de Mato Grosso. Segundo Estevão de Mendonça, "sua administração, estudada em conjunto, pode ser apontada como uma das mais brilhantes do período colonial".
- 3 — Em desacordo com o **Diário**, a **Tábua** dá como situados em Mato Grosso vários toponimos goianos, e vice versa. Inclusive Vila Boa consta na **Tábua** como situada na Capitania de Mato Grosso. Estão no mesmo caso Sítio Novo, Contagem de S. Barromeu (aliás, Bartolomeu), Arrayal de Santa Luzia, Ponte Alta, Furriel Mór, Segunda Ponte Alta, Mela Ponte, Sitio de Santo Antonio, Rio dos Patos, Engenho do Narigão, Ponte do Uruhú, Sitio de Antonio Ferreira Gomes, Botiti e Taquaral. Talvez o equívoco seja devido à denominação **Mato Grosso de Goiás** e, se for assim, a **Tábua** nos dá uma idéia da extensão dessa unidade ecológica na época. Já no século XVII existia a denominação, como se deduz da

notícia que sobre a morte do bandeirante Luís Castanho de Almeida (1671) dá o linhagista Pedro Taques — "Faleceu no ribeirão dos Guanicuns do Matto Grosso dos Goyazes, de uma flechada que lhe penetrou o vasio" (Nobiliarqula, I, 296). O nome de **Mato Grosso**, Capitania, surgiu depois, derivado da denominação **Mato Grosso dos Parecis**, que já se encontra em documento de 1735 com a forma **Mato Grosso dos Parecizes** (V. Antenor Nascente, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, vol. 2). Os topônimos mato-grossenses que a **Tábua** equivocadamente situa em Golás são os seguintes: Pilatos, Quelmadas Perdizes (ou antes, Quelmada das Perdizes), Corgo do Ribelram d'Areya, Cotovelo do rio das Mortes, Ribelrão Fundo, Sangradouro Grande, Campo da Lagoa Grande, Ponte Alta, Ribelrão da Raizama, As Três Barras, Junto das Vertentes, Sicurihu, Corgo d'entre as Pernaibas e Campo dos Porrudos.

- 4 — Roberto C. Simonsen na sua **História Econômica do Brasil** (1500/1820) publica uma carta do Brasil organizada pelo Cel. F. Jaguaribe de Matos que contém o trajeto da viagem de Luís de Albuquerque do Rio de Janeiro a Vila Bela.
- 5 — Como ressaltamos, a transcrição será "ipsis litteris". São registradas formas arcaicas, variante ou formas sincréticas e mesmo os erros contidos no **Diário** e na **Tábua** publicados por Gilberto Freyre.

**ESTA OBRA  
FOI INTEGRALMENTE  
COMPOSTA E IMPRESSA  
EM OFICINAS PRÓPRIAS DA  
GRAFICA DO LIVRO GOIANO LTDA.  
EDITORA ORIENTE  
RUA 82 Nº 456 - FONE 222-2906 - SETOR SUL  
GOLANIA - GOIÁS - 1977  
C E P - 74.000**



**249**

**PUBLICAÇÃO**

**EDITORA**

**ORIENTE**